

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**



**Dissertação**

**NI DE ACÁ, NI DE ALLÁ:  
memória e identidade de filhos de uruguaios residentes em  
Pelotas/RS**

**Ariel Salvador Roja Fagúndez**

**Pelotas, 2011**

**Ariel Salvador Roja Fagúndez**

**NI DE ACÁ, NI DE ALLÁ:  
memória e identidade de filhos de uruguaios residentes em  
Pelotas/RS**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da Universidade  
Federal de Pelotas, como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais**

**Professora orientadora: Dra. Lorena Almeida Gill**

**Pelotas, 2011**

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Beatriz Loner (UFPEL)

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra (UFPEL)

Profa. Dra. Lorena Gill (UFPEL)

Profa. Dra. Nuncia Maria Santoro de Constantino (UCPEL)

**DEDICATÓRIA**

Para mis viejos.

## **AGRADECIMENTOS**

**A professora orientadora Dr. Lorena Almeida Gill, pela sugestão do tema, pelo apoio constante e pelo mate em momentos difíceis.**

**Aos professores do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas pela contribuição para minha formação acadêmica.**

**A Maria Pia, Javier Luzardo, Eduardo Gozalbo, Janaína Guerra, Diogo Guerra, Paulo Roldan Pinto, Nicol Videla, Ana Gonzáles, por suas importantes contribuições sem as quais este trabalho não seria possível.**

**A minha esposa, Taiane Mendes Taborda.**

**A minha família. Esta também é uma pequena parte de nossa história.**

**A família Cambraia no Alegrete, onde tudo começou com o apoio do meu irmão brasileiro Mario Cambraia**

“Ahora sí puedo sentir mejor el dolor de la nostalgia  
Y me doy cuenta como duele la distancia  
Ahora sí me duele más imaginar la rambla Bulevar  
Y toda la salinidad de la vida Montevideana,  
Y ni hablar del boliche donde tomé alguna copa más de lo que debía  
Y salí mareado por alguna calle que siempre me llevaba al Barrio Sur,  
Y qué hablar de esas canciones que llevan el corazón?  
Como uno podría olvidar de Enero y Jaime Roos  
Ahora sí puedo sentir el dolor de la distancia,  
Ahora sí se rindió mi corazón!

Diogo Guerra.

## RESUMO

FAGÚNDEZ, Ariel Salvador Roja. NI DE ACÁ, NI DE ALLÁ: memória e identidade de filhos de uruguaios residentes em Pelotas/RS (2011). 127 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas.

A presença de imigrantes uruguaios no Brasil sempre foi uma constante, porém, teve momentos bem demarcados, como na década de 1970 quando houve o recrudescimento da ditadura militar naquele país. O Brasil foi o quarto destino em preferência desses imigrantes. Entre os fatores que podem explicar essa escolha estão o desenvolvimento econômico do chamado “Milagre brasileiro”, a proximidade espacial, a semelhança do clima e cultura gaúcha. Esta dissertação tem por objetivo analisar a presença e a trajetória dos filhos de uruguaios em Pelotas, observar as condições de vida no exterior, a leitura que muitos fizeram do panorama brasileiro à mesma época e analisar os mecanismos de manutenção da cultura e identidade. Para tanto se buscou identificar locais de reunião e entrevistar grupos de imigrantes a fim de construir narrativas, e assim, na intersecção do individual com o social, analisar a história de uma época e de um grupo.

Palavras-chave: imigração, ditadura, memória e identidade

## ABSTRACT

FAGÚNDEZ, Ariel Salvador Roja. NEITHER FROM HERE, NOR FROM THERE: memory and identity of Uruguayan children living in Pelotas/RS (2011). 127 f. Dissertation (Master Program). Social Sciences Post Graduation Program. Universidade Federal de Pelotas (Federal University of Pelotas).

The presence of Uruguayan immigrants in Brazil had always been a constant fact, however, there were very well-marked moments, such as in the 1970s when there was the upsurge of the military dictatorship in that country. Brazil was the fourth country in terms of preference for these immigrants. Among the factors which may explain such choice there is the economic development so-called “Brazilian miracle”, the spatial proximity, the similarity concerning the climate and the “gaúcha” culture. The present paper aims at analyzing the presence and the path taken by Uruguayans in Pelotas, observing the life conditions abroad, the understanding many had concerning the Brazilian reality in the same period and analyzing the maintenance mechanisms for culture and identity. In order to do that, we focused on identifying meeting places and interviewing groups of immigrants to have these memories shared and, therefore, considering the intersection between the individual and the social group, analyzing the history of a period and of a group as well.

Key words: immigration, dictatorship, memory and identity



## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>06</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>07</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO 1: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b>	
<b>Lo que és igual y un poco distinto.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2.1. Fué así... A metodologia.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2. Vienen del Sur los recuerdos: As entrevistas.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 3: O CONTEXTO HISTÓRICO</b>	
<b>Yo también me voy: El Uruguay que dejamos.....</b>	<b>52</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>4.1. El corazón mirando al Sur: a decisão de sair.....</b>	<b>68</b>
<b>4.2. Extraño conocido: O estranhamento.....</b>	<b>81</b>
<b>4.3. Yo te entiendo bien: A língua.....</b>	<b>90</b>
<b>4.4. Mi casa está en la frontera: viver em dois mundos.....</b>	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>5.1. La sopa de Mafalda: a ditadura.....</b>	<b>111</b>
<b>5.2. Yo no sé de onde soy: a autodefinição.....</b>	<b>119</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>125</b>

**FONTES..... 131**

**BIBLIOGRAFIA..... 132**

## INTRODUÇÃO

Estudos envolvendo identidade cultural e nacional em contexto de imigração têm se mostrado um tema de grande interesse para a área das Ciências Sociais, isto porque os deslocamentos populacionais, principalmente do final do último século, contribuíram para colocar em questionamento os costumeiros referenciais de identidade cultural. A literatura e a produção acadêmica voltadas para o assunto envolvendo estrangeiros no Brasil ocupa-se, geralmente, dos grandes deslocamentos de grupos étnicos vindos para o país nos séculos XIX e início do século XX. Em especial, dedicam atenção à imigração europeia ou asiática, analisando suas tradições culturais, formas de representação junto à sociedade de acolhida ou processos de definições de lugar na sociedade brasileira, bem como a contribuição dada por esses imigrantes na formação cultural de determinadas regiões do país, sejam elas rurais ou urbanas. Além do mais, as imigrações europeias conservam um certo *status*, são vistas como as responsáveis por trazer consigo os princípios do progresso e da civilização. Mesmo quando encontramos estudos que tratam dos imigrantes de outras etnias e culturas, como os asiáticos e africanos, estes apresentam o fascínio do exótico, do diferente, quase oposto.

No entanto, percebe-se uma lacuna em relação às imigrações de povos vizinhos de continente, latino-americanos, principalmente as populações platinas que mantêm vários aspectos, sejam sociais, econômicos, culturais ou étnicos, semelhantes aos nossos. O que se percebe é que gradativamente essa ausência vai sendo preenchida.

O trabalho em questão pretende refletir sobre a presença e a trajetória dos filhos de imigrantes uruguaios radicados em Pelotas, em especial entre aqueles que foram trazidos pelas mãos de seus pais ainda crianças ou nasceram no Brasil nas últimas quatro décadas do século XX. É inegável que esse estudo traz consigo vários aspectos que envolvem minha trajetória pessoal e familiar, como filho de imigrante, mas na medida em que ele foi tomando forma, foi possível observar vários elementos comuns com meus entrevistados.

Inicialmente o trabalho voltava-se apenas para o que se passou a denominar de “filhos da ditadura”, ou memória e identidade de uruguaios migrados durante “os anos duros”. Apesar das inúmeras dificuldades encontradas para definir com clareza o objeto de análise, os títulos iniciais já apontavam para a existência de uma construção de identidade feita no silêncio familiar, no campo do não dito, e que de alguma forma se estendeu a aqueles que não viveram diretamente as mesmas circunstâncias que os levaram a sair do país.

Essa geração de crianças e jovens tiveram suas vidas marcadas e sempre associada às questões políticas daquele país, pois esse era o tema central das conversas a cada retorno de final de ano. Portanto é um estudo que busca estabelecer uma análise sobre identidades a partir de memórias compartilhadas e sentimentos em comum. Soma-se a isso o imaginário que pode ter sido desenvolvido sobre os familiares, e as relações afetivas com a nacionalidade uruguaia que esses retornos suscitavam.

Em nossa família, radicada no Brasil, crescemos presenciado uma negociação entre os costumes dos dois países. Embora tenham predominado os costumes brasileiros - sou o único entre os quatro irmãos que nasceu no Uruguai - mantivemos alguns hábitos daquele país, manifestados na fala, na culinária, no gosto musical, de se vestir, ou mesmo na forma de ser. As comparações entre o “aqui” e o “lá” me fizeram acompanhar com muito interesse os acontecimentos que ocorriam nos dois países ao fim de seus regimes ditatoriais. Isso desenvolveu o gosto pessoal pela História, em especial sobre esse período que corresponde aos anos de 1960 e 1970, de implantação dos regimes autoritários, de lutas revolucionárias de caráter socialista, do contexto da Guerra Fria e como isso se manifestou no cotidiano dos cidadãos comuns.

Meu contato com essa temática foi inevitável: no Uruguai ou no Brasil, as memórias sociais dos uruguaios com os quais tive contato sempre contribuíram com relatos que instigavam minha curiosidade. A repressão política, a censura, os *allanamientos*, o exílio, o cotidiano do medo, a luta armada, em especial o movimento Tupamaro e seus feitos espetaculares.

Muito antes de pensar em cursar História pela Universidade Federal de Pelotas, recordo ter dito a meus primos Gustavo e Carlos Aquino, que pretendia escrever a História do Uruguai a partir da trajetória de uma família. Revirando minhas memórias, hoje noto que consciente ou inconscientemente segui essa

perspectiva. Além do fascínio natural que essa temática provocou, também geraram algumas indagações pertinentes: como esses acontecimentos foram vivenciados e compartilhados no grupo familiar? De que forma esses episódios repercutem em todos os uruguaios e principalmente nos que viveram a experiência da imigração forçada por essas circunstâncias? Como os filhos desses imigrantes acompanharam ou assimilaram todo esse processo?

Ao concluir minha graduação em Licenciatura em História, pesquisei o Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros. No entanto, para alcançar os desafios agora propostos, percebi que a História Oral se apresentava como uma alternativa metodológica adequada. Porém, mais do que analisar o período dos regimes ditatoriais no Uruguai e no Brasil, este estudo volta-se mais para as questões que envolvem imigração, identidade e memória, se inserindo num importante campo das Ciências Sociais e Humanas.

O desafio se mostrou enorme e encantador, pois mais do que questões acadêmicas é inegável a relação deste trabalho com as circunstâncias pessoais. Ele é resultado de minha própria história, da experiência de meus pais e familiares e que é compartilhada por um grupo com algumas vivências em comum, portanto ele se originou da busca pelo que se é.

Informações atualizadas do Departamento de Estrangeiros da Superintendência da Polícia Federal do Brasil apontam para 722 cidadãos de nacionalidade oriental em Pelotas. Os números com certeza não refletem a realidade, pois é notório que o contingente desses imigrantes na cidade é bem maior. Sobre os dados oficiais deve-se levar em consideração que o montante de uruguaios registrados no Sistema Nacional de Estrangeiros não leva em consideração aqueles que já obtiveram a naturalização ou estão em situação legal, como, por exemplo, o caso dos filhos de uruguaios nascidos e registrados em solo brasileiro.

Ao longo do trabalho, será visto que o registro dos filhos em solo brasileiro também se mostrou uma estratégia para garantir meios legais que auxiliassem os pais a permanecerem no Brasil. Este é outro elemento que colabora para questionar os números apresentados pela Polícia Federal, pois apesar de serem registrados como brasileiros legítimos ou naturalizados, pela legislação da República Oriental do Uruguai, desde que filhos de pais uruguaios estes continuam sendo considerados cidadãos daquele país conforme o seu sistema jurídico.

Com isso, estima-se que a colônia de *orientales* na cidade seja uma das maiores, se não a maior colônia direta, contanto com aproximadamente 3 mil integrantes, aproximadamente. Esses números apresentam variações por diversos motivos entre os quais sabemos que muitos imigrantes adotam Pelotas como ponto inicial de sua aventura no exterior, podendo seguir para outros lugares.

Outros, em caso de fracasso em sua primeira experiência no estrangeiro por problemas de adaptação ou falta de recursos, não teriam maiores dificuldades para retornar, haja vista que a cidade de Pelotas está localizada na metade Sul do Rio Grande do Sul e integra parte de um conjunto de municípios que fazem fronteira com o Uruguai. Entre eles estão Sant'Ana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí, Bagé, Jaguarão, esta última é justamente a fronteira mais próxima com o país vizinho, localizada a 140 km de Pelotas.

Mais um aspecto importante é demonstrar que essa migração se caracteriza por sua destinação urbana. Muitos vieram em boas ou razoáveis condições econômicas, alguns com emprego garantido e com um capital intelectual que lhes permitia vantagens no mercado de trabalho na disputa por vagas com os nacionais brasileiros, outros se dedicaram a atividades informais lucrativas, mesmo assim arriscado e restrito devido a questões legais.

A proximidade geográfica, que reduzia os custos para iniciar a experiência migratória, é um dos elementos que pode explicar a presença significativa desta nacionalidade na cidade, mas também é relevante avaliar, entre aqueles que vieram nos anos de 1970, como era migrar de uma ditadura a outra. A presença de povos latino-americanos no Brasil não se constitui propriamente em uma novidade, no entanto é perceptível o aumento desse aspecto no período referido, quando os regimes ditatoriais foram implantados em diversos países do continente, motivando a saída de seus cidadãos em número significativo, tanto por questões políticas quanto econômicas.

É sabido que nesse momento o Brasil também vivia anos de restrições democráticas (1964-1985), mesmo assim, conforme dados levantados por Wonsewer e Teja (1985), o país era o quarto em preferência pelos imigrantes uruguaios, ficando atrás de Argentina, Estados Unidos e Austrália, respectivamente. Estudos envolvendo processos migratórios geralmente tratam o fenômeno como um movimento que envolve geralmente populações empobrecidas, porém, como foi anteriormente destacado, muitos deles possuíam alto grau de instrução e formação

técnica, o que se mostrou conveniente ao Brasil que estava em pleno desenvolvimento de sua infraestrutura.

Evidentemente que as redes sociais formadas por imigrantes vindos em etapas anteriores, principalmente familiares, também serviu como polo de atração para a cidade. Embora também existam imigrantes daquele país no meio rural, esse não foi o enfoque deste trabalho.

A escolha por trabalhar com filhos de imigrantes surge como uma alternativa de alargar o debate sobre identidades, visto que os pais é que podem ser considerados os imigrantes diretos; foram eles os primeiros a romper barreiras. A luta pela inserção na sociedade de acolhida foi amenizada pelos *pais-pioneiros*, disso também resulta o interesse em averiguar um dos aspectos da autorrepresentação, a forma como esses filhos avaliam suas trajetórias e de suas famílias.

A pesquisa apoia-se na ideia de que os filhos, por terem vindo em idade muito precoce, crianças ou adolescentes, outros, inclusive, nasceram nos primeiros anos em que chegaram ao Brasil, e somadas a operações seletivas da própria memória, que limitam as possibilidades de recordar um passado uruguaio, não mantiveram lembranças de episódios vividos em suas infâncias na terra natal, só puderam contar com as memórias transmitidas pelos familiares adultos. Estes indivíduos desenvolveram formas diferenciadas de identificação com sua(s) nacionalidade(s), talvez maior do que o imigrante adulto, que tem em geral essas questões melhor resolvidas.

Essa segunda geração cresceu no estrangeiro, no país de destino e, por consequência, tem mais tempo de convívio com os costumes e História do Brasil do que com a do país de origem, mesmo assim alguns elementos da cultura uruguaia se fazem sentir para justificar comportamentos, atitudes, idiossincrasias. Os filhos, hoje homens e mulheres adultos na faixa entre os 35, 40 a 50 anos de idade, demonstram em determinadas circunstâncias inquietude no momento de autodefinir sua identidade nacional; isso não lhes resulta uma tarefa simples de explicar. Embora não possa configurar uma crise de identidade, pois estão muito bem assimilados e integrados no país de acolhida, em alguns casos, dependendo do contexto que envolveu a vinda para o Brasil, essas inquietações se tornaram maiores, como entre aqueles que vieram com seus pais no período da ditadura cívico-militar no Uruguai (1973-1985), e ainda jovem tiveram seu cotidiano

transformado pelas conjunturas enfrentadas em sua terra natal, que os forçou a migrarem com seus familiares sem ter o direito de escolha. Foram conduzidos pela mão de adultos, outros deixados a sós a cargo de familiares até que os pais pudessem levá-los com segurança até o destino escolhido. Essas circunstâncias formaram parte de uma experiência de vida pouco avaliada. São, como afirmei, memórias construídas de retalhos, no silêncio familiar e que também formaram a bagagem pessoal na qual cresceram esses filhos de imigrantes e assim foram conformando a própria identidade intercultural.

Parto desse ponto, a migração em idade precoce e as circunstâncias da saída, para elaborar o seguinte questionamento: Teriam esses fatos influenciado na construção de uma nova ou na manutenção da identidade cultural e nacional?

Assim, neste trabalho busco refletir sobre a presença, memória e identidade de imigrantes uruguaios residentes em Pelotas, vindos para o Brasil nas últimas quatro décadas do século XX. Centro minhas considerações principalmente sobre os filhos desses imigrantes, buscando demonstrar a constituição do caráter híbrido de suas identidades nacionais e culturais. Interessa aqui apresentar e discutir como esses indivíduos se constituíram negociando constantemente entre dois universos. Para tal, foi necessário excursionar por diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a História, a Ciência Política, entre outras como a linguística.

Dedico o primeiro capítulo a algumas considerações sobre identidade e diferença em contexto de imigrações, na atual conjuntura pós-moderna, abordando a construção dessa identidade em região de fronteira, adotando o conceito proposto por Boaventura Santos, como local de aproximação e de trocas, contribuindo para a formação de indivíduos e culturas híbridas como nos descreve Hall. Abordo a temática da resignificação da identidade a partir da territorialidade e como essas se constituíram ao longo do tempo em torno do que passou a se denominar cultura gaúcha.

No segundo capítulo trato das questões metodológicas, uma vez que a pesquisa centrou-se na construção de fontes orais, expondo os critérios que levaram à definição da rede de entrevistados, em sua maioria filhos de imigrantes. Busco também demonstrar que a História Oral temática traz intrinsecamente elementos de construção e registro da memória, que por sua vez alicerçam elementos de identidades individuais e coletivas, possibilitando a investigação de experiências



vivenciadas por grupos humanos que em geral não se encontra em documentação oficial. Descrevo o universo da pesquisa, os colaboradores e suas trajetórias, bem como as implicações resultantes de ser ao mesmo tempo pesquisador e parte do objeto. Essas apreciações servirão de base para reflexões nos capítulos seguintes, onde suas narrativas serão analisadas a partir de diversos temas.

No capítulo três, trato de um breve histórico sobre o contexto político e social do Uruguai no período de que se ocupa este estudo, com o propósito de subsidiar considerações a respeito da constituição da identidade, as quais serão aprofundadas no capítulo subsequente, onde pondero, a partir dos relatos dos colaboradores sobre suas vivências, tratadas a partir de temas, apontando para as vantagens e desvantagens do hibridismo cultural, do viver em fronteira e a singularidade de ter dois universos culturais em constante negociação. Merece atenção a singularidade da experiência migratória contemporânea em especial entre os filhos de imigrantes.

No capítulo quatro e cinco, apresento trechos de entrevistas que embasam considerações acerca do objeto de análise. A divisão em dois capítulos, tem por objetivo estabelecer uma distinção entre os relatos conforme as circunstâncias da saída.

## CAPÍTULO 1

### CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

#### **Lo que es igual y un poco distinto**

Atualmente o interesse em torno das questões que envolvem identidade e diferenças encontra-se no centro da teoria social e visam nortear as práticas políticas da chamada “pós-modernidade”. Segundo Rocha-Trindade (2006, p. 75) a importância pela recriação das identidades em contextos das migrações contemporâneas deve-se, entre diversos aspectos, à ruptura com posicionamentos etnocêntricos e posturas em favor da diversidade e respeito aos direitos humanos, de renúncia a práticas xenófobas e racistas.

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea com o fenômeno da pós-modernidade, ou modernidade tardia, na definição de Hall (2006), também afetaram o(s) indivíduo(s), uma vez que seus tradicionais referenciais foram alterados. Os costumeiros referenciais de identidade (a nação, a família, o trabalho, a cultura) se encontram em contestação com a emergência de novos grupos e valores. Trata-se de questões que afligem o homem da sociedade contemporânea, com visão cosmopolita, cidadão do mundo, como alguns entrevistados vão se declarar. O conjunto dessas transformações é um dos aspectos da designada globalização, e que para muitos autores das ciências sociais é um importante componente do deslocamento das identidades nacionais, culturais e de classe. O teórico cultural jamaicano aponta nesse sentido quando denuncia que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (Hall, 2006, p. 9).

Também é relevante destacar que qualquer estudo que se dedique às questões que envolvam a temática da identidade e da diferença, seja ela nacional ou cultural é por excelência um estudo interdisciplinar, posto que se destina a entender sujeitos multifacetados.

No entanto, nas ciências sociais tem se observado uma certa resistência quando se procura trabalhar com conceitos demasiadamente complexos e pouco desenvolvidos como o de “identidade”. É o que se pode observar das palavras de Boaventura Santos (1997, p. 136) quando adverte:

O que sabemos de novo sobre os processos de identidade e de identificação, não sendo muito, é, contudo, precioso para avaliar as transformações por que está a passar a teoria social em função da quase obsessiva preocupação com a questão da identidade que tem vindo a dominá-la nos últimos tempos e que, tudo leva a crer, continuará a dominá-la na década entrante.

Em concordância com o autor, entende-se que sair da zona de conforto instigando provocações é um primeiro passo para se superar estas dificuldades. Nas Ciências Sociais, bem como em outras áreas das ciências humanas, várias mudanças têm acontecido nos últimos anos, porém,

Como se calcula, as dúvidas são acima de tudo sobre se o que presenciamos é realmente novo ou se é apenas novo o olhar com que presenciamos. Estamos numa época em que é muito difícil ser-se linear. Porque estamos numa fase de revisão radical do paradigma epistemológico da ciência moderna, é bem possível que seja sobretudo o olhar que está a mudar.<sup>1</sup>

Sendo assim, este trabalho se propõe a explorar algumas dessas questões sobre identidade, principalmente cultural. Tomaz Tadeu da Silva (2008) alerta que, embora os assuntos relativos ao multiculturalismo e da diferença já podem ser considerados reconhecidos nas áreas da teoria pós-crítica, muitas vezes essas questões continuam a ser tratados como “objetos transversais” ou secundários nas pesquisas sociais e com isso contribuem para deficiências no campo teórico. O autor argumenta que de uma forma geral “o chamado multiculturalismo apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e diferença” (SILVA, 2008, p. 73). Entende que o tema não deve esgotar-se apenas

---

<sup>1</sup> *Op.cit.*, p. 144.

nessa perspectiva e aponta para a importância da problematização com relação às razões da *produção* da identidade e da diferença, que venham a ressaltar suas implicações políticas, do que está em jogo nesse processo de produção.

Outros campos como a literatura, o cinema, o teatro, as artes de uma maneira geral, têm sido mais afortunados em tentar traduzir esse fenômeno de culturas mestiças e indivíduos híbridos. A título de exemplo, pode-se citar o trabalho da linguista Maria Jandyra Cunha que se dedica a analisar em literatura temas que envolvam identidades em contexto de imigração. Cunha usa a metáfora da identidade em pentimento, mostrando que as memórias anteriores à imigração, geralmente da infância, - fase da vida em que se aprende a primeira língua e se desenvolve a vida íntima, as funções emotivas da linguagem -, jazem sobre novas formas de autorrepresentação que foram adquiridas nos locais de destino e terminaram por configurar algo novo, um sujeito novo, mas essas *marcas* pretéritas continuam lá, estão subjacentes, adormecidas, contudo sempre prontas para se fazerem ver e ouvir.

A autora faz uma interessante apreciação quando aborda questões envolvendo idioma, identidade e etnicidade que estão entrecruzadas e inseridas no amplo tema da migração. Tomando como referência a obra de Esmeralda Santiago, *Quando era puertorriqueña*, Cunha demonstra que a escritora caribenha, radicada nos Estados Unidos, teve uma longa e enriquecedora trajetória em sua “migração temporal (da infância para a adolescência), geográfica (de Porto Rico para Nova York) e linguística (do espanhol para o inglês)” (CUNHA. 2007, p. 13). Essa mesma análise sobre os deslocamentos populacionais de um país a outro concorda com os argumentos de Abdelmalek Sayad (1998), ao descrever algumas considerações sobre o processo:

Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; [...] Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc. (SAYAD: 1998. p. 15).

Pode-se afirmar que esse mesmo caminho também foi percorrido por alguns dos protagonistas desta pesquisa. Eles igualmente empreenderam uma migração temporal conforme a fase da vida em que ocorreu o deslocamento, uma migração geográfica, de um país a outro e linguística, do espanhol para o português. Mesmo

que o choque cultural entre platinos e brasileiros possa ser considerado menor do que caribenhos e estadunidenses, é possível estabelecer algumas semelhanças entre esses processos migratórios.

Para analisar a migração temporal, se faz necessário um maior domínio de questões que envolvem aspectos psicológicos, o que torna a tarefa desafiadora, tanto mais quando se adentra numa seara pouco dominada. O aspecto geográfico assume importância e não deve ser dissociado do primeiro, principalmente quando tratamos de jovens migrantes que saíram de uma capital, como Montevideu e tiveram que se instalar em cidades pequenas do interior do Rio Grande do Sul. Para outros, que vieram do interior do Uruguai, o choque não foi menor, pois não existem no interior daquele país cidades com as dimensões de Pelotas ou Santa Maria, apenas para citar dois exemplos<sup>2</sup> presentes nas entrevistas.

Quanto à transição linguística, sabemos que ela tem um aguçado componente de representação, pois a primeira língua, a língua mãe constitui um forte elemento de identidade nacional e cultural. Mas o que ocorre com indivíduos que assimilaram simultaneamente dois idiomas em sua infância a ponto de serem considerados bilíngues? Em que medida sofreram ou ainda sofrem, o preconceito linguístico que muitas vezes foi sentido por seus pais? Bem como em qual país sentem mais esse preconceito? Em geral os pais ficaram no entre-lugar de idiomas, são falantes de um *portunhol* ou *espaguês*, quase um dialeto próprio originado do contato entre essas duas línguas, muito comum em regiões de fronteira e que originam o que os linguistas consideram como um terceiro idioma denominado *pidgin*.

Seguindo nessa perspectiva, também corroboram as afirmações de Renate Viertler (2006, p. 47), quando nos diz:

O problema da identidade pode ser explorado tanto focalizando um indivíduo concreto, como o faz a Psicologia, quanto um grupo, como o fazem as Ciências Sociais. Em ambos os casos, baseamo-nos na crença de

---

<sup>2</sup> A República Oriental do Uruguai possui uma superfície territorial de 176.215 km<sup>2</sup>, abrangendo a porção sul do continente americano, limitado ao norte com o Brasil, a Oeste pela República Argentina e a Leste banhado pelo Oceano Atlântico. O país possui uma população de pouco mais de 3 milhões de habitantes, segundo o censo de 2007. A maioria da população concentra-se na capital, Montevideu. Em termos administrativos, o país está dividido em 19 departamentos entre os quais o de Canelones, na periferia da capital é o segundo em densidade populacional com um pouco mais de 485 mil habitantes, Colônia, Maldonado, Paysandu, Salto e San José são os demais departamentos que superam os cem mil habitantes. <http://www.ine.gub.uy/socio-demograficos/pobhogyviv2008.asp>, acesso em 06/02/2011.

que haja uma natureza humana subjacente a tantas e tão variadas manifestações.

Também é importante ressaltar que a produção da identidade e da diferença não podem ser dissociadas das diversas relações de poder, as quais estão imbricadas. O que está em disputa e o que se pretende quando se reafirma ou se reivindica uma identidade? Hall afirma que “*dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções*”, (2006, p.13), portanto elas são intensamente produzidas, uma vez que não nascem com o indivíduo elas são produto das relações sociais e culturais. Somos nós que as criamos e as produzimos conforme as circunstâncias e interesses. A identidade não é, portanto, inata e muito menos estável ao longo da vida, é uma construção que se faz em oposição ao outro (CUCHE, 2002), ou como afirma Rocha-Trindade (2006, p. 75):

Todas estas questões giram em torno da oposição dual entre *identidade e alteridade*: isto é, entre o nosso sentimento de pertença a um determinado grupo, comunidade, nação ou organização – e o reconhecimento de que existem outros indivíduos, diferentes de nós, não incluídos nesse conjunto singular.

Disso resulta um dos aspectos importantes e relevantes no estudo referente a identidades. Nele está contido um jogo de interesses e negociações que podem estar na base da chamada *crise de identidade*, questionada por Hall (2006). Discutir identidades é procurar entender como o indivíduo se relaciona com essa dinâmica multifacetada entre seus diversos interesses, com os quais ele cotidianamente negocia e transita, na constante luta por inserção, associação e inclusão. É o que pode ser percebido no discurso de alguns dos colaboradores quando vislumbram a possibilidade de tirar proveito de sua dupla cidadania ou quando demonstram preocupação em estender essa condição a seus filhos. São essas vivências que este estudo busca apreender.

Sabe-se que a questão da identidade é relacional e que é construída pela diferenciação, sendo do mesmo modo marcada por símbolos (WOODWARD, 2008), os quais também são culturais e socialmente construídos. Dessa forma, essas construções tanto podem ser celebradas, em suas diversas formas de manifestações do grupo, dando-lhe visibilidade, quanto também podem ser problematizadas, questionadas. Os deslocamentos humanos que se fazem em territórios de fronteira tendem a produzir um cenário de fusão, formado pelas

múltiplas experiências pessoais e coletivas e assinaladas por vivas dinâmicas socioculturais onde os objetivos principais são a busca por garantias de sobrevivência e pertencimento social.

Para Castells (1999, p.23), toda identidade é resultante de uma construção de significados associada às experiências de um grupo.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

Como será visto, nessas relações de poder entram em pauta negociações de identidade nacional-cultural que se tornam evidentes na fala de alguns de nossos entrevistados, expressa através da luta e barganha por seus direitos como cidadãos ou integrantes de uma comunidade. No entanto, essa identificação também é negociável quando se definem ora de uma, ora de outra forma. E o que pretendem apontar quando usam expressões como: “cidadãos do mundo”, “latino-americanos”? O não pertencimento, a sensação de pertencer a lugar algum?

A fronteira é o não-lugar, difuso, miscigenado, que permite esse traslado constante. A disseminação dos indivíduos em contexto de migração por diversas regiões do planeta geram novas identidades, identidades sem nacionalidade definida, pois não podem ser conferidas a uma única origem (WOODWARD; 2008).

A mobilização pelo reconhecimento da diferença é uma constante e complexa transação de valores, que busca legitimidade nos hibridismos culturais que irrompem em contextos de transformações históricas.

Vivemos esse momento de integração regional de mercados comuns, de incorporação da economia em escala mundial, porém com insuficientes ou precárias abordagens sobre os aspectos culturais que estão imbricados nessas relações e que possam dar conta do que somos em meio a esse processo, já que as dinâmicas do mercado, do capital, não atendem a essas demandas. É perceptível que a recíproca não é a mesma, uma vez que a integração econômica em muitos casos é limitada pelos aspectos culturais. O atual fenômeno da globalização traz para o movimento migratório importantes contradições. Enquanto a lógica econômica exige livre

circulação de capital e investimentos, a mobilidade de pessoas encontra severas restrições.

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de “expulsão” dos países pobres é mais forte do que o fator de “atração” das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. O movimento global do capital é geralmente muito mais livre que a mobilidade do trabalho (WOODWARD, 2008, p. 21).

A globalização não pressupõe a constituição de um mercado de trabalho global. A incorporação de imigrantes no mercado de trabalho, em muitos casos, é limitada por fatores culturais e institucionais. Este é o cerne que envolve disputas, relações de poder na construção de identidades e diferença. Dessa forma, ganham relevância questões como o que significa, por exemplo, ser uruguaio, brasileiro, argentino, chileno ou paraguaio numa região de hábitos culturais comuns e com estruturas econômicas e sociais diferentes?

Os personagens que aqui contribuíram com suas narrativas pessoais também demonstram não ser nada contraditório ter identificação<sup>3</sup> *gaúcha* reconstituindo identidades a partir do território, já que o Rio Grande do Sul junto com o Uruguai e a Argentina constituem o mito de “la pátria gaucha”, ou a “pátria do mate”, na melhor tradição descrita por Benedict Anderson (2008).

Pode-se supor que em menor grau e guardadas as proporções, a *identidade gaúcha* também se constitui em uma comunidade imaginada, na medida em que também existe um mercado editorial difusor de uma literatura onde, apesar dos históricos conflitos entre estados, essas narrativas reforçam a ideia de uma nação sem fronteiras, sem limites, onde a irmandade regional se daria por valores e ideais comuns, constantemente reforçada nos cantos populares e nativistas como a composição “Orelhano”, de Mário Eleú Silva, tão bem interpretada por Dante Ramon Ledesma, ou ainda através de uma considerável produção literária, que transpõe

---

<sup>3</sup> Identificação e identidade: Hall (2006) argumenta que a identidade é construída inconscientemente ao longo do tempo, sendo sempre incompleta e por isso em constante construção, por isso o autor considera mais adequado usar o termo identificação. “A Identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida”, a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.” (HALL, 2006, p.39)



limites nacionais, supondo uma comunidade gaúcha, que compartilha hábitos, costumes, valores e linguagens.

É exemplo, um romance como *Martin Fierro* de José Hernandez, editado em 1872, e que curiosamente é uma obra que se opõe à campanha civilizadora do presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento, e que por isso mesmo lhe custou o exílio em Santana do Livramento.

Vale lembrar que o Rio Grande do Sul e o Uruguai compartilham personagens históricos comuns, que reforçam mitos fundadores, como Aparício Saraiva, considerado o caudilho de duas pátrias, e que tem justamente um monumento erigido com essa epígrafe na praça internacional de Sant'Ana do Livramento/Rivera. Esses são aspectos que tiveram em alguma medida a capacidade de gerar sentimentos que foram diluindo o estranhamento, possibilitando ao imigrante platino aquerenciar-se com maior facilidade à região que será tanto maior entre seus filhos, uma vez que este foi o espaço onde viveram a maior parte de suas vidas gerando o que podemos denominar de identidade territorial como nos diz Tânia Zapata (2007, p. 24)

Território é um espaço socialmente organizado. Território significa espaços e fluxos, ou seja, lugares e pessoas interagindo. Território significa uma identidade histórica e cultural. São fluxos econômicos, sociais, culturais, institucionais, políticos, humanos. São atores inteligentes organizados que podem fazer pactos, planos, projetos coletivos.

A tradição cultural do Rio Grande do Sul alimenta esse mito da pátria gaúcha com argumentos que valorizam a contribuição dos povos platinos na formação da identidade regional. Uruguaios e argentinos são inclusive designados como “hermanos” entre a população local, e que gera um sentimento de pertencimento construído a partir dessa territorialidade, reforçando afinidades dos dois lados da fronteira.

Portanto, neste caso pode-se dizer que estes imigrantes de alguma forma são assimilados. Vistos sim como “outros”, os de fora, mas não totalmente estranhos.

Em uma concepção subjetivista “[...] a identidade etno-cultural não é nada além de um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau” (CUCHE, 1998, p. 181), porém tal abordagem deve levar em consideração o contexto relacional. “Somente este contexto poderia

explicar porque, por exemplo, em dado momento tal identidade é afirmada ou, ao contrário, reprimida” (CUCHE, 1998, p.181).

Dessa forma, o autor conclui que seria mais adequado adotar o conceito operatório de identificação do que o de identidade. Mas se esse processo de identificação se faz numa relação dialética com o outro, continua pertinente a pergunta: Como estabelecer uma diferenciação entre culturas próximas? E indo além, existe uma nostalgia por uma terra da qual pouco vivenciaram e que se mantém viva na expectativa de um provável retorno? Mesmo quando isso ocorre, pode-se perceber que cada uma dessas etapas, o convívio no local de acolhida e voltar à terra natal, supõem e produzem diferentes estranhamentos?

Santos afirma que quem se questiona pela sua identidade, em geral está “numa situação de carência e por isso de subordinação” (SANTOS, 1997, p. 135). Sem dúvida que esta em geral é a situação do imigrante, seja por questões legais, envolvendo documentação que lhe permita um exercício maior de seus direitos, seja por motivos financeiros, de como se produz sua inserção no mercado de trabalho ou de outra natureza. Mas também é possível, como destaca, Martins (2002, p. 128) considerar o migrante não apenas como uma vítima, mas também como alguém que se beneficia dessa condição; afinal, migrar sempre significa um recomeço.

A sociedade “hospedeira”, em alguns casos, representa a busca pela concretização de projetos de vida, ou obter oportunidades que no país de origem seriam menores, quando não inviáveis. Portanto, é possível deduzir que uma maior ou menor identificação está relacionada com o alcance ou não desses projetos pessoais. Quem, ao contrário, não tiver a mesma sorte restará continuar como errante, e naturalmente sofrerá com mais intensidade os efeitos do desenraizamento. Para esses, nem mesmo o retorno à terra natal representará uma fácil reintegração. Em tal processo, em geral, quem sai não é o mesmo que retorna. Martins (2002, p. 143) conclui que: “Quem parte é um, quem volta é outro”.

Na luta pela conquista desses projetos pessoais entram em cena outros elementos que passam a ter seu peso na questão da identidade tanto individual quanto dos grupos. Seyferth (2002, p. 16) demonstra que as divisões de classe, em muitos casos se sobrepõem às identidades étnicas ou nacionais, como poderá ser observado, no caso dos uruguaios residentes em Pelotas. Esse aspecto pode estar presente na dificuldade de manter e organizar locais de reunião ou formas de

representação do grupo que lhe conferem notabilidade como é o caso do *Departamento Veinte*<sup>4</sup>, por exemplo.

Nisso o que também deve ser levado em consideração é a questão da maior ou menor inclusão que o indivíduo alcança na comunidade de destino. Compreende-se que a inserção numa sociedade com pleno gozo de direitos civis e políticos é um elemento importante no processo de identificação. Pode-se alegar, então, que muito mais do que a “reinclusão” no mercado de trabalho, igualmente está em jogo a inclusão como cidadão, uma vez que estas permanecem embasadas no conceito de cidadania e participação política, pois como afirma Hall (2006, p. 49), “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam de *ideia*, da nação tal como representada em sua cultura nacional”.

No que diz respeito à comunidade receptora, é importante lembrar que esta também é afetada pela presença do outro. Isso corrobora com as ideias de Woodward (2008), quando destaca que as identidades tanto podem ser desestabilizadas quanto desestabilizadoras, pois esta também pode vir a assimilar aspectos estrangeiros que passam a compor parte de sua paisagem cultural, podendo-se dizer que se trata quase de um mimetismo. Martins destaca que, no processo das migrações, igualmente há uma migração cultural.

[...] é uma curiosa migração de ritos, de componentes culturais, sons, ritmos, sabores, etc., das culturas de origem de que as pessoas foram desenraizadas. O que isso significa? Por que as pessoas querem preservá-los? [...] Esse transplante cultural, esse apego àquilo que a mudança está tentando destruir ou isolar, o que significa? (MARTINS, 2002 p. 135).

Isso pode ser comprovado quando se observa que a presença da colônia de uruguaios em Pelotas foi e é tão marcante, que a cidade já incorporou vários elementos da cultura do Prata, perceptíveis na culinária e gastronomia local, com a tradição das já consagradas *parrilladas*, padarias, pizzarias, lancherias que reforçam

---

<sup>4</sup> O Uruguai conta ao todo com 19 departamentos, sendo o *Departamento Veinte* criado para representar os uruguaios no exterior. Pelotas possui uma colônia de aproximadamente 3 mil uruguaios. Esses números não são muito precisos em razão da flutuação constante desses imigrantes. Muitos utilizam a cidade como ponto de apoio para seguir adentrando ao Brasil, pois a cidade é a maior antes de Porto Alegre, ou então como base de experiência. Uma vez não adaptados, é fácil retornar. Mesmo assim, o número significativo dessa comunidade levou o governo do Uruguai a autorizar a instalação de um Consulado em Pelotas. Uma das maiores lutas do *Departamento veinte* é garantir o direito de voto aos uruguaios residentes no exterior, nesse sentido, foi realizado em 2006 o *1º Encuentro Mundial Del Consejo Consultivo*, em Montevideu, com a presença de dois de nossos entrevistados.

o slogan “tipicamente uruguaia” assim como em diversas manifestações artísticas e folclóricas, tais como o gosto local pelo tango e na música com a presença de cantores uruguaianos residentes em Pelotas, ou de constante passagem, e dessa forma contribuindo com a mescla de ritmos e hábitos. Essa integração bem sucedida possibilitou o surgimento de identidades recriadas, para usar a expressão de Maria Beatriz Rocha-Trindade (2006), que se processam no tempo, entre a comunidade imigrada, que trouxe sua “bagagem” cultural e a adoção de elementos da comunidade receptora.

Atualmente, Pelotas conta com um Consulado do Uruguai, o que demonstra o quanto a cidade também é referência para o país vizinho, como local de destino de muitos de seus cidadãos.

Todas essas manifestações e locais de resignificação da identidade compõem, no entendimento de Martins (2002), formas de resistência ao avanço dos efeitos descentralizadores da autorepresentação imposto pela modernização globalizada.

A atual conjuntura, possibilitando grande mobilidade populacional, seja pela migração, pelo turismo ou mesmo por intercâmbios entre estudantes, além da diversificação das comunicações e informações, quebraram barreiras pondo em evidência e testando a capacidade do gênero humano em se ajustar a situações de alteridade múltipla. O movimento migratório cumpre desta forma importante função de integração, de formação de uma sociedade multicultural, o que nos leva a imaginar não só indivíduos, mas também culturas híbridas.

São a conjugação de todos esses elementos que conduzem a um intercâmbio, a uma relação com o outro, originando as comunidades caracterizadas pela composição de aspectos comuns e diferentes de duas ou mais nacionalidades, comunidades tipicamente de fronteiras, compreendidas a partir da expressão de Bhabha (2007), como local, o ponto onde algo começa a se fazer presente.

Bhabha entende o lugar da cultura como o interstício, entre o aqui e o lá, que envolve espaço e tempo. Daí residem as complexidades em analisar as preocupações do presente, pois este, por si só já é o limite, a fronteira entre tempos, passado – futuro.

O presente não pode ser mais encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. Diferentemente da mão morta da história que conta as contas do

tempo sequencial como um rosário, buscando estabelecer conexões seriais, causais, confrontamo-nos agora como o que Walter Benjamin descreve como a explosão de um momento monádico desde o curso homogêneo da história, “estabelecendo uma concepção do presente como o ‘tempo do agora’” (BHABHA, 1998 p. 23).

Nesses deslocamentos populacionais, a ideia do movimento é a própria metáfora das transformações que têm contribuído para exacerbar essa crise de identidades. José de Souza Martins (2002) considera comum o atual processo migratório. O sociólogo afirma que é uma característica do sistema capitalista a destruição de todas as relações que se interponham em seu natural desenvolvimento. Com o avanço nas tecnologias de produção, as relações de capital-trabalho sofreram significativas alterações e entraram em uma nova etapa no final do século XX. A necessidade de se deslocar de seu lugar de origem está associada à reduzida perspectiva financeira ou à maior demora do trabalhador em conseguir se recolocar e até de se inserir no atual mercado de mão-de-obra. Essas transformações são alguns dos aspectos da modernidade tardia, e que para muitos autores das Ciências Sociais são um importante componente do deslocamento das identidades nacionais, culturais e individuais.

Cuche (1998) sustenta que a problemática referente à cultura e identidade situa-se no contexto de enfraquecimento do Estado-nação e à globalização da economia. Os fluxos migratórios contemporâneos tem se mostrado mais complexos do que seus antecedentes dos séculos XIX e início do século XX. Com a nova integração econômica, tem se verificado que os Estados Nacionais perderam peso frente aos interesses financeiros das grandes corporações, afetando os interesses de seus cidadãos nos mais diversos níveis.

Os deslocamentos populacionais, embora não sejam propriamente uma novidade, se configuram num dos fatores de maior repercussão sobre as identidades nacionais e culturais. Hall lembra que a globalização não é um evento recente, no entanto, a partir da década de 1970, “tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações” (2006, p. 68, 69).

É evidente que as migrações por si só não são as únicas responsáveis por essa crise de autoreconhecimento. Elas apenas são mais um entre os diversos aspectos que caracterizam nossa época e que se expressam através de um

sentimento de mal-estar ou de angústia, descrito por Hall (2006. p.48), de que no imaginário moderno é praticamente inconcebível pensar um indivíduo sem nação. A nacionalidade passou a ser entendida como parte integrante e determinante do “ser” humano sendo um atributo que o distingue entre outros. Essa ideia é tomada como algo evidente, natural, e é justamente isso algo inquietante para o autor, pois entende que não o é. Se a identidade não é nata, supostamente o mesmo deveria ocorrer com a nacionalidade. No entanto entende-se que o sujeito sem uma identificação nacional passa a viver uma perda subjetiva, decorrendo disso a necessidade de querer encontrar-se, de buscar um pertencimento.

Pode-se considerar que esse sentimento de perda, essa carência subjetiva, é atribuída em grande medida ao esvaziamento do poder do Estado, acentuado no final do século passado com o avanço das reformas neoliberais e a concomitante derrocada do socialismo real, que contribuiu para fragilizar a expressão e o exercício da cidadania. Montenegro (2010), faculta às transformações da modernidade a “substituição” dos padrões éticos pelo interesse próprio como um dos “mais graves prejuízos a serem enfrentados” (p. 7). No caso dos Estados sul-americanos, esse processo já vinha se estabelecendo desde a implantação dos regimes ditatoriais das décadas de 1960 e 1970.

As suspensões das formas democráticas de representação vedaram ao cidadão a possibilidade de participar, decidir, debater sobre o modelo desejado de desenvolvimento econômico e social e, ao ter reduzida sua participação, restringiram-se suas expectativas. Embora na atualidade o momento político seja outro, as incertezas das medidas econômicas impostas pelo neoliberalismo provocam efeitos similares.

No caso uruguaio, segundo levantamentos feitos por Fernando Klein<sup>5</sup>, a emigração das décadas de 1960 e 1970 afetou entre 11% a 12% da população, e estima-se que esses números correspondam a 20% da população economicamente ativa, predominando emigrantes do sexo masculino preponderando o grupo de jovens na faixa dos 20 aos 24 anos de idade.

Dados levantados por Adela Pellegrino indicam que “esta emigración alcanzó sus picos máximos entre 1972 y 1976 indicando una incidencia importante

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/pu/La%20Emigraci%C3%B3n%20en%20Uruguay%20o%20el%20Otro%20Excluido.%20Lic.%20Klein.pdf>, acesso em 06/11/2010

del componente político en las salidas [...]” (PELLEGRINO, 1994. p. 10). Também, segundo a autora, como consequência dessa diáspora resultou a consolidação de colônias de uruguaiois em diversas regiões do mundo.

Klein (2010) pondera que um dos fatores que devem ser levado em consideração quando se busca explicar o “êxodo” uruguaio, está no fato de que para muitos dos cidadãos daquele país, além da situação política e econômica, a descrença no país também contribuiu nessa decisão de sair. Seus habitantes não tinham mais o seu próprio país, como um local de possibilidades abertas a todos. Com o avanço das restrições democráticas, gradativamente essa representação foi ficando cada vez mais distante no passado.

Por seu turno, Adela Pellegrino<sup>6</sup> estabelece algumas comparações entre os processos migratórios do final do século XIX com o da atualidade, observando nestes três diferenças.

Una primera diferencia a destacar con respecto al siglo XIX es que ya no existen territorios a conquistar y que los migrantes deben enfrentarse a sociedades fuertemente estructuradas, donde las posibilidades de integración y de movilidad social son limitadas. Una segunda diferencia es que los efectos de la migración ya no se limitan a algunas regiones, sino que alcanzan a un número importante de las naciones del planeta, lo que hace que la diversidad étnica, religiosa y cultural sea uno de los rasgos identificatorios de las sociedades industriales en este fin de siglo. Una tercera diferencia es la multiplicidad de formas que ha adquirido la movilidad. El desarrollo de las comunicaciones y los transportes permite una variedad mucho mayor de modalidades migratorias, tanto en lo que refiere a la duración de las estadías, como a la frecuencia de los movimientos y a la multiplicidad de residencias. (PELLEGRINO, 2010 p. 6)

Seguindo com a lógica do seu raciocínio, as atuais características dos fluxos de mobilidade humana nos levam a acreditar que os conflitos identitários tendem a ser mais percebidos. Quanto ao primeiro aspecto levantado pela autora, podem ser facilmente constatadas pelas políticas de contenção à imigração ilegal desenvolvidas principalmente entre os países mais ricos do hemisfério norte. Mesmo entre países do hemisfério sul que apresentam historicamente maior tolerância com o estrangeiro, este não irá encontrar muitas facilidades de inserção em sociedades conformadas com inúmeras deficiências em seus sistemas de assistência social, configurando conflitos entre grupos com base em argumentos que recorrem ao

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.universidadur.edu.uy/bibliotecas/trabajos\\_rectorado/doc\\_tr12.pdf](http://www.universidadur.edu.uy/bibliotecas/trabajos_rectorado/doc_tr12.pdf), acesso em 06/11/2010.

critério da nacionalidade, como é o caso dos brasiguaios em Marechal Cândido Rondon, no Paraná, estudados por Danusa da Silva<sup>7</sup>.

Por último, as possibilidades oferecidas pelos meios de comunicação permitindo acesso a informações sobre níveis de vida, expectativas de trabalho e oportunidades de desenvolvimento pessoal no exterior, somados às facilidades oferecidas pelo desenvolvimento dos meios de transporte neste final de milênio, geram expectativas pessoais que se pretendem alcançar com a imigração.

Entre os próprios uruguaios é comum o argumento de que existe, entre os jovens daquele país, uma predisposição para sair, em virtude da pouca perspectiva de futuro oferecida pela nação, motivando frustrações nos planos de desenvolvimento individual. Outro elemento que favorece a saída do país é o considerável nível geral de instrução da população que torna esse objetivo viável em alguns casos. Seria um capital cultural, na expressão de Bourdieu (1996).

Dessa forma, a emigração no Uruguai no imaginário da população já passou a ser entendida como uma idiosincrasia, visto que as raízes da imigração no país são bastante remotas. O país ao longo do século XIX, assim como o resto do continente, foi polo de atração de imigrantes europeus. No final do século XX, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, observa-se um movimento em sentido contrário. Com o desenvolvimento econômico e social da Comunidade Europeia, a condição de descendentes de espanhóis ou italianos abriu portas para o Velho Mundo. Portanto, a existência de colônias em outros países, como Brasil, Argentina, Estados Unidos e Austrália, constituem outro elemento de impulso à imigração de jovens.

As transformações geradas pela economia globalizada caracterizaram o final do último século como um dos “[...] períodos mais longos e sustentados de migração ‘não planejada’ da história recente” (HALL, 2006 p. 81-83). Em consequência desse deslocamento em busca de melhores oportunidades, o imigrante se vê forçado a estabelecer novos vínculos, a adaptar-se a novos hábitos e a novas culturas, provocando um processo de desenraizamento. Isso tem contribuído para a formação do que Hall denomina de “enclaves étnicos minoritários no interior dos Estados-nação” e, por conseguinte, tem levado a uma “pluralização

---

<sup>7</sup> SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães da. “*Um pé aqui e outra lá*”: Experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios. 2010. 105f. Dissertação de (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon.



de culturas nacionais e de identidades nacionais”. Desses deslocamentos populacionais surgem novas identidades que correspondem ao que o autor denomina de homens *traduzidos*, que dialogam e transitam entre duas ou mais culturas.

Assim, desenraizamento e construção de novas identidades fazem parte de um mesmo procedimento. No entanto, o que se propõe a analisar é como se dá esse processo e quais são seus resultados, suas formas de representação.

Todas essas questões que envolvem a imigração contemporânea têm sido objeto constante de debate no interior das Ciências Sociais onde as tradicionais categorias como fatores econômicos, demográficos ou políticos se mostram insuficientes para entender a dinâmica dos presentes movimentos migratórios. Etcheverry (2007, p. 59) avalia que

O fenômeno migratório costuma ser pensado em categorias: a dos refugiados políticos ou migrações forçadas; e a dos migrantes econômicos ou migrações voluntárias. As migrações decorrentes de catástrofes ou desastres naturais estão, na atualidade, começando a ser pensadas como um novo tipo de migrações forçadas.

Retomando o caso uruguaio, Fernando Klein (2010) sustenta que, de uma maneira geral, para compreender o fenômeno migratório no Uruguai contemporâneo, os referenciais teóricos têm se utilizado de duas perspectivas: “a teoria do Push – Pull, por um lado, e a teoria das Redes Sociais, por outro” Na teoria do Push – Pull, as razões da migração se articulam com base nos fatores de “expulsão – atração”. Pode-se ponderar até que ponto os deslocamentos populacionais são unicamente determinados pela necessidade de sair ou em consequência das oportunidades oferecidas no destino de escolha; seria conveniente pensar na conjugação de ambas. Assim sendo, uma questão fundamental para compreender a imigração uruguaia para o Brasil no período estudado diz respeito ao quanto contribuíram os fatores de expulsão presentes naquela época no país vizinho, tanto quanto os de atração no mesmo período no Brasil. O cenário de dificuldades econômicas e sociais seriam os estimuladores da saída em direção a outras regiões com ofertas de trabalho e garantias de melhores oportunidades que terminam por se tornar o fator de atração. Entre alguns entrevistados ficou evidente que ao assegurarem trabalho no Brasil, aproveitaram a

ocasião para atravessar fronteiras, conciliando o útil ao necessário, dado o clima da época na terra natal.

Desta forma, pensar a imigração no atual contexto internacional simplesmente com base na teoria do “empurra e puxa” tem se mostrado insuficiente para dar conta dos inúmeros fatores materiais, políticos ou subjetivos que envolvem os deslocamentos humanos. O mesmo autor considera que a teoria das redes sociais é mais conveniente para explicar porque a migração perdura no tempo.

Se debe entender las “redes” de migrantes como una forma de “capital” social: son conjuntos de vínculos interpersonales (parentesco, amistad, comunidad) que conectan a los migrantes, los primeros migrantes y los no migrantes en el país de origen. (KLEIN, 2010, p.3)<sup>8</sup>

As redes sociais, assim sendo, adquirem relevante importância no intercâmbio de informações para subsidiar o processo migratório. São redes de solidariedade que podem assegurar apoios diversos e fundamentais para a adaptação no país de destino, que vão muito além do apoio financeiro que justificaria a expressiva transferência para esta região de fronteira, já que desta forma é possível tornar essa experiência uma aventura economicamente viável.

Dichas redes reducen también los costos psicosociales de la entrada en un país extraño, porque al recrear el ambiente de origen suavizan el sentimiento de vulnerabilidad de los recién llegados. Por todas estas razones, las redes migratorias, en la medida que vinculan a inmigrantes y no inmigrantes y facilitan a los segundos su cambio de status, se convierten en un factor de perpetuación de las migraciones más allá de la persistencia de los factores de naturaleza económica que las desencadenaron o de los cambios negativos en el mercado de trabajo o las políticas migratorias del país de destino. (Ibid, p.3)

Dentro de um contexto de globalização, o Uruguai, assim como vários outros países subdesenvolvidos, inclui-se no rol de nações que continuamente propiciam a saída de cidadãos ao exterior em busca por melhores condições de vida. Via de regra, dentro da atual dinâmica geoeconômica, esse fluxo migratório se dá no sentido Sul – Norte. Pellegrino chama a atenção para o novo sentido dos fluxos migratórios do final do século XX, quando a América do Sul passa de receptor a

<sup>8</sup> KLEIN, Fernando. *La Emigración de los Uruguayos o el “Otro” Excluido*. p. 3. Disponível em: <http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/pu/La%20Emigraci%C3%B3n%20en%20Uruguay%20o%20el%20Otro%20Excluido.%20Lic.%20Klein.pdf>

emissor, e que o sentido desses movimentos estariam voltados não só para as regiões desenvolvidas do hemisfério norte, mas incluindo também regiões vizinhas do continente.

Es en la segunda mitad del siglo XX que en los países de América Latina, se produce una reversión de la tendencia histórica. De región de inmigración se transforma en una donde el signo dominante es la emigración, tanto en movimientos intrarregionales como en desplazamientos hacia el mundo desarrollado, muy especialmente hacia los Estados Unidos. (...) El carácter dominante de la emigración de este período es el extenso abanico de destinos que incluyen a la migración latinoamericana.<sup>9</sup>

Dentro desse leque de destinos que incluem países vizinhos, ainda que as distâncias e o choque cultural sejam menores, e com isso ampliando as possibilidades das chances de adaptação à nova realidade serem bem sucedidas, não redime os sentimentos de perdas que, consciente ou inconscientemente, passam a ser percebidas, sejam elas relacionadas a aspectos legais, tanto daqueles arruinados com a saída, como o direito de voto no país de origem, por exemplo, ou outros de cunho pessoal e afetivo. Entre os filhos dos imigrantes essas perdas relatadas são bastante subjetivas, como o distanciamento e separação dos familiares e amigos de infância; os longos períodos sem retorno ao Uruguai provocaram uma ausência de convívios que também devem ser entendidas como prejuízo, pois não permitiram uma memória que outorgue pertencimento, são aspectos que emergem de forma sutil nos relatos dos entrevistados.

Nos casos que envolveram as saídas forçadas pela ditadura, o que se evidencia é o caráter traumático dessa circunstância. Os colaboradores deste projeto podem ser considerados bem jovens, mas o tema da morte sempre é um assunto delicado para o imigrante. Tanto a dos familiares que ficaram para trás como a própria, principalmente para os mais idosos, para os pais, neste caso. O receio de não rever os pais ou os avós, no caso dos filhos dos imigrantes, também foi um sentimento compartilhado no silêncio familiar. Especialmente entre as crianças esses danos tendem a não ser mensuradas pelos adultos. Cristina Porta (2006) examinando as perdas sofridas pelos filhos de exilados políticos elenca vários aspectos, inclusive os objetos pessoais quando diz:

---

<sup>9</sup> PELLEGRINO. Adela, *¿Drenaje o éxodo? Reflexiones sobre la migración calificada*. p. 7 e 11. Disponível em: [http://www.universidadur.edu.uy/bibliotecas/trabajos\\_rectorado/doc\\_tr12.pdf](http://www.universidadur.edu.uy/bibliotecas/trabajos_rectorado/doc_tr12.pdf)

Es sabida la particular importancia que los objetos personales, específicamente los que hacen al especto lúdico-afectivo, tienen en los niños. Son varios los testimonios que dan cuenta del sentimiento de pérdida al tener que elegir qué dejaban y qué conservaban al trasladarse de un país al otro. (PORTA, 2006, p. 494)

Estabelecendo um paralelo com os nossos entrevistados, e guardadas as devidas diferenças de circunstâncias e situações que envolveram suas saídas, ambos igualmente tiveram em suas trajetórias a experiência dos constantes deslocamentos de um lugar a outro, não lhes permitindo uma vivência que lhes confira alguma referência significativa ou pertencimento.

Acresce a esses aspectos as limitações impostas ao estrangeiro, sejam elas legais como as que envolvem documentação, obrigando a deslocamentos para renovação constante de visto de entrada, ou culturais, que cotidianamente reforçam essa condição de forasteiro. É justamente nessa luta pelo reconhecimento, pela inserção, isto é, de ser considerado apto que se encontra o nó relativo à identificação nacional, que ora pode ser uma, ora pode ser outra, ou também as duas ou mesmo nenhuma. Vê-se que em alguns casos se reivindica o direito às duas cidadanias em seu sentido pleno, visando estender esses direitos a seus descendentes, pois como foi apresentado no início deste capítulo, os filhos de uruguaios nascidos no exterior são considerados naturais daquele país.

Apesar das diferentes interpretações acerca dos interesses que envolvem os fluxos migratórios, inevitavelmente convergem para alguns aspectos, mostrando que podem ser analisados a partir das questões envolvendo gênero, etnias, religião, cultura e identidade nacional, só para citar alguns exemplos, e que irão inevitavelmente repercutir em questões econômicas, sociais e políticas. “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (SILVA, 2008, p. 81).

No mesmo sentido Montenegro (2010), ao estabelecer um debate sobre os modelos clássicos de ciência aplicados à História que, segundo o autor, vem sendo desconstruídos gradativamente desde o final do século XIX, argumenta que a perspectiva teórica não deveria centrar-se na *verdade em si*,

[...] mas as relações, os regimes enunciativos, as práticas que produzem, naturalizam o verdadeiro e o falso como coisas em si. E essas relações estariam marcadas pelas descontinuidades. Assim, o que é considerado normal não pode ser compreendido fora da relação entre o ser vivo e o ambiente social, que o constitui e o nomeia como tal (MONTENEGRO, 2010. p.26).

Em seguida conclui:

[...] a questão não é mais estudar a origem ou a causa, nem a finalidade ou a consequência, mas *o que se passa entre*. Dessa maneira, a análise histórica tem como foco primordial as relações, os percursos, as práticas, porque através do seu estudo é que se poderão construir outras formas de compreensão, que desnaturalizem a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra (MONTENEGRO, 2010. p.31).

Partindo desse princípio, se entende que para atender as expectativas apresentadas, o presente trabalho se concentra na construção e uso de fontes orais, através de entrevistas realizadas com filhos de imigrantes uruguaios residentes no Brasil há mais de vinte anos, ou que tenham vindo para este país justamente no período de interesse, isto é, entre as décadas de 1970 a 1980. O recorte de tempo adotado tem por objetivo estabelecer um padrão comparativo entre aqueles narradores que vieram no período mais crítico do Estado de Exceção no Uruguai, entre o final dos anos de 1960 e a primeira metade da década de 1970 e aqueles que saíram em outro contexto, já no final da ditadura ou no período de transição para a democracia, no início dos anos de 1980.

Como foi exposto, o auge da imigração no Uruguai durante o período ditatorial encontra-se nos anos de 1972 a 1976, apresentando um componente político importante nas razões dessas saídas, no entanto, o fluxo migratório teve sequência, mesmo após a retomada do Estado democrático, e as razões para deixar o país se tornaram diversas, merecendo destaque a existência de redes sociais formadas pelas primeiras saídas. Dessa forma se passou a trabalhar com duas variáveis, através da existência de dois grupos de imigrantes tomados para este trabalho: os que vieram por circunstâncias políticas e os que vieram por outros motivos, embora essa categorização não contemple todos os casos.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 Fué así... A metodologia

Objetivando uma melhor compreensão sobre a construção de identidades em momentos de imigração e em territórios de fronteira, onde se entrecruzam intersubjetividades, a metodologia adotada foi a História Oral Temática.

Ela se mostra adequada entre os diversos motivos por se tratar de um movimento recente, em que muitos de seus protagonistas se encontram ainda vivos; pela possibilidade de explorar aspectos que muitas vezes não são perceptíveis na documentação tradicional e pela especificidade de se pensar a sociedade contemporânea, visando a obtenção de um conjunto de relatos sobre as experiências desses imigrantes, permitindo dar voz a essas memórias e assim avaliar como perceberam as razões de suas saídas, como acompanharam as transformações em sua terra natal, como se adaptaram ao país de acolhida e qual foi a repercussão dessas circunstâncias em suas vidas, pois conforme nos diz Meihy e Holanda:

Nessa situação, há um conjunto de motivos concretos que teriam atuado como impulsionadores das migrações; porém, cada indivíduo sentiu ou percebeu as mudanças, formulou a revisão de seus valores, procedeu a uma síntese das coisas segundo seus próprios critérios. A resposta conjunta é o que interessa, sem, contudo, deixar de valorizar o que há de singular (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.28).

Partindo da intersecção do individual com o social, buscou-se analisar a história de um período e de um grupo e desta forma permitir uma comparação entre os depoimentos que apontem para “divergências e evidências de uma memória coletiva” (FREITAS, 2006. p. 21). Meihy (2007, p. 24) também encontra justificava para o uso da história oral como meio de obtenção de documentos que auxiliem em projetos voltados para “estudos de memória, construção de identidades e formulação de consciência comunitária”.

Entre a rede de entrevistados, optou-se por trabalhar principalmente com as memórias dos filhos dos imigrantes. Tendo em vista que alguns justamente estavam na etapa infância/adolescência quando vivenciaram a experiência do desterro, por essas circunstâncias passaram a construir uma autorepresentação com base em relatos alheios ou parciais de uma realidade mais complexa.

Desta forma, pretende-se avaliar de que forma opera a memória como elemento de construção da identidade. Foi considerada que a saída tinha sido motivada por distintas razões e em diferentes contextos, o que também configura uma variável no estudo das migrações, tema que exige observação mais detalhada, levando-se em conta seu grau de complexidade que vai muito além de aspectos econômicos, sociais e políticos, envolvendo questões familiares, em determinados casos não muito bem resolvidas.

Alguns sofreram com a imigração forçada - assim passou-se a denominar aqueles que tiveram que sair por pressões políticas - em que as circunstâncias do período também deixaram suas marcas. Outros vieram acompanhando seus pais que migraram pressionados, segundo seus relatos, muito mais por motivos econômicos, como também aqueles que tiveram razões afetivas, paixões ou reencontro com familiares. O que se busca compreender é o quanto essas razões influenciaram, ou não, na construção e manutenção da identidade cultural e nacional.

Entende-se que, em sua maioria, os emigrantes são forçados de uma forma ou outra a sair. Ninguém abandona sua casa, seus parentes e amigos se vislumbram alguma possibilidade em seu país de origem. No entanto, pode-se estabelecer duas categorias entre esses emigrantes; os que se obrigaram a refugiar em outro país porquanto a situação de violência política no Uruguai ameaçava suas existências, - então estes por uma questão de sobrevivência foram mais *forçados* do que outros -, e aqueles que este estudo classifica como imigrantes *voluntários* que formariam o grupo de indivíduos que saíram muito mais por aspectos econômicos ou pessoais. A esse respeito, Cristina Porta (2006) pondera que

Toda migración económica o política se ve pautada por el sentimiento de pérdida que provoca el destierro, reflejándose en la lucha por el mantenimiento de una identidad "amenazada" por el proceso de adaptación a la nueva realidad. (PORTA, 2006, p. 498)

Entende-se que esta categorização entre migrantes políticos (forçados) e econômicos (voluntários) é insuficiente para uma pesquisa mais aprofundada sobre as razões da saída, mas serão úteis para termos de comparação quando se propõe estudar questões envolvendo formas de autorrepresentação e identidades no interior de um grupo.

Se o que se pretende analisar diz respeito às formas subjetivas de identidade cultural e nacional, e como estas se constroem em contexto de imigração, considera-se que a pesquisa desenvolvida, segundo os critérios observados por Maria Ângela Silveira Paulilo<sup>10</sup>, é de caráter qualitativo, na medida em que

O universo não passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação é o campo, por excelência, das pesquisas qualitativas. A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o seu desenvolvimento. Através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo (PAULILO, 1999, p.1).

Buscar interpretar o sentido das emoções, do indecifrável que possui importância e significado para os atores sociais, adotando suas experiências e práticas como produção de conhecimento são tarefas complexas, que se desenvolvem da interação entre entrevistador e entrevistado, tanto mais intrincado quando o pesquisador é parte do grupo, quando todos os fenômenos que envolvem essa interação, como gestos, silêncios, rupturas, o dito e o ocultado são igualmente importantes. A esse respeito Paulilo (1999, p. 2,3) lembra que implicar-se com o objeto de estudo não sugere deficiência na utilização dos métodos. Se o pesquisador também é parte integrante da sociedade o que lhe corresponde é tomar as devidas precauções que lhe permitam colocar-se no lugar do outro.

Roger Chartier (2006) observa as inúmeras vantagens do historiador modernista, que trata da história do presente, traduzidas na infinidade de recursos documentais de que pode dispor, indo além dos depoimentos de indivíduos hodiernos ao pesquisador, como também uma diversidade de recursos e documentos gerados e acumulados pelas sociedades modernas.

---

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v2n1\\_pesquisa.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm), acesso em 14/05/2009



[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. [...] Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (CHARTIER, 2006. p. 216).

Nesse sentido, a oralidade passa a ter uma importância heurística, na construção de objetos de investigação que devem ser analisados com a colaboração de outras áreas do conhecimento. O caráter multidisciplinar dessa metodologia de pesquisa é perceptível no crescente interesse demonstrado em pesquisas acadêmicas, envolvendo questões culturais ou relativas à construção e manutenção das identidades. Sobre esse caráter interdisciplinar inerente à pesquisa com história oral, Jorge Lozano destaca que a oralidade “oferece interpretações qualitativas de processos histórico-sociais”. Assim, os documentos resultantes de entrevistas, constituem fontes importantes que permitem analisar a “visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais” (LOZANO, 2006, p. 16).

Etienne François (2006, p. 9), tomando como exemplo as produções feitas com base na história oral sobre um dos períodos mais investigados da recente história alemã, à época nazista, demonstra as contribuições dadas por essa metodologia para a compreensão de determinados fenômenos sociais. O autor destaca que a história oral também possibilita ao entrevistado recuperar sua própria história, em alguns casos reprimida, como condiz em épocas de autoritarismos, e assim reconstruir sua identidade.

[...] ela tem mais condições de contribuir para que se libere o que está reprimido e se exprima o inexprimível. Por isso mesmo a história oral tem uma função propriamente política de purgação da memória, de “luto” ou, com se diz em alemão, de “*Vergangenheitsbewältigung*”.

É o que se busca constatar dos relatos que se enquadram no contexto da violência imposta pela ditadura. As narrativas pessoais passam a ser instrumentos privilegiados de análise e interpretação de determinados contextos, pois ainda que misturados a experiências subjetivas, elas fornecem elementos para a compreensão de fenômenos históricos e sociais.

René Rémond (2006) ressalta que, apesar da História do Tempo Presente não necessitar mais comprovar sua legitimidade, sua inquestionável condição de objeto de estudo científico, esta exige o máximo de atenção com a precisão científica

[...] todos se imaginam capazes de fazer a história do tempo presente porque essa é a história que vivemos: faz parte de nossas lembranças e de nossa experiência. Ora, vale lembrar que essa história exige rigor igual ou maior que o do estudo de outros períodos: devemos enfatizar a disciplina, a higiene intelectual, as exigências de probidade. (RÉMOND, 2006 p. 206)

Sobre a subjetividade da narrativa oral, Paul Thompson (1992) lembra que ela é inerente a todas as fontes históricas, e mesmo que os dados obtidos em entrevistas possam ser considerados fontes subjetivas por estarem fundadas em memórias individuais, logo passíveis de equívocos ou imaginação, o que é relevante nesses casos é descobrir por que o narrador “foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem o seu significado.” (1992, p. 18). É justamente a construção dessa memória, individual ou coletiva, o aspecto relevante da pesquisa, pois como afirma Rousso:

A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é por definição, “coletiva” como sugeriu Maurice Halbwachs (ROUSSO, 2006 p. 94).

Também Portelli (1997) afirma que a subjetividade possibilita o elemento de análise, uma vez que além do fato em si, o que se mostra revelador são os significados por ele assumidos, assim, o registro de testemunhos amplia as possibilidades de interpretação do passado, além do que também se mostra uma metodologia de pesquisa adequada para a história contemporânea. Nesse sentido argumenta Verena Alberti (2006, p. 163):

[...] temas contemporâneos foram incorporados à História, chegando-se a estabelecer um novo campo, que recebeu o nome de História do tempo presente; passou-se a valorizar também a análise qualitativa, e o relato pessoal deixou de ser visto como exclusivo de seu autor, tornando-se capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social. Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico. Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram

a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, dos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade – temas que, quando investigados no “tempo presente”, podem ser abordados por meio de entrevistas de História oral.

A história oral mostra-se uma ferramenta útil para o estudo de fatos e fenômenos recentes que envolvem o cotidiano de pessoas comuns, que fazem, sentem e vivem a história no seu dia-a-dia. Logo, a história oral permite a ampliação da exploração da análise, da experiência social concreta, combinada com outros tipos de documentos. Os depoimentos constituem fontes qualitativas, pois trata de uma história vivida que emprega cada vez mais a oralidade e contrapostas a outras fontes possibilitam a geração de um conjunto de informações mais amplo sobre o objeto de estudo (FREITAS, 2006).

## **2.2 Vienen del Sur los recuerdos: As entrevistas**

Desde o início desta pesquisa e ao longo de todo o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, não resultou fácil trabalhar com o tema da identidade nacional e cultural. Com formação em Licenciatura em História foi necessário buscar referenciais teóricos em outras áreas que eram pouco familiares ao pesquisador, o que demandou um redobrado esforço. A adoção da metodologia de História Oral, além de representar um desafio novo, provocou uma série de indagações que envolveram discussões em família, já que o trabalho exigiu repensar a própria história e trajetória como filho de imigrante, isto é, por fazer parte do grupo do qual este trabalho se ocupa, minha história pessoal confundia-se com o objeto de pesquisa. Foi difícil manter um certo olhar de estranhamento.

Contudo, também existiram algumas vantagens, por um lado o fato de entrevistar pessoas com um passado em comum, pois havia alguma familiaridade com a situação de estrangeiro que carrega em si algumas peculiaridades difíceis de traduzir para quem não teve essa experiência. Em certa medida, facilitou não apenas a conversa como também a obtenção de alguns contatos.

Num primeiro momento, visando obter o distanciamento adequado, entendeu-se que os contatos deveriam ser com compatriotas que não faziam parte

do círculo social do entrevistador, pessoas das quais não se tivesse nenhum conhecimento prévio de suas histórias. Desejava-se evitar a indução da entrevista para narrativas pré-estabelecidas. No entanto, conversar com alguns conhecidos demonstrou que suas contribuições foram igualmente importantes.

A rede foi se formando ao natural, por indicações sugeridas pelos próprios narradores. Pela condição de conterrâneos a conversa correu fácil, tanto em português como em espanhol e ao longo dela, entrevistado e entrevistador iam se descobrindo; por vezes foram eles que dirigiam as perguntas. Suas indagações, inquietações também afluíam ao natural. O idioma foi outro aspecto interessante no desenvolvimento do trabalho, pois alguns entrevistados falaram em português. Em geral isso ocorreu com aqueles velhos conhecidos, como um amigo de anos e outro ex-colega de trabalho.

Outro fato interessante ocorreu com uma narradora que somente por acaso tomou-se conhecimento de que também era uruguaia, pois sempre que houve contato com ela a comunicação era em português e por isso pareceu forçoso realizar uma entrevista em espanhol. Primou-se pela naturalidade do diálogo.

Outros tinham forte sotaque, mas ao longo da entrevista predominou o espanhol.

Por outro lado, fazer parte do grupo em alguns momentos dificultou a pesquisa, pois as adversidades surgiam principalmente quando se percebia que estava em constante choque com as memórias recriadas a partir da minha própria experiência. A cada entrevista, discussões e leituras sobre processos migratórios envolvendo questões de identidade me confrontavam com situações que assinalavam para o modo como eu me via e os via historicamente. Não foram poucos os casos em que procurei encontrar situações semelhantes que comprovassem uma ideia pré-concebida que tinha sobre o que é ser um sujeito entre dois universos culturais. Nessas circunstâncias, fui percebendo que era necessário refazer, desconstruir. Talvez isso também explique a relutância de outros entrevistados em falar sobre o assunto. Apesar de se mostrarem simpáticos à ideia e não terem se negado a colaborar, percebi que sempre encontravam algum tipo de subterfúgio, compromissos ou empecilho para adiá-la ou evitá-la. Afinal, se pretendia conversar sobre a ideia que tínhamos sobre nossas origens, nossa história, nossos pais e familiares que viveram momentos difíceis como a ditadura, e que nós, filhos, ao longo de nossa infância e juventude construímos uma imagem de lutadores

sociais que nem sempre se confirma, ao menos não como imaginávamos. Outros, vindos por motivos econômicos ou pessoais também tiveram que enfrentar o processo de desraizamento que traz consigo duras marcas, mas também perceptíveis em seus filhos.

O objetivo nesta pesquisa focou-se nos sujeitos que vivenciaram diretamente a experiência da ruptura e a relação ambígua de pertencer a dois países. Isso envolvia questões muito sutis de pertencimento, como a ideia do “retorno” para sujeitos que se constituíram no entre-lugar, na fronteira, no estar e não ser.

Não houve preocupação em abordar detalhadamente questões legais, problemas envolvendo documentação. Todos, de uma forma ou outra estavam regularizados com a legislação vigente no Brasil. No entanto, poderá se perceber que para estes indivíduos o *ser* brasileiro ou uruguaio é uma questão ambígua, pois essa dupla nacionalidade não se resolve com a documentação oficial. As relações desenvolvidas ao longo dessas experiências extrapolam as questões legais; o que está em análise são os espaços de pertencimento que foram desenvolvidos e reelaborados nessas vivências.

A metodologia utilizada, foi a história oral temática com a elaboração de um roteiro básico que serviu muito mais de ponto de partida para o desencadeamento de uma conversa informal, permitindo ao entrevistado versar sobre diversos temas.

O estudo buscou mais ser um diálogo do que propriamente elaborar um discurso sobre o “outro”, onde se priorizou, além da experiência do ser de origem estrangeira, estabelecer uma discussão sobre ruptura e pertencimento. Não todas as entrevistas foram realizadas de forma igual, a maioria foi concedida em suas residências, o que permitia avaliar o entorno do ambiente: objetos de decoração ou elementos que remetam a uma identidade uruguaia. Uma foi realizada em local de trabalho e outra em uma *parrillada*, sugerida por mim, talvez já imaginando que o ambiente poderia auxiliar no desenvolvimento da narrativa, ou por apenas querer participar com esse conterrâneo uma experiência cultural comum, que até aquele momento nunca se havia compartilhado.

Ao longo de nossas conversas os participantes desta pesquisa se mostraram muito solícitos, auxiliando na indicação de outros possíveis colaboradores. Mais um aspecto interessante é que na medida em que iam percorrendo por suas memórias, a entrevista estimulou reflexões sobre suas

trajetórias pessoais, levando-os a rever suas experiências, suas relações pessoais e familiares, ou como alguns diziam, passaram a analisar, através daquela conversa, situações cotidianas e pessoais que em raras ocasiões o faziam.

Foram realizadas dez entrevistas, no entanto, para este estudo apenas sete serão utilizadas. Entre as que não foram empregadas estão uma realizada com o Cônsul do Uruguai em Pelotas, que foi útil para obter dados sobre a colônia e indicação de possíveis contatos, outra realizada com meus pais, classificada como ponto zero e uma terceira que não foi concluída e nem obtive autorização do colaborador. Ao todo foram pouco mais de treze horas de gravação. Os encontros mostraram-se bastante proveitosos, além dos seminários e simpósios de que participei apresentando o tema, onde pude compartilhar angústias e ouvir sugestões.

O que pude perceber é que discussões envolvendo filhos de imigrantes é um tema relativamente novo e que desperta interesses.

Todas as entrevistas foram transcritas e submetidas ao consentimento dos colaboradores que assinaram o termo de cessão. O processo de transcrição foi realizado pelo pesquisador. Adotou-se como critério manter maior fidelidade possível, mas foi realizada a limpeza do texto, eliminando vícios de linguagem e palavras repetitivas que durante a entrevista visam manter a atenção do ouvinte, mas na forma escrita perdem relevância.

Apesar disso, buscou-se manter o cuidado de preservar algumas palavras que demonstram a interferência do idioma do país de acolhida, ou palavras híbridas que serão identificadas em *itálico*, pois se entende que o sotaque demonstra uma das formas de representação e significação da identidade, merecendo uma especial atenção em um capítulo neste trabalho. Em entrevistas com falantes de outra língua é inevitável o uso de termos e modalidades de fala próprias do local de acolhida ou mesmo do país de origem.

Obtida a entrevista, realizada a transcrição, submetida ao colaborador para correção de alguns termos ou nomes e obtenção do termo de cessão, com a fonte-documento pronto, passou-se à análise do conteúdo, adotando como forma de desconstrução e categorização abordar elos de sentidos, de significação e pertencimento, distribuindo a análise em diversos temas: Motivos da saída; suas renúncias, anseios expectativas, receios, ilusões e decepções. Se tinham informações prévias a respeito do país de destino; Que memórias guardam sobre as primeiras impressões do novo lugar? Quais foram as dificuldades iniciais de

adaptação? Questões envolvendo a língua; Como é a experiência de viver entre dois mundos culturais? Como sentiram essa alteração? Que diferenças perceberam na educação? As memórias da ditadura; A existência e participação em grupos de socialização; A autodefinição; A nostalgia de origem; Como avaliam a possibilidade de um retorno?

Assim, por meio dessas narrativas pessoais se pretende apreender esses diversos elementos implícitos no processo migratório, como nos elucida Alice Lang (2007, p. 19-20)

A migração é um fenômeno complexo que significa tanto um fato coletivo quanto uma experiência pessoal. (...) Como experiência pessoal, a migração pode ser vista como um processo que se desenvolve através do percurso migratório, percurso que se faz em etapas sucessivas: no país de origem, a decisão de partir, os preparativos que incluem a obtenção da documentação necessária, a escolha do local de destino, as despedidas; a viagem, que hoje se tornou mais rápida com o desenvolvimento dos meios de transporte. É um importante „marco de passagem“, embora não signifique um rompimento com o país de origem; no país de destino, a experiência dos primeiros tempos; chega o momento da decisão: regressar ou permanecer, sendo que no caso de regresso se segue a reinserção no país de origem e no da permanência, a inserção em caráter mais definitivo no país de acolhimento.

Partiu-se da ótica dos próprios agentes visando uma compreensão que permita um entendimento mais amplo dos processos adaptativos e de negociação identitária dos sujeitos envolvidos.

Como ponto de partida no trabalho com gravação de entrevistas, refleti sobre algum possível colaborador que pudesse ser meu “ponto-zero”, alguém que pudesse ampliar minha visão sobre o processo migratório de uruguaios no período e desta forma servir como um guia, uma referência para outras entrevistas. Pensei então em meus pais. A entrevista foi realizada na casa deles numa conversa descontraída, entre tragos, mates, e sem a pretensão de ter uma finalidade acadêmica. Hoje, transcorrido todo o trabalho, percebo o quanto essa experiência se mostrou muito enriquecedora, além de emocionante.

Entre as entrevistas realizadas estão as obtidas com dois professores de Espanhol da UFPel, Javier Luzardo e Maria Pia Sassi. O que se pode inferir é que as questões envolvendo origem, também determinaram a forma de inserção na sociedade local. Em muitos casos, o *ser* uruguaio auxiliou os entrevistados na definição de suas ocupações ou profissões.

Outro entrevistado, Eduardo Gozalbo, não se enquadra no perfil estabelecido para esta pesquisa. Gozalbo é o imigrante direto, veio para o Brasil em idade adulta, logo é uma exceção na rede composta pelos filhos dos imigrantes, no entanto, como foi citado por praticamente todos os demais integrantes da pesquisa, mostrou ser uma referência entre os uruguaios na cidade. Além disso, Eduardo é um dos principais articuladores da comunidade uruguaia no município, visando à consolidação do *departamento veinte*, em Pelotas.

Ainda, segundo o próprio Eduardo, ele teria aberto a primeira *parrillada* no Brasil, comércio gastronômico que hoje é bastante comum na cidade e no Estado. Pelotas conta atualmente com diversos estabelecimentos nesses moldes, influenciando até mesmo a confecção de churrasqueiras particulares.

Eduardo tem se envolvido e mostrado interesse em organizar espaços de reunião entre os de sua nacionalidade, com objetivo não apenas de manter tradições culturais, reforçar laços de afetividade com o país de origem, como reunindo compatriotas para comemorar datas cívicas, mas também demonstra a preocupação em criar registros sobre a presença e contribuição dos uruguaios na cidade de Pelotas. Por sua relevância foi incluído no rol de entrevistados.

Também fizeram parte da rede os irmãos por parte de pai, Janaína e Diogo Guerra. A primeira, nascida no Brasil, é fruto do segundo casamento do seu pai com uma pelotense. Diogo é natural de Montevideú, e filho do primeiro casamento de Júlio Guerra. Transferiu-se para Pelotas já adolescente, quando seu pai já morava nesta cidade. Este caso foi bem interessante para poder observar como se processa a memória dentro do núcleo familiar e como é percebida de forma diferenciada entre seus membros.

Por último, Paulo Pinto e Nicol Valeda. Ambos têm uma trajetória bem próxima e ao mesmo tempo bem distinta, pois vieram praticamente no colo de seus pais, porém, por motivos e em contextos bem diversos. Paulo e Nicol nasceram no interior do Uruguai, o primeiro em Melo e a segunda em Tacuarembó, ambos foram registrados nos dois países, são o que nessa região de fronteira comumente denominamos de *doble-chapa*.

Paulo migrou com seus pais no auge das perseguições políticas no Uruguai. Seu pai envolvido com movimento sindical e sua mãe militante do grupo de jovens da igreja católica entenderam que a saída do país era uma questão de segurança



pessoal. Atravessaram a fronteira às pressas, inicialmente se instalando na capital gaúcha.

Já para Nicol, embora o contexto fosse praticamente o mesmo, as motivações que levaram sua mãe a sair do país de origem foram outras, muito mais de cunho pessoal e familiar. Também aqui é possível estabelecer comparações de como a narrativa familiar foi constituindo uma identidade fora do seu local de origem, já que as memórias foram recriadas a partir de narrativas em família. Os dois eram muito jovens para manterem uma lembrança sobre as motivações da saída.

Todos os entrevistados ingressaram no Brasil em momentos pessoais e políticos diferentes. Eduardo Gozalbo transferiu-se em idade adulta, no ano de 1969, consciente da escolha e das motivações; foi incentivado e auxiliado por ter um irmão como referência no Brasil, o que lhe facilitou de certa forma o ingresso no novo país. Por ter mais idade, entre os demais colaboradores, no momento que viveu a experiência da imigração, tem um bom registro dos acontecimentos da época, do clima político do período, sendo um bom referencial para descrever outro aspecto desta pesquisa, que consiste em entender e analisar como se processou a migração não apenas territorial, mas inclusive de uma ditadura a outra.

Eduardo tem as questões de identidade melhor resolvidas, considera-se um uruguaio residente no Brasil.

Nicol, ao longo da entrevista, foi excursionando por suas lembranças de uma forma muito peculiar, traçando quase um roteiro de passagens significativas de sua vida até aquele momento, deixando entrever que ainda busca constituir sua identidade. Eu a conheci em sala de aula, era minha aluna no Pré-vestibular e foi uma surpresa para ambos ao tomar conhecimento de que éramos conterrâneos, pois dominava muito bem o português.

Atualmente se percebe em uma busca, retomando muitos aspectos da cultura e da língua materna, proporcionada principalmente pelo seu atual casamento com o uruguaio Juan.

Maria Pia veio na adolescência e confessa ter vindo contrariada, apesar das difíceis circunstâncias em que se encontrava no Uruguai com a plena deterioração do Estado de Direito. Sua história revela as dificuldades enfrentadas na adaptação ao novo país. Seu relato foi bastante emotivo, deixando emergir lembranças difíceis vividas em plena adolescência, numa idade que por si só é bastante complexa.

Emigrou em 1974, porque seus pais viram-se obrigados a sair do país, justamente num dos momentos mais repressores da ditadura uruguaia.

Os relatos de Maria Pia Sassi junto com o de Paulo Roldan Pinto são talvez aqueles que melhor se enquadram no perfil dos imigrantes do período ditatorial, que, como veremos, deixaram marcas indeléveis que se fazem sentir em vários aspectos, entre eles quando se trata de identidade e cultura.

Maria também viveu em outros países da Europa e assim pode enriquecer a discussão sobre identificação. Foi possível, a partir de outros relatos, perceber a memória de um grupo, que passamos a denominar de “filhos da ditadura”, migrados nessa época para o Brasil.

Paulo Pinto, apesar de vir criança, também guarda algumas dessas marcas, embora tenham sido presenciadas muito mais pelos seus pais. Durante sua entrevista foi possível notar a existência de uma história construída no silêncio familiar, entre retalhos de narrativas.

Cristina Porta (2006) em seu artigo intitulado *La segunda generación: los hijos del exílio*, demonstra que os filhos que acompanharam ou têm algum conhecimento dos motivos que levaram seus pais a terem que sair do país, evitam fazer perguntas a respeito do passado; eles percebem o próprio silêncio dos pais, ou se cria um código familiar onde certas coisas não devem ser ditas, comentadas, questionadas. Esse silêncio se explica pela percepção que os filhos têm de que remexer o passado é remover cicatrizes, lembranças dolorosas e entendem que seus pais já foram duramente castigados.

Javier Luzardo também migrou em idade precoce, transferiu-se para o Brasil com seus pais em 1985, quando seu país havia retomado o Estado democrático, o mesmo ocorrendo com os irmãos Guerra. Mesmo assim pôde sentir o choque cultural provocado pela mudança. Inicialmente morou em Porto Alegre, retornou ao Uruguai onde concluiu os estudos e posteriormente transferiu-se para Pelotas, onde cursou Letras/espanhol na UFPel. Seus pais fizeram o percurso de ida e retorno diversas vezes. Hoje bem estabelecido e inserido em Pelotas, Luzardo recentemente proporcionou a vinda de seus pais para esta cidade.

Assim, Javier configura uma modalidade nova nos movimentos migratórios, aquele em que os filhos abrem caminhos para depois trazer os pais. Todas essas circunstâncias, de maior ou menor integração, dos sentimentos de nostalgia ou as

condições da saída, moldaram no interior do grupo diferenças de representações de identidades.

Por tal contexto, este trabalho também se detém em conceitos de memória, já que a História Oral, como método de pesquisa, tem como suporte as lembranças individuais e coletivas. Alguns autores foram importantes para o desenvolvimento do trabalho, como Bosi (1987), Pollak (1989), Candau (2002), Portelli (2004), Maurice Halbwachs (2004). Joël Candau destaca a importância da memória como fator fundamental para a constituição do indivíduo. A memória está diretamente associada à identidade: se eu lembro, eu sei quem sou. No entanto, o autor também indaga: O que buscamos lembrar? E o que procuramos esquecer?

Solamente después de haber experimentado el olvido, los individuos son capaces de apreciar el recuerdo; los grupos y las sociedades construyen su identidad jugando permanentemente con los dos registros: por una parte, el deber o necesidad de memoria (...); por otra parte, el deber o la necesidad de olvido. (...) Intentar una antropología de la memoria es tomar en cuenta el proceso de la memoria en su doble dimensión: su solana – el recuerdo – y su zona umbría – es decir, lo opaco, oscuro, olvidado (la amnesia) o lo que originalmente está ausente de la memoria (la amnésia) por razones que hay que explicar. (Candau, 2002, p. 7)

Sustentamos a ideia de que é com base nessa contradição lembranças/esquecimentos, que se molda a identidade do grupo, entendendo esses esquecimentos como pactos de silêncio sobre o passado.

Ao se referir sobre a memória em disputa, Pollak (1989) toma como exemplo de disputa pelo passado, entre uma memória oficial e outras memórias “subterrâneas”, “clandestinas”, os episódios ocorridos na URSS, com o processo de desestalinização, iniciados nos anos 50 com Krushev e mais recentemente nos anos 80 com a era Gorbachev. Em certa medida, e guardadas as devidas proporções, é o que ocorre hoje em países da América Latina, onde a mudança do cenário político, com a chegada ao poder de grupos que fizeram parte da luta armada ou resistência aos regimes ditatoriais, permite que temas sobre os quais imperava o silêncio, agora venham a ser discutidos, bem como se nota uma valorização, um novo *status* atribuído a essa geração de lutadores sociais, que num passado não muito remoto ocupavam a categoria de terroristas.

No Brasil, com a eleição do PT à presidência da República e no Uruguai, com a chegada do *Frente Amplio*<sup>11</sup> ao Poder, podemos perceber esse fenômeno nitidamente.

A produção de texto-documento, com base na reconstrução da memória, pode auxiliar na produção de um arquivo onde esses registros das experiências vividas por pessoas comuns, como os imigrantes uruguaios, não sejam esquecidas. Com isso, o projeto também adquire uma pretensão maior, ao contribuir com a produção de fontes orais que passem a integrar o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, estando disponíveis para futuras pesquisas.

---

<sup>11</sup> Formada em 5 de Fevereiro de 1971, a Frente Ampla é uma coalizão de diversos partidos de centro-esquerda que apresentou Líber Seregni como candidato e alternativa eleitoral em oposição aos partidos tradicionais, Partido Blanco e Colorado. Com o Golpe de Estado de 1973, a organização foi posta na ilegalidade, tendo diversos de seus líderes, apoiadores e simpatizantes presos ou perseguidos. Com o retorno do país à democracia, em 31 de outubro de 2004, a Frente logrou alcançar a presidência da República elegendo o socialista Tabaré Vázquez. Atualmente a Frente Ampla se mantém na presidência do Uruguai, governada por José Mujica (Pepe Mujica), ex-guerrilheiro tupamaro.

## CAPÍTULO 3

### O CONTEXTO HISTÓRICO

#### **Yo también me voy: El Uruguay que dejamos**

A República Oriental do Uruguai pode ser considerada uma nação jovem que, assim como os demais países do continente americano, conquistou a independência no início do século XIX. Sua formação política e social não difere muito do conjunto de povos que denominamos latino-americanos. Guardadas suas especificidades, é possível destacar aspectos comuns como os elencados por Maria Lígia Coelho Prado (2006):

Ainda que cada país latino-americano guarde suas particularidades nacionais, com problemas culturais, políticos e sociais específicos, apresentam uma série de elementos que são comuns. Todos os países latino-americanos foram colônias por mais de trezentos anos, alcançaram sua independência política concomitantemente, sofreram a preponderância econômica britânica e depois a norte-americana. Viveram sob o autoritarismo das ditaduras militares, fizeram revoluções populares e mantêm um universo cultural, religioso e de idéias políticas bastante semelhantes (PRADO. 2006. p. 33).

A síntese apresentada pela historiadora reserva espaço para peculiaridades, que no caso do Uruguai tem início na ocupação do seu território. Originalmente feita por portugueses com a Fundação da Colônia de Sacramento em 1680, mas intensamente disputado também pelos espanhóis, já que pelo acordo de Tordesilhas essa área por direito lhes pertencia, e era considerada parte integrante do Vice Reinado do Rio da Prata. A indefinição com relação ao direito sobre essas terras perdurou mesmo depois da autonomia política do Vice-Reinado, mais tarde denominado Províncias Unidas do Rio da Prata e atualmente República da Argentina, pois a área também foi disputada pelo Império Português, que o anexou como Província Cisplatina. Mesmo depois da independência do Brasil a área foi mantida sobre controle do novo Império. A luta pela independência realizada contra o domínio lusitano e Argentino caracterizou a formação da nacionalidade oriental, que desde muito cedo teve que estabelecer uma clara diferenciação entre os dois

países que reivindicavam sua soberania sobre a região, pois como foi dito, ao longo dos séculos XVIII e início do século XIX a região foi palco de disputas e invasões que levaram a uma série de acordos diplomáticos mediados pela Inglaterra, que resultaram na criação de um Estado tampão independente entre as duas maiores potências da América do Sul. Desde que surgiu como uma República independente, o cenário político do país foi dominado por dois Partidos<sup>12</sup>, o Blanco (Nacional) que contava com o tradicional apoio da Argentina, e o Colorado, que contava com o apoio do Império brasileiro, isto é, a disputa pelo controle político da região se estendeu mesmo após a independência do Uruguai, agora traduzida no apoio dado a esses partidos, existentes até os dias atuais e por isso são considerados tradicionais. Porém, é correto afirmar que seria no início do século XX, justamente por ocasião das reformas políticas, econômicas e sociais impostas pelo Presidente José Batlle Ordoñez<sup>13</sup>, em conjunto com os preparativos para a comemoração do Centenário da independência do país, que se encontraram as origens dos elementos que ajudaram a configurar a identidade nacional dos uruguaios, assim como os diversos mitos que proporcionaram a crença em uma “excepcionalidade”, pois, apesar de sua reduzida dimensão, os uruguaios passaram a alimentar a ideia de que a eles estava reservado grandes realizações. Para ilustrar essa confiança surgem expressões como a “Suíça das Américas”, ou “*Como el Uruguay no hay*”.

A modernização do país no âmbito econômico também acarretou transformações no campo cultural e ideológico, constituindo, em parte, algumas das características da identidade nacional dos uruguaios até os dias atuais.

---

<sup>12</sup> Não se tratava de um sistema bipartidário legalmente estabelecido. Embora o sistema fosse pluripartidário, na prática somente os dois partidos tradicionais tinham reais condições de disputar as eleições.

<sup>13</sup> “José Batlle y Ordoñez (1856-1929): Hijo de Lorenzo Batlle Y Amália Ordóñez y nieto de catalanes afincados en Montevideo en el último período de la dominación española. Su padre fue Presidente de la República entre 1868 y 1872. El 1 de marzo de 1903, cuando asumió su primera presidencia, tenía casi 47 años de edad y poseía una importante experiencia política y periodística iniciada en la lucha contra la dictadura del Gral. Máximo Santos en los años ochenta del siglo XIX. Fundador del diario “El Día”, primer órgano de prensa de carácter masivo, predicaba a favor de la transformación de los partidos. Afiliado al racionalismo espiritualista, proponía el desarrollo integral del hombre y de una sociedad igualitaria. Ocupó la Presidencia de la República en dos administraciones (1903-1907 y 1911-1915), integró el primer Consejo Nacional de Administración por cortos períodos en la década de 1920 e intervino en forma decisiva en la conducción del Partido Colorado hasta su muerte en 1929.” FREGA, Ana. *La Formulación de un Modelo. 1890-1918*, IN. Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005). Montevideo: EBO, 2008, p.30.

A administração Batllista adotou medidas de desenvolvimento econômico e social de significativo conteúdo progressista. No entendimento de Batlle, caberia ao Estado levar adiante o programa de modernização urbano industrial do país, adaptando às demandas do capitalismo internacional, sem deixar de atender questões sociais.

Entre as áreas de atuação do Estado destacam-se a nacionalização dos serviços públicos considerados essenciais tais como Bancos e transportes; políticas de estímulo à indústria manufatureira, como adoção de tarifas protecionistas e redução de impostos para importação de bens de capital; modernização do setor rural com ampliação de recursos técnicos; estímulo à legislação social, expansão dos serviços de saúde e educação; nesse último aspecto os investimentos foram maiores no segundo mandato, que resultaram em elevados índices de alfabetização no país. Na década de 1920, o Uruguai possuía uma taxa de alfabetização de 70,5% da população com 15 anos, números bem superiores se comparados aos do Brasil na mesma época (35,1%) e superava levemente a Argentina (68.2%), segundo dados apurados por Ana Frega (2008 p.35).

No contexto das comemorações pelo Centenário da Independência, iniciaram os debates em torno de qual deveria ser a verdadeira data de celebração.

Observa-se aí uma disputa pela memória entre os dois partidos tradicionais, a tal ponto que se estabeleceram duas datas cívicas: a primeira no dia 25 de agosto de 1825, para marcar o momento em que ocorreu a Declaração de Independência, atendendo com isso os interesses do Partido Blanco que assim pretendia festejar a atuação de seu líder histórico, Juan Antonio Lavalleja.

A segunda data foi 18 de julho de 1830, escolhida pelos batllistas, que comemorava o aniversário do juramento da primeira Constituição do País e ano de mandato do primeiro Presidente da República, Fructuoso Rivera do Partido Colorado. A esse respeito, Ana Frega recorda que “[...] éste parece ser solo un ejemplo de lo que el historiador Eric Hobsbawm há llamado *invención de la tradición*” (FREGA, 2008, p. 67).

Fernando Aínsa, em seu livro *Espacios de la memoria: Lugares y paisajes de la cultura uruguaya*, reforça esse aspecto que denominou *Sistemas celebratorios*. O autor lembra que os espaços públicos de Montevideu estão batizados ou marcados por nomes e monumentos que reforçam o “discurso do poder”, formando a “memória historicamente consciente de si mesma.” (AINSA, 2008, p. 15)

O traçado urbano de Montevideú, com seus monumentos em bronze, denominação das ruas e avenidas, bem como os espaços públicos erigidos entre os anos 20 e 30, ajudaram a reforçar, constituir e legitimar no imaginário coletivo, a representação do Uruguai e sua gente. Aínsa argumenta que essa representação terá em Montevideú seu “único teatro”, denunciando a cidade como “um luxuoso biombo para ocultar o Uruguai” (AINSA, 2008, p.111)

Por seu turno, o futebol também pode ser considerado outro componente importante na construção dessa identidade nacional. Nos anos vinte o esporte já ocupava um lugar de destaque no coração dos uruguaios, constituindo-se no grande espetáculo de massas. Contribuiu para isso as conquistas obtidas pela Seleção *Celeste* nas Olimpíadas de Paris (1924) e Amsterdam (1928). Logo a política soube tirar proveito desse desporte popular numa época de ampliação do eleitorado.

Em maio de 1929, o Uruguai foi selecionado pelo Congresso da FIFA como sede do primeiro campeonato mundial de Futebol, envolvendo o país no enorme esforço para a construção e inauguração, em pouco menos de um ano, do primeiro estádio construído para esse fim. A primeira Copa do Mundo de 1930, vencida pelo Uruguai, contribuiria na construção do mito da garra charrua. Nas palavras de Aínsa:

Los clásicos entre Peñarol y Nacional, los campeonatos sudamericanos, signados por triunfos, derrotas y el auge y caída de ídolos, fueron configurando una mitología aglutinante del ser nacional para la que se invoca incluso un hipotético antecedente indígena: la famosa “garra charrúa”. A más de setenta años de construido, su estructura de hormigón, levantada en un parque que es referente urbanístico de la ciudad, sigue incólume y es considerado uno de los quince estadios más importantes del mundo y – tras la demolición de Wembley en Londres – ha pasado a ser el más antiguo entre los más famosos (ibid, 112).

Sobre a escolha do país como sede da primeira Copa do Mundo, a construção do Estádio Centenário para essa finalidade e principalmente sobre a disputa final entre Uruguai e Argentina que definiu o campeão do certame, Ana Frega chama a atenção para outro importante aspecto:

En la final, disputada el 30 de julio de 1930 Uruguay venció por 4 a 2 a Argentina. El vecino rioplatense había sido desde siempre el gran rival, quizás por que en ese proceso de construcción de identidad nacional – en el que el fútbol jugó un importante papel – la afirmación de pertenencia se vuelve más imperativa frente a aquellos que más se asemejan a nosotros. (p. 71)



Os anos de 1946 a 1964 são considerados o período do *Uruguai próspero*. Essa prosperidade no campo econômico e social foi motivada pelo desenvolvimento da indústria de substituição de importações impulsionada pelas condições favoráveis em decorrência da Segunda Guerra Mundial. No plano interno, também foi o período do chamado “neo-batllismo”, que promoveu alguns avanços nas condições de vida dos setores assalariados e o natural crescimento da organização sindical. No entanto, já em meados dos anos 1950, também por fatores internos e externos, o país entra num período de estagnação econômica que se traduziu em uma crise social e política, resultando na mudança do comando político, após quase um século de predomínio do Partido Colorado.

Com o fim da II Guerra Mundial e o período de pós-guerra – prolongado pelo conflito da Coreia – somada às práticas protecionistas por parte dos Estados Unidos e do Mercado Comum Europeu, teve início no país uma fase de sucessivos déficits, encerrando a etapa de prosperidade sustentada pelos saldos favoráveis na balança comercial.

Considerando que a economia uruguaia dependia basicamente da atividade rural, os demais setores eram sensíveis a qualquer alteração deste, que uma vez em estagnação, impossibilitava os investimentos em insumos industriais que se faziam necessários. Porém, também aqui a condição de país dependente limitavam o seu crescimento.

Se por um lado as importações de bens de consumo haviam diminuído com o desenvolvimento da indústria de substituição de importações do período bathllista, por outro, aumentou a necessidade de importações de bens de capital, indispensáveis ao setor. Além disso, o mercado interno era incapaz de sustentar essa expansão, seja por sua reduzida dimensão, seja pela insuficiente capacidade de consumo, agravado pelo processo inflacionário, reduzindo a demanda por produtos nacionais.

Concomitante à diminuição de investimentos no setor produtivo, houve um aumento na especulação financeira, traduzida em operações imobiliárias de compra e venda de moeda estrangeira beneficiada por uma inflação crescente, refletindo-se no crescimento do setor bancário

La banca jugaba un papel fundamental como agente del comercio exterior (prestando a los importadores la moneda extranjera necesaria para sus compras al extranjero y anticipando a los exportadores las sumas que

recibirían por sus ventas a otros países) y del mercado cambiario (NAHUM, 1994, p. 105).

A crise econômica provocou um clima de crescente tensão social que se refletiu na esfera política. Em 1958, os uruguaios compareceram às urnas para demonstrar toda sua insatisfação com os rumos do país, encerrando 93 anos de hegemonia do partido Colorado, concedendo a vitória ao Partido Nacional (Blanco).

Ao assumir o governo, em março de 1959, os blancos implantaram a Lei de Reforma Monetária e Cambial, de tendência liberal, abandonando as práticas protecionistas, reduzindo significativamente o Estado e proporcionando a entrada de capital estrangeiro.

Apesar da crise do final dos anos 50, a prosperidade dos anos anteriores manteve vivo no imaginário coletivo a crença na excepcionalidade, como pode ser percebido na seguinte afirmação de Esther Ruiz:

Casi todos los estudiosos que han incursionado en el período 1945-1955 coinciden en señalar que fue la etapa en que se cumplió el desarrollo industrial más importante en el país en el contexto de una economía de *“crecimiento hacia fuera”*. Otros autores han caracterizado esta etapa como *“edad de oro”*, o *“etapa de crecimiento acelerado”*. Otros académicos han hablado del *“Uruguay feliz”*, que el decir popular caracterizó como de *“las vacas gordas”*, y que se tradujo en la expresión *“Como el Uruguay no hay”* (RUIZ, 2008, p. 123).

A partir dessas constatações, a autora destaca que o desenvolvimento econômico do período foi apresentado como substrato para a ampliação de outras conquistas políticas e sociais dentro da lógica Batllista. Aliar política de desenvolvimento industrial com justiça social reforçou o caráter nacionalista e otimista em relação ao país.

En esta etapa el *“neo-batllismo”* concibió la industrialización por sustitución de importaciones como uno de los factores que permitiría igualar democracia, progreso, justicia social y orden bajo la protección del dirigismo del Estado. [...] en algunos sectores de la sociedad ha perdurado el recuerdo de esos años como el período en que *“todo fue mejor.”* (RUIZ, 2008, p.124).

No início dos anos cinquenta, além do já mencionados progressos econômicos e sociais estimulados pela situação favorável, que se traduziu na expressão *“Uruguai Feliz”*, outros dois episódios reforçaram a crença na excepcionalidade do país. Um deles ocorreu na metade do ano de 1950, quando

mais uma vez o futebol seria protagonista importante no reforço de alguns elementos fundamentais da identidade nacional uruguaia. A nova conquista da Copa do Mundo de 1950, desta vez realizada no Brasil, com a histórica vitória da seleção uruguaia frente à seleção brasileira, em pleno Maracanã, acabou por reafirmar a crença da pequena nação destinada a grandes conquistas. “[...] el triunfo se convirtió en historia y en mito, y alumbró el surgimiento de la “*garra charrúa*”. Fútbol e historia se dieron la mano para confirmar la grandeza de este pequeño país.”

O feito da seleção celeste produziu o termo como *maracanazo*, utilizado até os dias atuais, para traduzir realizações inacreditáveis. São esses momentos de superação no esporte que despertam um forte nacionalismo e serão projetados para outros setores da vida social e política de seus cidadãos. Espremidos entre os dois gigantes da América do Sul, esses episódios terão sempre um importante componente de reforço da autoestima nacional; é quando podem medir-se frente aos seus poderosos e ricos vizinhos. Como um pequeno Davi, supera suas adversidades fazendo história. Talvez não por acaso há uma réplica dessa obra de Michelangelo em frente à Intendência de Montevidéu.

Em setembro do mesmo ano ocorreu outro acontecimento que merece destaque. O país se preparava para as comemorações do centenário da morte do prócer da Independência José Gervásio Artigas<sup>14</sup>, considerado o “fundador da Pátria”.

[...] en medio de grandes ceremonias de las que participaron no solo uruguayos, sino representantes de toda América. No era poco ofrecerle a la “*patria un dios*”, a la “*historia un genio*” – como decía uno de los tantos himnos dedicados al prócer -, y en otra clave, los campeones del mundo a la humanidad. El mito de la excepcionalidad estaba bien servido para integrarse a las formas de identidad uruguaya” (RUIZ, 2008, p 144).

No aspecto político, o país também reforçava sua imagem de respeito às tradições democráticas. No cenário latino-americano, o Uruguai, já nessa época, se convertia em “terra de asilo” para os opositores dos regimes autoritários da região, abrigando opositores do peronismo argentino, mas também exilados paraguaios, bolivianos espanhóis e brasileiros.

---

<sup>14</sup> Para ter uma rápida idéia de como ao longo do tempo e dependendo das circunstâncias políticas da época ocorrem disputas pela memória de Artigas, uma reconstrução do passado utilizadas pelo poder para “criar” identidades, recomendo GONZÁLEZ, Ana María Sosa. *Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: Inmigración uruguaya en Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:PPGH/PUC-RS, 2006, 451f.

No entanto, ao final dos anos cinquenta a situação começava a dar sinais de exaustão. A partir desse momento, tem início uma escalada de crise social que culminou no golpe de 1973. O Uruguai de receptor de exilados políticos passou a emissor de cidadãos.

Esther Ruiz entende que “La década de 1960 tiene hoy personalidad propia; cada país la ha vivido a su manera, pero ha dejado huellas indelebles en costumbres, modas, formas de convivencia, etc.” No caso uruguaio os agitados anos 60 tiveram início um ano antes, quando em 1959 o país foi sacudido por episódios externos – o impacto da Revolução cubana<sup>15</sup> -, e internos, - o fim da quase centenária hegemonia do partido Colorado no poder, com a vitória eleitoral do Partido Blanco (Nacional) nas eleições daquele ano.

Em consonância com os acontecimentos mundiais, os jovens estudantes uruguaio não ficaram alheios a toda mobilização que encontrou seu auge no famoso maio de 68, como demonstra Magdalena Broquetas San Martín (2008, p. 171):

A nivel mundial, mayo de 1968 fue un año de grandes movilizaciones estudiantiles (el “mayo francés”, las protestas de los estudiantes estadounidenses contra la guerra de Vietnam y el movimiento estudiantil mexicano, víctima de la masacre que tuvo lugar en la Plaza de las Tres Culturas de Tlatelolco). Uruguay también vivió su “mayo del 68” con características específicas. A partir del mes de mayo se realizaron grandes manifestaciones estudiantiles en contra de la suba del precio del boleto del transporte colectivo y hacia junio se multiplicaron las ocupaciones de liceos y las manifestaciones en demanda de mayores recursos para la enseñanza (el gobierno debía 500 millones de pesos a la Universidad y 400 a la UTU).

Eduardo Gozalbo relembra bem esse período, mostrando que jovens, universitários ou não, facilmente encontravam atividades culturais que os estimulavam ao engajamento político. Suas palavras dão uma ideia da efervescência que foram aqueles agitados anos sessenta:

---

<sup>15</sup> “En este sentido el período que comienza en los años sesenta estuvo marcado por la profundización de la influencia norteamericana en el continente. Podemos comprobar cómo las diferentes medidas en materia de política internacional impulsadas durante el primer colegiado blanco tendieron a alinear el país en una política de hostilidad hacia Cuba. El ser sede de la reunión donde se organizó la Alianza para el Progreso (1961), el haber declarado al primer secretario de la embajada de la URSS y al embajador cubano en Uruguay personas no gratas (1961) y la decisión tomada por la VIII Reunión de Consulta de Cancilleres en Punta del Este de expulsar a Cuba de la OEA (1962), representan algunos hechos clave que permiten caracterizar la actitud del gobierno uruguayo en materia de asuntos exteriores. El Uruguay de tolerancia y respeto por las ideas de todos comenzó a transformarse” (Ruiz, 2008, p.154).

[...] no hice facultad, no hice nada. Hice sí mucho. En aquella época Montevideo tenía - esa década fue muy generosa con la cultura -, había curso de todo, de italiano, de inglés, de fotografía, fue la época de los Beatles y de los escritores latinoamericanos que surgieron, y París y el Cordobazo y era mucha agitación para un joven con 18, 19 años, 17 años! Entonces muchos se desviaron de estudios y esto porque había infinidad de actividades para hacer, entre ellas la militancia política que estaba prácticamente todo el mundo metido en eso, no? De un lado al otro, quiero decir. Pero fue una década que todo el mundo estaba en la política, no? <sup>16</sup>

A maior parte dos entrevistados são filhos de pais dessa geração, e que conservam, ainda hoje, na expressão de Ruiz, as marcas desse tempo e se manifestam de diversas formas, como na cultura, nos costumes e nas formas de convivência. Alguns dos entrevistados eram crianças, outros já nasceram em solo brasileiro, no entanto absorveram de seus pais e familiares essas características de identidade cultural, moral e nacional. São ecos de uma memória coletiva e no caso daqueles que nasceram no Brasil, uma memória recriada. A tradição de luta social do povo uruguaio o caracterizou de tal modo que gerou marcas no sentido dado por Vierter (2006), como atributos conferido pelos demais ou pelo próprio grupo que passam assim a se autodefinir, podendo, em determinadas circunstâncias, celebrá-las como qualidades com as quais querem ser associados ou vistos. É o que ocorreu com a denominação de *Tupamaros* ao longo do tempo e para efeito de ilustração tomamos as palavras de Janaína Guerra.

Tem uma colega minha, colega de trabalho que fala, às vezes ela mexe comigo “Ah, tu é uma tupamara mesmo!” Porque eu me posicionei frente as questões sociais, sou a favor do movimento estudantil, etc.

[...] E aí essa colega diz: “Ah, porque tu é de esquerda! Porque tu é uma “Tupamara!”. E porque ela sabe que meu pai é uruguaio, então ela fala isso. <sup>17</sup>

A atual conjuntura política no continente permite avaliar os movimentos de esquerda e em especial os grupos que aderiram à luta armada contra os regimes autoritários com menos temor e certo grau de admiração.

Atualmente o presidente do Uruguai é um ex-líder tupamaro e compõe o terceiro mandato de esquerda naquele país. No entanto, nos “anos duros”, como

<sup>16</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>17</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 de novembro de 2010.

ficaram conhecidos os anos de forte repressão do Estado, o uso ou referência do termo eram terminantemente proibidos, eram considerados os “impronunciáveis”, classificados como terroristas, e mesmo que contassem com alguma simpatia popular, a repressão e propaganda ideológica do regime atemorizavam as pessoas que pudessem ser associadas a esse movimento. No contexto em que muitos uruguaios migraram para o Brasil, a designação de esquerdista ou “tupamaro”, com certeza não era celebrada, mas antes omitida ou negada.

Além disso é pertinente recordar que o fenômeno da imigração no Uruguai tem sido sempre uma constante ao longo de sua história e pelos mais variados motivos. Já na virada do século XIX para o XX, Bonfanti (2008) assinala alguns fatores que motivaram a saída de orientales para outros países, entre eles elenca as transformações no meio rural como o cercamento dos campos que provocou desemprego tecnológico, a ausência de uma estrutura econômica que integrasse a agricultura e a pecuária e as frequentes guerras civis do período. Gill (2007) analisando a procedência dos vitimados pela Tuberculose em Pelotas no final do século XIX e início do século XX, aponta para a existência de uma significativa colônia de uruguaios na cidade, constatando que a migração dessa nacionalidade estava mais destinada à zona urbana, servindo como trabalhadores em diversas atividades relacionadas com manufaturas, no comércio ou charqueadas.

No ano de 1911, houve um decréscimo no número de estrangeiros em Pelotas, passando a ser este 11% do total. A maior perda se referia ao contingente de portugueses, que havia baixado significativamente, sendo agora composta por 1964 pessoas; os uruguaios, no momento a segunda maior colônia, contavam com 1348 imigrantes; os italianos 1182; os alemães, 790; espanhóis, 523; franceses, 394; polacos, 99 e diversos 564 (GILL, 2007, p. 95).

Embora os motivos para terem deixado o país possam ser diversos, não apenas políticos e econômicos é inquestionável que a crise dos anos de 1960 e 1970, contribuiu em muito na decisão de abandonar o país.

Marcio Pochmann (2001), em sua obra *O emprego na globalização*, faz um interessante balanço sobre as transformações ocorridas na economia capitalista no último quartel do século XX. O autor argumenta que a Segunda Divisão Internacional do Trabalho estruturou-se a partir do pós-segunda guerra, em meio à disputa com o modelo soviético.

Na realidade, a predominância de um quadro de guerra fria, fortemente marcado pela bipolaridade nas relações internacionais, especialmente entre EUA e URSS, terminou favorecendo no segundo pós-guerra não apenas a reconstrução da Europa e do Japão, mas a reformulação do próprio centro capitalista mundial, com a geração de um bloco de países semiperiféricos engajados tanto na estratégia anti-sistêmica (economia centralmente planejada) como na estratégia pró-sistêmica (economia de mercado subdesenvolvida). (POCHMANN, 2001. p.22)

Para a emergência dos chamados semiperiféricos contribuíram tanto o empenho das elites nacionais, objetivando atrair investimentos externos, quanto a concorrência de empresas multinacionais por novas áreas de inversão de capital. O Estado teve participação fundamental nesse processo, assegurando políticas para a expansão do mercado interno associada a vantagens fiscais.

Esse processo, tanto viabilizou certa estabilidade ao sistema capitalista mundial, uma vez que minimizava a polarização entre as regiões mais ricas e mais pobres do planeta, como também abria novas áreas de investimentos para setores que se encontravam em dificuldades financeiras no centro do sistema, já que poderiam promover a transferência de parte do capital ou de plantas industriais para essas novas áreas. No entanto, nas regiões receptoras, essa nova realidade foi acompanhada pelo surgimento de um segmento social com alto poder de consumo e investimento que se realizou, via de regra, sustentado por um modelo político autoritário. “São escassas as experiências de regimes democráticos que se industrializaram sem ter realizado profundas reformas na propriedade fundiária, tributária e social” (POCHMANN, 2001, p. 25).

Os setores empresariais e conservadores da sociedade, especialmente a classe média alta, temerosas de perder os seus privilégios, pregavam medidas de caráter autoritário com vistas a barrar o processo de participação popular na direção de seus respectivos países, tanto mais quando os reflexos da Revolução cubana se fez sentir em todo o continente latino-americano.

Concordando com essa perspectiva, Magdalena San Martin aponta:

En un contexto de alta movilización política e gremial – aumento de la capacidad de presión de los sectores asalariados, crecimiento electoral de la izquierda y apuesta de un sector de ésta a la vía armada como opción de cambio – la implantación del modelo neoliberal, impulsado por los grandes grupos económicos, se realizó por la vía autoritaria. En este sentido, la estructuración de una política hacia las Fuerzas Armadas acorde con la *doctrina de la seguridad nacional* preconizada por los Estados Unidos, constituyó un recurso clave del elenco civil para contener la movilización social e implementar el nuevo modelo. (2008, p.163)

Ainda que essa participação popular em ascendência não fosse percebida em todas as nações do continente, o êxito da Revolução no Caribe serviu de alerta para essas classes dominantes.

O que se seguiu, a partir do final dos anos de 1960 e início dos anos 1970, foi uma escalada de repressão e violência, protagonizado tanto por parte dos órgãos oficiais como de grupos paramilitares de direita e esquerda que começaram a surgir no país<sup>18</sup>.

O golpe de estado de 1973 foi, portanto, o desfecho de um longo período de frequentes crises econômicas, sociais e políticas, que vinham se agravando desde o final dos anos 60. O Uruguai vivenciou um dos regimes mais autoritários e repressores do continente. Conforme dados do Comitê dos Direitos Humanos da ONU, o país tinha a mais alta proporção de prisioneiros políticos do mundo<sup>19</sup>. Diante das constantes violações aos direitos civis, o fechamento do Estado democrático e a implantação de um regime ditatorial, muitos “orientales” viram-se obrigados a sair de sua terra natal.

Esse fenômeno teve características de uma verdadeira “diáspora”. Segundo aponta Nahum (1994), o volume de emigração nesses anos superou a cifra de 218.000 pessoas, correspondendo a 8% da população total do país e deixando profundas marcas até os dias atuais, a ponto de o Uruguai ser considerado um país de velhos, já que a maior parte de população que se decidiu por sair era composta por jovens em idade economicamente ativa. Essas marcas, evidentemente, também estão presentes naqueles que se dispuseram a sair.

É importante destacar que o país não teve seu fluxo emigratório encerrado ou diminuído com o final do período de exceção. A retomada da democracia, em meados dos anos 80, foi acompanhada de reformas de caráter neoliberais, exigindo da nação adaptações que terminaram por afetar vários segmentos da sociedade, os quais passaram a ter na estagnação econômica o novo fator de impulsão de seus cidadãos para fora do país. Ana González (2006) aponta para números mais atualizados e igualmente drásticos, avaliando que entre 1968 e 2002, 15,52% da

---

<sup>18</sup> São dos anos 1960 a origem de grupos guerrilheiros de esquerda como o MLN-Tupamaros, o FARO (Fuerzas Armadas Revolucionárias Orientales), o OPR 33 (Organización Popular Revolucionaria “33 Orientales”, bem como grupos paramilitares de direita, como os CCCs (Comando Caza Comunistas), JUP (Juventud Uruguaya de Pie) (Ruiz, p. 154)

<sup>19</sup> “Coojornal” especial, Porto Alegre, Ago, 1979. Acervo pessoal.



população estimada, em 2004 deixaram o país, totalizando um universo de 500 mil pessoas, aproximadamente<sup>20</sup>. Números que para as dimensões demográficas do Uruguai podem ser comparadas a uma catástrofe, como se refere Daniele Bonfanti (2008, p. 280).

El resultado final ha sido una sangría demográfica. Según recientes estimaciones, entre 1968 y 2002 abandonaron el país 498.684 ciudadanos, cifra equivalente al 15,52% de la población estimada en 2004. El dato es en sí extraordinario. Corresponde a una pérdida demográfica comparable a una catástrofe natural o a una guerra.

Ironicamente, é lícito afirmar que essa guerra realmente estava em curso.

La profundización de la represión al tramo exclusivamente dictatorial, signado por los secuestros, las detenciones, las torturas, las desapariciones de adultos y niños, las destituciones y la clausura de los canales de expresión opositores. La emigración de una importante porción de la población por razones políticas e económicas representó otra de las contantes de este período (SAN MARTIN, 2008, p.163).

Já em 1972, o Uruguai declarou pela primeira vez em sua história o regime de “guerra interna”, autorizando as Forças Armadas a desenvolver operações em todo o país com a finalidade de eliminar a ameaça comunista. A esse respeito, Magdalena San Martin denuncia: “Cientos de personas – muchos de ellos estudiantes – fueron detenidas sin que se diera a conocer su paradero.” Esse panorama de restrições de liberdades, e violência, inclusive psicológica é descrita por Maria Pia quando relata suas memórias sobre a ditadura.

Reforçando o aspecto acima mencionado, sobre as peculiaridades dos regimes de exceção na América Latina, San Martin chama a atenção para o caso uruguaio onde:

A diferencia de otras dictaduras del Cono Sur en las que se practicaron fusilamientos sistemáticos (Chile) o desapariciones forzadas masivas (Argentina), la modalidad represiva que caracterizó al régimen uruguayo fue el encarcelamiento masivo y prolongado. Así lo prueban las estadísticas que indican que en 1976 Uruguay tenía el índice más alto de prisioneros por cantidad de habitantes de toda América del Sur. Cerca de 5.000 personas fueron procesadas por la Justicia Militar, debiendo sumarse a esta cifra los aproximadamente 3.700 casos de detenidos que no fueron procesados, pudiendo tratarse de horas o de meses (SAN MARTIN, 2008, p.199).

---

<sup>20</sup> GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa. *Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: Inmigración uruguaya en Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:PPGH/RUC-RS, 2006, 451f.

Percebe-se esse ambiente de opressão e insegurança através da narrativa de episódios vivenciados por alguns dos colaboradores, e que certamente foram determinantes na avaliação que muitos cidadãos fizeram: a de que “o país já não dava mais”.

Se observadas as características do regime uruguaio descrita anteriormente por San Martín, fica evidente que a repressão e o clima de insegurança pessoal se estendia a todos que pudessem ser considerados subversivos. Além do mais, uma vez implicado em movimentos sindicais, estudantis ou políticos, o regime criava restrições para inserção no mercado de trabalho, estabelecendo para isso uma escala de classificação ideológica.

Eu sei que o pai era preso freqüentemente, por conta das atividades do sindicato, todos os bancários, ou boa parte deles, pelo menos. Mas ele nunca me contou. Eu sei da mãe contar. Mas ele nunca me contou. E nunca deu abertura pra isso, assim também.<sup>21</sup>

Outros cidadãos em situação semelhante se depararam com o seguinte dilema: tomada a decisão de migrar, era chegada a hora de escolher destinos, em muitos casos nem isso era possível, a saída assumiu características de fuga, como a narrada por Paulo Roldan Pinto.

Durante os anos de 1970 o Brasil igualmente se encontrava em plena ditadura militar, no entanto isso não impediu que muitos uruguaios cruzassem a fronteira buscando tanto escapar da situação de risco como também encontravam aqui condições no mercado de trabalho bastante favoráveis para quem pudesse contar com algum tipo de apoio.

Todavia, no conjunto das tensões políticas da época, é pertinente analisar como teria ocorrido o ingresso desses imigrantes uruguaios no Brasil. Padrós (2005) destaca que para o regime brasileiro era importante observar o andamento da política no Uruguai, já que na expressão de Flávio Tavares (1998), Montevidéu era a “Meca” da revolução nacionalista-popular no Brasil, haja vista que o país, antes do fechamento do regime, abrigou muitos exilados políticos brasileiros, dentre os quais Goulart e Brizola.

Havia, por essas razões, uma forte fiscalização de fronteira, que tendeu a uma maior rigidez com o advento da guerrilha urbana, em especial com o

---

<sup>21</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

movimento Tupamaro<sup>22</sup>. Muitos imigrantes poderiam, por esses motivos, serem suspeitos de subversão, constituindo uma dificuldade para ingressar legalmente em terras brasileiras.

Apesar disso, mesmo assim o contexto brasileiro no qual se deram algumas dessas migrações mostrou-se, em vários aspectos, bem favoráveis, pois o país estava em pleno desenvolvimento provocado pelo “Milagre econômico” do governo Médici (1969-1974). A ditadura se instalou oficialmente no Uruguai em 1973, o que leva a concluir que quando as restrições legais começam a ser implantadas no país vizinho, esse processo já se encontrava em pleno vigor no Brasil já desde 1968-1969. A esse respeito, Gozalbo avalia os motivos pelos quais o Brasil apresentava-se como um destino viável, apesar do regime vigente.

Lo que pasa es que en el Uruguay nos conocemos todos. Y aquí vos te podías meter en cincuenta mil lados! Venias calladito y [...] Claro, te vigilaban, vistes. Te miraban el movimiento, si vos tenias un movimiento extraño, o una denuncia... Te vigilaban. Pero en Uruguay, en la dictadura, en si, comenzó en el 73 y acá está en el apogeo, en el 70, 73, seguro, fue la parte más cruel<sup>23</sup>.

Também contribui para entender a escolha do Brasil como destino de muitos uruguaios o fato de que sempre foi relativamente barato migrar para o Rio Grande do Sul. Além do mais, é uma travessia relativamente fácil. São diversas as passagens apresentadas pelos narradores sobre idas e vindas clandestinas, como se percebe nas palavras de Nicol

Se tu pegas uma linha de ônibus que é direta, sabe tipo TTL, tu tens que dar os documentos pros caras, e aí se tu não ta com os documentos OK, os caras não te deixam subir. Só que se tu pegas um São João e vai até Livramento, depois lá tu desces e pega um *Turil* e vais até Tacuarembó, entendeu? Quem te pergunta alguma coisa? Ninguém! Te perguntam nada! Claro, eles vão te revisar ali pra ver se tu não levas *muamba*, se tu não leva *comestibles*, (risos), só né?. Ta, olham assim se tu não tem coisas, mas se não, nada!<sup>24</sup>

<sup>22</sup> São dos anos 1960 a origem de grupos guerrilheiros de esquerda no Uruguai como o MLN-Tupamaros, o FARO (Fuerzas Armadas Revolucionárias Orientales), o OPR 33 (Organización Popular Revolucionaria “33 Orientales”, bem como grupos paramilitares de direita, como os CCCs (Comando Caza Comunistas), JUP (Juventud Uruguaya de Pie)

<sup>23</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>24</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

Tudo indica que esse movimento também parece ter sido construído ao longo do tempo, pois foram comuns as descrições sobre gerações anteriores que teriam feito o mesmo percurso

Meu avô. Sim, ele fez o movimento do gado na fronteira.. (risos) ...Então, Melo está relativamente perto do Brasil. Vinham bastante no Brasil. Acho que por conta disso. A vó Aita, falava muito bem o português, e a Bimba, minha bisavó, era brasileira, então já tinham uma certa relação com o Brasil.  
<sup>25</sup>

Para uma melhor compreensão desse processo, faz-se necessário analisar mais demoradamente alguns trechos das entrevistas apresentadas por temas.

---

<sup>25</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

## CAPÍTULO 4

### 4.1. El corazón mirando al Sur: a decisão de sair

Em relação aos motivos que levaram os entrevistados e seus familiares a saírem do Uruguai, optou-se por classificar os depoimentos basicamente em dois grupos: aqueles que vieram no período da ditadura, provocada direta ou indiretamente por esta, e aqueles que vieram numa etapa posterior, quando o país já havia retomado a normalidade democrática, mas que, apesar disso, como foi descrito ao final do capítulo anterior, encontrava-se mergulhado numa forte crise econômica e social. No primeiro grupo se enquadram Maria Pia, Eduardo Gozalbo, Paulo Pinto e Nicol. Contavam com idades diferentes quando vieram, mas compartilham o mesmo contexto histórico.

Maria Pia era adolescente quando acompanhou os acontecimentos que levaram seu país a mergulhar na crise que culminou no golpe de Estado de 1973.

Ela narra a forma e as razões da saída de seus pais do Uruguai:

Fue así. Papá era profesor de la Universidad, también. Y fue la época de la dictadura donde justamente taba toda esa movida de la dictadura y que ellos no estaban de acuerdo con el gobierno y todo eso. Tengo muchos amigos y parientes tambien presos, y todo fue por causa de un primo mío que fue muerto, primo hermano y *aí* mis padres hicieron una autopsia, hicieron una conjunta médica y todo eso y los que participaron fueron completamente perseguidos<sup>26</sup>.

O fragmento anterior corrobora com o que foi destacado sobre a peculiaridade da repressão do Estado de Terror implantado no Uruguai. O ambiente de extrema violência que já havia invadido os meios acadêmicos buscavam cercear manifestações e contestações ao governo, provocando um clima de total insegurança pessoal, que se agravou com a implantação da ditadura e a consequente anulação do Estado de Direito. As estratégias do regime visaram intimidar a sociedade como um todo, pois para a repressão não havia limites legais, como descreve San Martín:

---

<sup>26</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

Miles de uruguayos fueron capturados por militares y policías en la vía pública o en sus domicilios – muchas veces de madrugada y por personal veces por personal vestido de civil – y sometidos a malos tratos y torturas en unidades militares de todo el país y en centros clandestinos de detención. Las familias de los detenidos solían pasar días e incluso meses sin conocer su paradero y destino (SAN MARTÍN, 2008. p. 199).

Se é bem verdade que não é adequado classificar a todos os uruguaios que se viram compelidos a sair do país por motivos políticos como exilados, por outro torna-se complexo estabelecer uma categorização que dê conta de todos os aspectos envolvidos e as variáveis no processo. Pode-se usar o conceito de autoexilado, para aqueles que por receio com relação à sua segurança ou porque tratam de acompanhar outra pessoa, se veem compelidos a migrar, como foi o caso da mãe de Maria Pia.

Cabe ponderar que esta divisão igualmente torna-se complexa pela peculiaridade da repressão naquele país, uma vez que o regime se utilizou de meios extraordinários, como prisões ilegais, clandestinas, típicas ações de terrorismo de oficial, com adoção de agentes encarregados da repressão à paisana, invasões noturnas a residências privadas, situação na qual os cidadãos sabiam que não poderiam recorrer a quem deveria lhe oferecer segurança, o Estado.

Maria Pia também contribui em seu depoimento descrevendo que fatores pesaram no momento de a família decidir pelo melhor destino, demonstrando que também existiam outras possibilidades de refúgio.

Mi padre vino en el 74 para el Brasil y mi madre se fue para España. Primero mi madre se fue para España. Nosotros íbamos a vivir en España. Y *nesse interim*, en ese año, mi padre tuvo que salir lo cuanto antes de Uruguay y se vino aquí para o Brasil. Donde había, en esa época la Universidad de la FURG, estaban estructurando-la, el curso de medicina, e *aí* justamente estaban necesitando de un patólogo, y el tenia unos contactos aquí y se vinieron. Después mi madre volvió, vino aquí para el Brasil. Nosotros quedamos, toda a *minha adolescência*, vivimos solos allá.<sup>27</sup>

Em circunstâncias tão extremas o mais lógico era pensar em refugiar-se em um país que, além de garantir a segurança, possibilitasse condições de sobrevivência com oferta de trabalho e que a repressão política do país de origem não pudesse se fazer sentir. No entanto, caberia outra pergunta. Se não fosse o Brasil, por que a Espanha? O país ibérico igualmente encontrava-se em plena

<sup>27</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

ditadura franquista! Talvez a distância da terra de origem poderia assegurar algum tipo de segurança, mas esse critério de afastamento também teve algum peso no fato de justamente dificultar o contato com os parentes além dos próprios filhos, que como foi descrito pela narradora, tiveram que permanecer no Uruguai enquanto seus pais definiam seu futuro no exterior.

La época de mi adolescencia fue una época difícil, vamos decir, porque no tenía mis padres y nadie se acercaba de nosotros, solamente una tía. Dos tías. Y después, cuando nosotros terminamos los estudios, que ellos querían que termináramos los estudios allá, y ellos se estructuraron mejor aquí. *Aí que nosotros vinimos en el 78. Mi hermano, mi hermana y yo.*<sup>28</sup>

As condições extremas que levaram seus pais a optarem por sair do país interferiram decisivamente na vida pessoal de Maria. Em que pese sua condição social, como filha de médicos, com acesso a bens materiais, bens culturais e boas instituições de ensino as circunstâncias a obrigaram a um amadurecimento forçado, a ter que enfrentar situações limite, numa etapa da vida extremamente importante para a constituição de sua personalidade. Em seu relato destaca o fato de ter permanecido sozinha com seus irmãos no Uruguai durante o período em que seus pais se viram compelidos a buscar, por questões de segurança, outro país, que tanto poderia ser a Espanha como o Brasil. Maria só pôde contar com poucos familiares.

Em parte isso pode ser entendido devido às circunstâncias impostas pela realidade política da época. A repressão no Uruguai gerava marcas, estigmas naqueles que de alguma forma eram condenados pelo regime; o pai de Maria era comunista. A própria narradora revela que poucas pessoas se aproximavam para auxiliá-los, provocando uma situação de abandono que terminaram por deixar traumas ainda não superados entre familiares.

Iba a colegios particulares, e tuvimos que pasar para colegios públicos. Teníamos una estructura de vida bien! Tuvimos que ajustarnos. No te digo que pasamos hambre. Porque mis padres no podían entrar en el Uruguay! Principalmente papá! Mamá si. Mamá podía, pero papá no. Y bueno, entonces todo eso tambien me afecto bastante. Yo un momento tuve una cierta revuelta contra Uruguay. Al mismo tiempo quería estar. Me entiendes? No se si es por la raíz, por la identificación, por la forma de vida? Por eso te digo, fue un conflicto grande. Porque quería estar junto de mis padres, pero no viviendo en el Brasil y si viviendo en el Uruguay. Pero al mismo tiempo en el Uruguay, solo é contado con nuestras amistades, los amigos! Pero

---

<sup>28</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

así, gente adulta para saber si no estaba faltando algo, esto, no lo teníamos. Tuvimos que nos defender solos!<sup>29</sup>

Esses conflitos no grupo familiar estiveram presente em outros relatos, expondo mais um componente ainda pouco avaliado sobre esse período: o da repercussão desses episódios a nível doméstico. Isso se torna presumível na medida em que toma-se mais conhecimento dos diversos elementos que a ditadura implicou, e que na sequencia das entrevistas foram emergindo.

Hoje, Maria se julga apolítica, postura que é possível encontrar em outros filhos de militantes políticos dos anos 1960 e 1970, pois estes identificaram nessa militância de seus progenitores um dos motivos de suas ausências, do pouco convívio familiar.

Fica evidenciado que a decisão de ausentar-se do país era imperativa. A situação política e social era insustentável para os opositores declarados ao regime. É justamente esse o período apontado por alguns estudiosos, como os já citados Fernando Klein e Adela Pellegrino, como sendo o de maior fluxo migratório, classificando o fenômeno como uma verdadeira diáspora e tendo nas razões políticas o principal fator de propulsão.

Também pelo que foi exposto, havia outras possibilidades de destino, no entanto, a decisão pelo Brasil deu-se pela existência de uma rede social de apoio, que inclusive havia na Espanha, porém a oferta de trabalho na cidade de Rio Grande e a proximidade geográfica em relação ao Uruguai acabaram por ter um peso maior na decisão. Nesse sentido Maria complementa:

Porque fue tambien así: mi padre no se quería venir. No quería estar lejos de la familia. Quería estar más cerca del Uruguay. *Enton* decía que si el si iba para España no iba estar muy cerca de su país. Cuando mi madre se fue en el 74, mi abuela falleció en mayo, el onze de mayo, y mi madre ya en junio ya se fue para España. Para arreglar todo para irnos para allá, Eso fue en junio, julio, final de julio, inicio de agosto mi padre ya tuvo que irse para Brasil corriendo.

Y *ai* mi padre, como decía, en inicio de agosto se vino para *aquí*. *E ai* nosotros estamos en ese *inpase*. O nos quedábamos en Brasil, o nos quedábamos en España. Como mi padre ya había conseguido trabajo aquí en la FURG, porque estaban necesitando de un patólogo, e *aí* mi madre dijo: “bueno, entonces nos vamos para Brasil”. *Aí*, ella, de España, fue para Brasil. *E aí* fue al final del 74, *aí* que nos dimos cuenta que el destino era Brasil.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>30</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.



Outro colaborador, Paulo Pinto descreve as razões que motivaram a saída de sua família, quando migraram de Melo no interior do Uruguai para Porto Alegre, no ano de 1974, também no auge da repressão. A memória desse episódio foi constituída principalmente a partir das narrativas da sua mãe, uma vez que Paulo contava com apenas três anos de idade:

Porque eu me lembro de uma situação que foi meio limite assim, quando os militares arrombaram a nossa casa em Melo. O pai tava preso, eles invadiram a casa da vó lá em Dolores. Ligaram, daí lá de Dolores, ligaram pra Melo, pra nos avisar. O meu avô passou lá nos levar pra fora, tava a mãe, a Verônica e eu. Nos tiraram de casa, e aí os vizinhos nos contaram que pouco tempo depois que nos tiraram de casa os milicos chegaram. Tudo foi em Melo. E essa teria sido uma situação meio limite. Então o fato foi que nós saímos de Melo pra Porto Alegre<sup>31</sup>.

Suas palavras confirmam a atmosfera de intranquilidade que se estendia até mesmo àqueles que moravam longe da capital do país. O pai do entrevistado havia morado em Montevideú, era bancário e sindicalista, segundo conta Paulo, sua transferência para o interior foi uma forma de se livrar do clima tenso da capital na época, porém, o regime se fazia sentir em qualquer departamento da República.

A respeito do cenário da época, descreve Magdalena Broquetas San Martin

Muchas personas fueron perseguidas en sus lugares de trabajo por motivos políticos, ideológicos o gremiales. Distintos mecanismos se implementaron para “depurar” la administración pública. Por ejemplo el acto institucional N° 7 permitía “pasar a disponibilidad” a funcionarios públicos y, de este modo, destituirlos de sus cargos. Al funcionario público se le solicitaba una “declaración jurada de Fe al sistema democrático de gobierno” además de exigirles “constancia de habilitación para cargos públicos”, extendidas en las seccionales policiales correspondientes. Sobre esta y otras resoluciones la dictadura clasificó a los ciudadanos según la confiabilidad política con las categorías A,B y C. Eran múltiples los motivos para recibir la categoría “C”, que inhabilitaba a la persona para obtener o mantener su empleo. (2008: 201)

Essa classificação da sociedade em categorias para estabelecer uma fidelidade político-ideológica ao regime possibilita ter uma ideia dos mecanismos de controle social que passaram a fazer parte do dia a dia dos cidadãos uruguaios, tornando praticamente insustentável a permanência no país, principalmente quando estava em jogo, além da segurança pessoal, restrições ao mercado de trabalho, inviabilizando a sobrevivência pessoal.

---

<sup>31</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

Também aqui é possível inferir com base nos depoimentos anteriores e nessa passagem de Magdalena Broquetas que essas medidas de controle adotadas pelo regime tenham interferido nas relações em família, pois nem todos os membros de um grupo familiar compartilhavam dos mesmos ideais ou adotavam as mesmas posturas políticas, entretanto, o envolvimento direto de um parente em atos considerados subversivos ou ilegais poderia estender a desqualificação como categoria “C” aos demais integrantes do grupo.

Não há dúvidas de que o final da década de 1960 e início dos anos de 1970 foram os mais duros para os uruguaios; essa percepção foi compartilhada por Eduardo Gozalbo,

La década de 60 fue el fin de la “época de oro” del Uruguay. Allá tenías trabajo, estudiabas, pero también empezaron la década conturbada, empezaron las medidas prontas de seguridad y hubo mucho lío a nivel político y estudiantil y con los sindicatos ya empezó ese mareo<sup>32</sup>.

Apesar dessas circunstâncias, não foram motivações políticas que trouxeram Gozalbo para este lado da fronteira. Ele migrou um pouco antes do golpe e assim conta sobre sua decisão de vir para o Brasil:

Salí sí, porque mi hermano ya se había venido acá en el año 64. Había venido en un carnaval de moto, y se enamoró de una brasilera enloquecidamente, se vino y se quedó. Estudiaba, trabajaba... [...] Y mi hermano vino en el 64, y se quedó por ahí. Y mi padre siempre le gustó el Brasil, viajaba mucho a Rio y a São Paulo, y en el 69, mi hermano una vez que fue a Montevideo me dijo: “no te quieres venir conmigo?” Ahí un día arranqué, para acá. No hubo una necesidad así: “tenía que venir-me, tenía que salir”. Un poco la aventura, fue no? Pero después volví en el 71, quedé hasta el 73. Después fueron períodos que estuve en el Uruguay. Y bueno, arranqué para Brasil por ese motivo, te digo ya porque tenía la oportunidad de sacar la residencia, que no era todo el mundo que podía, y me gustaba, había hecho ese curso de portugués y escuchaba la radio, mi hermano estaba aquí, entonces arranqué para estos lados<sup>33</sup>.

Nestas passagens pode-se avaliar vários aspectos além dos motivos da saída. Gozalbo apresenta a situação social do Uruguai, descrevendo o final dos anos 60 como o fim da “era de ouro”, discurso que se apoia no mito da excepcionalidade uruguia do período neo-bathillista e reforçada na ideia do Uruguai Feliz, na expressão de Esther Ruiz.

---

<sup>32</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>33</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

La década de 1960 tiene hoy personalidad propia; cada país la ha vivido a su manera, pero ha dejado huellas indelebles en costumbres, modas, formas de convivencia, etc.” (RUIZ, 2008: p. 152)

A autora afirma que no caso uruguaio os agitados anos 60 tiveram início um ano antes, quando em 1959 o país foi sacudido por episódios externos – o impacto da Revolução cubana -, e internos, - o fim da quase centenária hegemonia do partido Colorado no poder, com a vitória eleitoral do Partido Blanco (Nacional) nas eleições daquele ano. Esse clima de agitação política e social que se percebia em todo o globo, naturalmente envolveu os jovens daquele período.

Klein<sup>34</sup> também defende que um dos motivos para o “êxodo” foi a degeneração das expectativas com relação ao futuro; gradativamente a população ia se convencendo de que o Uruguai, como o país das possibilidades, estava ficando cada vez mais no passado.

Diante de tais circunstâncias, para aqueles que tomaram a decisão de sair do país com destino ao Brasil, foi destacada a importância da presença de uma rede de apoio constituída por familiares, amigos ou construída por meio de algum contato resultante de viagens feitas anteriormente, como nos descreve Gozalbo a respeito das visitas frequentes feitas pelo seu pai a este país. Além disso, é interessante perceber que apesar das circunstâncias impostas pela ditadura, Gozalbo, assim como outros imigrantes do período, podiam voltar e sair do país sempre que desejassem. Nesse aspecto, a característica da fronteira entre os dois países merece um destaque à parte:

[...] vos podes entrar por la frontera! Mucha gente se metió porque, como te voy a decir, porque la frontera es seca, la podes atravesar. Podías salir corriendo del Uruguay y meterte en el Brasil. Mucha gente hico eso, alguna gente hico eso. Porque no podía pasar por un aeropuerto, se vino para Brasil, o se quedó a campo, a monte, o se metió en una ciudad quietito y... Pero la mayoría que podía llegar, si realmente precisaba de un asilo político, iba a la comisión de derechos humanos de Naciones Unidas y te daban asilo político. Pero quien tenía una militancia así, que te *tavan* persiguiendo, que te habían buscado un par de veces, capaz que no tenias condiciones financieras para pagarse un pasaje para Europa o para o Argentina, se vino para Brasil<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> KLEIN, Fernando. La Emigración de los Uruguayos o el “Otro” Excluido.

Disponível em: <http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/pu/La%20Emigraci%C3%B3n%20en%20Uruguay%20o%20el%20Otro%20Excluido.%20Lic.%20Klein.pdf>

<sup>35</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

O trecho acima revela vários aspectos dessa emigração, nesse período. Além de apontar para a diversidade de circunstâncias impostas pelo regime ditatorial que obrigou a vários cidadãos deixarem o país por motivos de segurança, fica evidente que existiram muitas conjunturas diferentes. Se nem todos podem ser enquadrados na categoria de exilados propriamente ditos, a classificação como imigrantes também fica comprometida. Emigração pressupõe planejamento, escolhas e alguma organização prévia. Como podemos constatar, para muitos que vieram nessa época, as decisões foram tomadas às pressas, em caráter emergencial. Para esses casos, a facilidade de atravessar a fronteira favoreceu àqueles que não contavam com muitos recursos.

Assim como Paulo, Nicol reconstitui as razões de sua migração com base nas narrativas feitas por sua mãe, pois mudou-se ainda bebê para o Brasil. Ela possui um bom relato, que inclui riqueza de detalhes. Ao longo de sua entrevista foi se deixando levar por essas lembranças. Sua mãe veio para o Brasil muito mais por motivos pessoais, por desentendimentos familiares após ter engravidado de Nicol muito jovem. Ao longo de sua narrativa foi possível notar que a situação política também se fez sentir, mesmo que de forma indireta; elas migraram em 1975.

Yo nasci em Tacuarembó, em el 75. Dos de Agosto de 1975, voy hacer 35 años ya. En Tacuarembó, en el hospital mismo. Mi madre tenía 16 años. La echaron de la casa, cuando ella apareció embarazada de mí. La echaron, mis abuelos. Y ella se fue a vivir en la casa de mi tío, el hermano de ella, que estaba recién casado, pobre! De brinde! Mi madre, como los padres la echaron ella agarró y fue a trabajar, así fue tratar de hacer alguna cosa. Trabajó en la casa de una profesora. Profesora era? No. Un profesor. Ella siempre cuenta la historia, yo no sé muy bien. Yo se que eran unos amigos, que habían problemas con la policía [...] Esa gente fue perseguida<sup>36</sup>.

Dos relatos acima, apenas os de Maria Pia e Eduardo Gozalbo são aqueles que narram sua trajetória a partir de experiências próprias. Os demais, Paulo e Nicol, constroem suas narrativas a partir de histórias contadas no núcleo familiar. Podem ser consideradas histórias de segunda mão, o que não as desqualifica, mas a memória opera de forma diferente nestes casos. Maurice Halbwachs (2004) alega que as lembranças podem ser reconstruídas a partir da vivência em grupo, neste caso familiar, o que permite ao entrevistado elaborar representações sobre o seu

---

<sup>36</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

passado, embasadas na percepção de outras pessoas e assim imaginar o que pode ter acontecido.

Outra forma de recriar essas lembranças também passariam pela assimilação de representações de uma memória histórica, de episódios que são de domínio público. Dessa maneira, Halbwachs entende que a memória individual não pode estar isolada, já que adota como suporte as impressões produzidas pela memória coletiva, o que termina por constituir o que o autor denomina de memória autobiográfica.

No segundo grupo de colaboradores, composto por aqueles que vieram em outro contexto, isto é, depois do período ditatorial, se enquadram os irmãos Diogo Guerra e Janaína Guerra e Javier Luzardo. Diogo assim relata suas experiências:

Vine, cuando tomé la decisión de venir: "voy para allá y sea lo que sea pero me quedo y tchau"! Y no volví, después mi hermano se vino acá, tuvo unos años acá también y se fue a España no quiso quedarse a acá! Yo finqué raíces, me casé, tuve hijo, no me puedo quejar, no soy rico pero también no soy pobre ni miserable, trabajo tengo mi coche, estoy con mi padre ahí también, así que es tranquilo! Vivo mi vida tranquilo, contento!  
La presencia de mi padre acá fue fundamental para haber venido acá. Si él estuviera en Chile *ía a Chile*. No fue porque me vine para Brasil, no! Me vine a vivir con mi papá, donde estuviera! Estuviera en Paraguay, Chile o Perú iba ir! Qué suerte que fue acá no? Brasil es un país que trata muy bien los inmigrantes, fantástico! No tengo queja ninguna de Brasil, al contrario!<sup>37</sup>

Diogo Guerra veio para Pelotas com treze anos de idade, aproveitando o fato de já ter o pai radicado na cidade, isso foi fundamental para sua decisão não só de migrar como também em relação a qual seria o seu destino. Ele faz referência a um outro irmão que chegou a morar com eles nesta localidade por algum tempo, mas preferiu seguir caminho optando pela Espanha, configurando um dos casos que exemplificam porque os números de imigrantes dessa nacionalidade na região são tão flutuantes. Como vimos, Pelotas em muitos casos serve como um laboratório, um trampolim para outras experiências migratórias. Em outros casos termina por se tornar o local onde estes estrangeiros fixam moradia. Os motivos apresentados por Diogo para migrar foram de ordem afetiva. Ele desejava estar perto de seu pai, mas no decorrer da conversa deixa entrever que as dificuldades econômicas e a falta de perspectivas no país de origem também influenciaram nessa decisão.

---

<sup>37</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

Sua irmã caçula, por parte de pai, é brasileira, foi registrada em Pelotas e é nascida do segundo casamento de seu pai, que veio para esta cidade após conhecer e se apaixonar pela atual esposa. Da mesma forma que seu irmão, ela entende que seu pai, Júlio Guerra, teve nas questões econômicas um dos principais motivos para retornar e assim possibilitar o nascimento de Janaína em Pelotas. Outro aspecto foi de ordem cultural, pois a mãe de Janaína teve dificuldades de adaptação no Uruguai.

Meu pai é uruguaio, minha mãe é daqui. Eles se conheceram no carnaval aqui. E em um ano de comunicação por cartas, telegramas, aí eles se casaram e foram morar no Uruguai. Eu vim com dois anos aqui pra Pelotas. Na verdade eu nasci aqui, porque o pai queria se naturalizar, né? Então eu nasci aqui. A mãe só veio me ter aqui. Ficou grávida lá, passou a gestação dela toda lá. Um mês antes ela veio pra cá pra me ter. E aí voltou pra lá, e quando eu tinha dois anos, vieram pra cá, que aí eles conseguiram comprar uma casa<sup>38</sup>.

Em sua fala, Janaína demonstra que a decisão por registrá-la em território brasileiro fez parte de uma estratégia para facilitar acesso à documentação que permitiria a permanência, no futuro, de seu pai no Brasil. Essa estratégia mostrou-se muito eficiente também para os pais de Paulo Pinto, quando nos conta uma passagem curiosa com relação ao registro do seu nome no Brasil, mesmo que, por suas palavras, a intenção de registrá-los neste país tenha sido por outros motivos, não deixou de produzir os mesmos efeitos.

Sou Pablito Roldan. Porque *Hijo natural*. Porque o pai tinha sido casado, já. E na época não existia divórcio. Então filho natural da minha mãe, sem o sobrenome do pai. Que por conta disso também, pra que eu e a Verônica tivéssemos o sobrenome dele, que ele providenciou um registro nosso em Bagé. Que anos depois, possibilitou que eles pudessem ficar no Brasil. Por ter filhos brasileiros, ou seja, por uma iniciativa, por outro motivo, acabou viabilizando a permanência deles no Brasil, porque na época, estrangeiros só poderiam ficar no Brasil se tivessem filhos brasileiros ou fossem casados com brasileiros. Então por conta disso, nós não fomos nem para a Austrália, como se pensava, nem para os Estados Unidos, enfim... Acabamos ficando, vindo para o Brasil<sup>39</sup>.

Essa negociação constante com as possibilidades que permitam a inserção nos dois lados da fronteira caracterizam esse grupo de imigrantes que se constituem com dupla cidadania. No caso de Janaína seu registro viabilizou a sua família

<sup>38</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>39</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

realizar seus planos de transferência num momento em que a economia do Uruguai, que já havia retomado seu Estado democrático, enfrentava uma forte recessão e que é descrito por alguns especialistas como o segundo impulso à migração naquele país. Isso pode ser percebido quando Janaína comenta sobre as condições em que seus pais se encontravam naquela ocasião:

É, eu nem sei como estava se passando lá. Como é que estava a economia. Eu nunca estudei isso, como é que lá estava, mas isso é o que tem muito o Uruguai, o êxodo, as pessoas saem de lá. Olha, da quadra da minha avó, dá pra contar nos dedos quem é que ficou, porque são todos novos, que chegaram depois que os outros foram embora. O pessoal está nos Estados Unidos, ta na Itália, ta na Espanha, o pessoal não ficou, principalmente os mais jovens. Por isso ta ficando uma população idosa, de certa forma. Não sei como estão os dados nesse sentido, mas é só uma observação bem leiga, que eu tenho, por causa que eu vejo que a maioria dos que eu conhecia na minha época de infância, brincavam comigo na quadra, ta todo mundo fora. Olha o meu irmão! Tenho dois irmãos, os dois estão fora, um ta aqui em Pelotas, mora aqui e o outro está na Espanha, não estão lá.<sup>40</sup>

Embora considere leiga sua leitura da realidade uruguaia, Janaína consegue traduzir bem com seus exemplos, o que afirma a análise desenvolvida por Bonfanti (2008); o limitado crescimento populacional no Uruguai deve-se, basicamente, a três fatores: a redução da taxa de mortalidade, a redução da taxa de natalidade, e os processos migratórios.

Não é objetivo deste trabalho aprofundar estudos sobre a densidade demográfica do país, no entanto, esses levantamentos apontam para o impacto que a imigração tem para a nação. Com o alargamento da expectativa de vida, somada à baixa taxa de natalidade, justifica-se a denominação de país de velhos que o Uruguai passou a receber nas últimas décadas. Além do mais, o envelhecimento da população traz consigo outros problemas e consequências sociais, como o elevado custo de manutenção de um eficiente sistema público de previdência, impacto sobre o mercado de trabalho, uma vez que é justamente a população jovem, economicamente ativa a que tendeu e tende a deixar o país por total falta de perspectivas, dada a estagnação econômica dos anos 1980 e 1990.

Daniele Bonfanti (2008: p. 255) ainda acrescenta que a fuga de mão de obra gera inúmeras consequências, como, por exemplo, “los efectos sobre el sistema de salud; las exigências específicas de las personas mayores que viven solas,

---

<sup>40</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

particularmente las mujeres ancianas; la necesidad de crear espacios de socialización específicas” e que devem ser assistidas pelo poder público, o que naturalmente sobrecarrega a população com tarifas destinadas a essas demandas.

Com efeito, verifica-se nessas questões econômicas a razão para os Luzardos deixarem o país, como descreve Javier.

E eu lembro que essa motivação de vir para o Brasil era em função das condições econômicas. O Uruguai encerrava um período de ditadura. Mas o pai também fazia parte do movimento contrário à ditadura militar, não foi perseguido nem nada do tipo, mas como era militante da Frente Ampla... Então, quando a coisa, acho que apertou, enfim, até as condições de trabalho não eram boas, ele veio pro Brasil justamente com o meu tio. Pra fundarem essa imobiliária. A mãe ficou lá no Uruguai, trabalhava no Centro Militar. Ah... Também antes do Centro Militar ela trabalhava numa confeitaria, mas de qualquer maneira as condições eram bem precárias, a gente muitas vezes dividiu a casa com os meus avós, e depois, aí sim, quando a gente foi para Porto Alegre, que a coisa já estava mais estabilizada, a gente teve o canto próprio.<sup>41</sup>

Em suas palavras nota-se que as motivações para a saída passaram a ser muito mais de cunho financeiro, mesmo assim o cenário no continente não era muito diferente, praticamente todos os regimes ditatoriais que chegaram ao fim, na mesma época, enfrentaram na sequência um período de recessão econômica que caracterizou a transição para as democracias, algumas sentidas de forma mais intensa do que outras, estimulando novos impulsos migratórios com as possibilidades de destino tão amplas como antes, reforçadas mais uma vez pela rede de apoio, como é possível analisar nas mesmas palavras de Javier.

Nós temos parentes na Argentina e na Espanha. Por parte de mãe mesmo, são 7 irmãos. E muitos deles moram na Argentina. Eu não sei, se essa vinda pro Brasil ela foi motivada, porque na Argentina e no Uruguai eles tinham uma política talvez muito próximas, né? Período de ditadura, enfim, e talvez, não fosse conveniente. E também, a motivação mais foi em função da abertura dessa imobiliária com o irmão do meu pai aqui em Porto Alegre, então, talvez tenha sido por esse caminho. O setor de trabalho, a função de conseguir trabalho em outro lugar que é estranho mas que já tinha o respaldo do irmão, motivou a saída a Porto Alegre.<sup>42</sup>

O entrevistado conta que vieram inicialmente para Porto Alegre entre o final do ano de 1985 e início de 1986. Oficialmente o ano de 1985 marca o final de 11 anos e 9 meses de ditadura no Uruguai, no entanto em novembro de 1984, com a eleição de Julio Maria Sanguinetti, do Partido Colorado, o país já dava início à

<sup>41</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

<sup>42</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.



retomada de sua normalidade democrática. Embora fossem outros tempos, as pressões pela reabertura política nos dois últimos anos do regime militar e a resistência deste em permanecer ou controlar o processo de transição, mergulharam a nação em um clima de incerteza e tensão traduzida na queda de braço entre os segmentos políticos e sociais na condução do processo de transição<sup>43</sup>.

Nas eleições de 1984, a coalizão de esquerda denominada *Frente Amplia* já era reconhecida legalmente, tendo inclusive seu líder máximo, Líber Seregni, ganho a liberdade após ter cumprido 8 anos de prisão decretada pela Justiça militar. Esses episódios evidenciavam que o país caminhava para o reencontro com o Estado de direito. Apesar da retomada das liberdades democráticas, os uruguaios se deparavam com um grave momento de estagnação econômica, que encontra ressonância nas palavras de Javier Luzardo, quando se refere à causa primordial que levou sua família a sair do país e mais uma vez a escolha pelo destino baseou-se na existência de uma rede social de apoio.

Analisando as narrativas dos entrevistados sobre suas experiências como migrantes, percebemos que a situação política e econômica, tanto para os que vieram no período da ditadura quanto os que vieram depois, era o principal fator que justificava a saída, sendo difícil estabelecer uma separação entre esses dois motivos, uma vez que ambos encontram-se imbricados, pois a questão política nem sempre é apresentada como principal razão para o deslocamento. Ela perpassa pela experiência dos entrevistados, mesmo que nem sempre de forma explícita.

A questão econômica, por si só, também não daria conta de responder a todas as questões que envolvem a motivação de sair, pois para alguns, as causas foram de cunho pessoal e afetivas. Além do mais, o final dos anos oitenta caracterizou-se por ser um período complicado para a economia brasileira, com altos índices de inflação, principalmente no final do governo Sarney. Portanto, inclusive no Brasil as condições já não eram tão favoráveis.

O que as falas sugerem como elemento comum para a decisão de migrar foi a ruptura com o estado de coisas e que passaram necessariamente pela percepção de que o país já não tinha mais a oferecer. Analisadas assim as motivações da saída, vamos avaliar como foram os primeiros contatos com a nova pátria, que

---

<sup>43</sup> Para uma melhor compreensão da volta do Uruguai à democracia recomendamos o livro *Diretas Lá de Danilo Ucha*. O repórter sintetiza de forma lúcida os caminhos percorridos entre os anos de 1983 a 1984, até culminar às eleições gerais daquele ano.

impacto provocou o contato com a nova cultura, que impressões guardam da chegada.

#### 4.2. Extraño conocido: O estranhamento

Tratar da presença e identidade uruguaia nesta região de fronteira torna-se um desafio tanto maior quando se compreende que a simbiose territorial e cultural nesta região é um elemento diferenciador para este caso. Existem muitas similitudes entre os dois lados. Se a identidade é relacional e precisa do outro para se constituir, o que ocorre quando o elemento estrangeiro é bem aceito, bem assimilado, ninguém o questiona quanto sua identidade. Afinal, essa identificação é parte da região.

Apesar dessa proximidade o choque cultural e uma relação de estranhamento inicial foram inevitáveis, como nos descreve Diogo:

*Ah o choque cultural foi enorme... yo me acuerdo que veía la televisión y no entendía nada, y yo que sé, me quedaba mirando así y me esforzaba para ver si entendía porque claro hay palabra que entiendes pero hay cosa que no, nada, nada que ver una palabra con la otra y meio que te quedas como suspenso así sin saber mucho, no? Creo que cuando va pasando el tiempo vas haciendo amigos también!*<sup>44</sup>

As dificuldades encontradas para compreender o novo idioma constam geralmente como as primeiras barreiras a serem superadas pelos entrevistados. No entanto Diogo destaca outros elementos dessa falta de familiaridade com a língua que vão além dos obstáculos impostos para a simples comunicação, como também aspectos percebidos na sua relação com os nativos, que o recordavam constantemente de sua condição de forasteiro.

Lo que tuve mucho un poco así, digo de, como se dice en español es intolerancia en la escuela, es cuando te miran con otros ojos porque sos extranjero, como miran una persona que es de *cor*, cuando es extranjero también, creo que lo tratan "*ah este castelhano*" que quiere acá? Enfrenté eso también, *brigaba* a veces cuando me trataban mal porque no era de acá! Existe eso también en Brasil de que hay muchos que no aceptan que sea de otro lugar y que vengas acá estudiar y a trabajar! Yo cuando tuve en el colegio también, mucho me maltrataron porque era uruguayo, porque no

---

<sup>44</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

era *daqui*, era de otro lugar, porque no sabía hablar, pero todo se fue superando y gracias a Dios, tranquilo!<sup>45</sup>

A condição de estrangeiro traz consigo uma relação de estranhamento que se estabelece no conjunto de representações que o acompanham, e tanto podem ser físicas, étnicas ou culturais próprias de seu lugar de origem, como bem demonstra Oswaldo Truzzi (2009) ao discutir a migração síria e libanesa em São Paulo. O autor comenta que no caso dos sírio-libaneses houve uma necessidade de “reinventar” a identidade, resignificando atributos em um conjunto de qualidades positivas que lhe asseguraram a integração. No caso em questão, essa invenção da identidade forma-se em torno da figura do mascate, onde o autor demonstra que ela se constitui associada a um “novo bandeirante”, desbravador e trabalhador. “O espírito de aventura e o instinto comercial desses imigrantes surgem como construção adequada à exaltação de seus sacrifícios e proezas. O mito vira carne e osso na figura do mascate, invocado como autêntico bandeirante.” (TRUZZI. 2009, p. 92).

Não se observa no caso dos nacionais uruguaios maiores dificuldades de assimilação na sociedade de acolhida, pois ambas as nacionalidades apresentam características etno-culturais semelhantes, mesmo assim a relação inicial não deixou de manifestar o desconforto com o que é incomum ao meio. Essa singularidade ao que é alheio foi invariavelmente estendido aos filhos dos imigrantes, mesmo que estes tenham nascido em solo brasileiro, pois são constantemente lembrados e vistos como “os de fora”, de outro lugar. Nicol contribui com um bom exemplo disso quando diz:

Não houve adaptação traumática. A única coisa que eu percebo assim, que eu vou te falar bem francamente, que eu noto. É que as pessoas, é que assim, até as pessoas não saberem que eu sou uruguaia, me tratam de uma forma. Depois que elas sabem que eu sou uruguaia, me tratam de outra. Aí querem me roubar o Brasil! (risos) Tu entendes, sabes? Vou te dar um exemplo: Vai torcer pro Brasil na copa – “Mas tu nem é brasileira!” “Tu nem é daqui!”<sup>46</sup>.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que para os filhos, que vieram ainda na infância, conseguiram uma assimilação maior, em diversos

---

<sup>45</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

<sup>46</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

aspectos, mas principalmente linguístico, como será apreciado na sequência deste trabalho. Hoje, adultos, conseguem passar despercebidos.

Essa capacidade de mimetizar-se na sociedade local lhes conferem um caráter de invisibilidade, como descreveu Nicol. Quando revelados como sendo de outra origem surpreendem até mesmo a seus conterrâneos. Não são raras as ocasiões que estes sujeitos se “descobrem” uruguaios. Foi o que ocorreu entre a entrevistada e o pesquisador. Descobriram-se com uma origem e um passado comum quase que por acaso, em sala de aula, logo após um jogo de futebol pela copa do mundo da África do Sul, onde a seleção uruguaia realizou uma surpreendente campanha, recuperando a auto-estima dos torcedores da “celestes olímpica”.

Essa imersão na cultura local, dominando seus códigos sempre permite uma maior inserção, contudo não impede que conflitos ocorram. Nicol tem bem claro em que ocasiões isso pode ser revelado, em que momento se pode definir qual é o lugar do outro.

[...] o meu primeiro marido: “Ah, mas tu e essa tua cultura!” Pra me criticar né. Sim lógico que esse tipo de coisa só aparece quando existe aspereza né? Diferença a gente só percebe quando há algum clima hostil, senão tu não vais perceber tudo isso. Lógico, tu não vais perceber que te querem tomar alguma identidade, alguma coisa se está tudo bem. Mas tinha sim, ele me dizia, “tu e essa tua cultura”, tu e a tua mãe, essa tua cultura, ah criticando assim... Sempre pra me criticar, “sempre agarrada com tua mãe, essa tua cultura uruguaia!” Falava assim, sabe. Eu dizia: Mas que desaforo. E amigos, também, claro não vou te dizer que eu sofro com isso. Não, eu não to nem aí, sabe? Como eu digo, sei lá, nem sei de onde eu sou mesmo. Não posso dizer onde me sinto melhor, sei lá<sup>47</sup>.

Evidentemente, que para quem vivenciou a experiência de migrar para uma terra desconhecida o contato inicial teve impacto maior e foi marcado pela descoberta das diferenças. Javier Luzardo e Diogo Guerra destacam o sentimento de ingressar em um país de grandes dimensões e alegam que tinham uma ideia muito vaga do que era o Brasil, apesar de terem se estabelecido em uma região de fronteira, onde essas diferenças tendem a ser diluídas pelo contato natural entre as duas nações.

O próprio Rio Grande do Sul é considerado como um Estado de cultura regional muito próxima à do Prata, e aqui podemos identificar a “invenção da

---

<sup>47</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

identidade” destacada por Truzzi, através do mito da “Pátria Gaucha”. No caso do grupo que se ocupa esta pesquisa, será a figura do gaúcho o componente galvanizador de uma identidade compartilhada, agregada de características apreciadas e valorizadas pela sociedade de acolhida, que se somam ao gosto pelas tradições locais e pela terra de origem.

Esse sentimento de mútua pertença sustentado na territorialidade de fronteira está expresso na seguinte declaração de Eduardo Gozalbo

Acá la gente anda de zapatillas, come asado, toma mate, nos quiere muchísimo, somos muy bien recibidos. Nosotros tenemos una identidad con el *Gaúcho* del sur del Rio Grande del Sur, muy grande! Ellos se sienten mas uruguayos que brasileros, te lo dicen muchísimos: “Yo que tengo que ver con *baiano!*” dicen! Pero muchos! Cantidad! “Que yo tengo a ver con paulista?” Dicen: “Yo me siento mucho mas en casa en Uruguay, que en São Paulo e en Bahia, o Rio de Janeiro! Allá soy un turista, yo voy a Montevideo y me siento en casa!”<sup>48</sup>

A proximidade histórico-cultural entre o Sul do Rio Grande do Sul e o Uruguai não foram apenas destacadas como defendidas por Eduardo, a tal ponto que em um momento de sua fala percebe que quase se “traiu” ao falar de sua identidade:

[...] la matriz cultural del *gaúcho* es esta, es acá, es Pelotas, es Piratini, Rio Grande, esta es la matriz cultural! El resto del Estado la copio después. La riqueza salió de acá. De los saladeros, de las estancias. Después por un castigo político, lo dejaron para tras. Y no se supo, vistes, iba decir “no supimos”.<sup>49</sup>

Essa observação feita pelo entrevistado encontra ressonância no trabalho desenvolvido por Maximiliano Menz (2009)<sup>50</sup> quando avalia os discursos historiográficos riograndenses desde fins do século XIX, que visaram elucidar a relação dos gaúchos com o restante do Brasil e que ao longo do tempo foram variando “ao sabor das disputas políticas de frações da classe dominante local com os grupos que comandavam a política nacional” (p.16). O autor elenca duas vertentes nos discursos historiográficos, a que denomina de “*matriz platina*” que estaria associada com as questões republicanas e federalistas, alicerçada no

<sup>48</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>49</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>50</sup> O autor toma como referência a análise sobre as *matrizes* historiográficas presentes em GUTFREIN, Ieda. *A historiografia riograndense*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1992.

separatismo do Rio Grande do Sul, influenciada pela concepção política, econômica e cultural do Prata, e a “*matriz lusa*”, com origem nos anos vinte do século passado que se opõe diametralmente à primeira, elaborada num contexto de exaltação ao nacionalismo, dado o centenário da independência do Brasil e por isso não reconhece influências platinas na identidade do gaúcho do Rio Grande, onde, segundo o autor,

[...] a fronteira seria o marco excludente na formação das duas identidades antagônicas: o gaúcho castelhano era ladrão, contrabandista e *caudilhista*, enquanto que o gaúcho rio-grandense era ordeiro e trabalhador. Por último, negava o caráter separatista da Revolução Farroupilha, afirmando que o seu objetivo era principalmente republicano. (MAXIMILIANO MENZ, 2009, p. 17).

Pelo que se percebe das palavras de Eduardo, muitos gaúchos da metade sul do estado identificam-se mais com a primeira vertente, estreitando laços identitários e afetivos com a Banda Oriental.

Mesmo assim, essa proximidade não evitou que alguns de nossos entrevistados vivessem as diferenças que naturalmente existem e o contraste provocado pela ideia generalizada que se faz sobre o Brasil, como é perceptível nas seguintes declarações.

E foi um choque cultural né? Foi uma coisa bem estranha no início. A coisa que eu sabia sobre o Brasil é que era um país enorme. Tropical... Um país quente, um país alegre. Mas em si sobre o Rio Grande do Sul, sobre o Brasil eu não sabia nada<sup>51</sup>.

O Brasil imaginado por Javier Luzardo enquadra-se no tradicional estereótipo do país tropical, em que a alegria, traduzida nas cores vibrantes e a receptividade são seus traços mais destacados. Mas o Rio Grande do Sul não compartilha integralmente dessas características mencionadas. Esta região está mais para o clima austral do que tropical, mesmo assim guarda diferenças que foram percebidas em outros aspectos, principalmente culturais, descritos por Diogo.

No, la comida fue una de las cosas que más sentí diferencia porque papá se casó con Isabel que es brasileira, que es mi madrastra, y ella siempre hizo comida acá en Brasil, no es muy parecida la comida, acá hay más riqueza, detalle con la comida y otros tipos de comida, allá no! Allá se come puchero, el asado es churrasco y un par de cosas más y *deu*. A comida cotidiana allá

<sup>51</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

es eso *aí, aquí não, aquí tem* más diversidad. Se hace mas cosa con la comida así, yo que sé, *guisadinho de cove*, de no sé qué, allá no ves eso, *feijão preto* solo acá, allá no se come *feijão*, nadie come, *lá es só comida a base de arroz, batata e churrasco y carne, bastante carne, aquí tem mais riqueza de opções de comida assim!*<sup>52</sup>

O estereótipo do país tropical se repete nas palavras de Maria Pia, mesmo tendo algum tipo de contato por intermédio de familiares que moravam na fronteira de Santa Vitória do Palmar e que eram regularmente visitados. Suas palavras deixam entrever que o gigante do norte, como costuma ser mencionado pelos uruguaios, é um velho desconhecido. As diferenças entre as diversas regiões brasileiras só são compreendidas quando existe um contato direto com a história e diversidade cultural do Brasil. Até mesmo a mencionada semelhança com a cultura do prata é encarada com certa surpresa e estranheza.

Yo tenía así un contacto *por causa* que mis abuelos eran brasileiros. Paternos. De Santa Vitoria del Palmar. Pero, así, en las vacaciones que iban a la Barra, veranear *na* casa de la hermana de mi padre, todo eso, y *fui* conociendo los parientes de Santa Vitória. Pero nunca hubo esa aproximación, esa relación. Entonces yo no sabia hablar, no sabia nada! O sea, mi hermana ya empezó a estudiar portugués, Raúl no, tambien igual que yo. Por eso digo que yo no entre, no hice vestibular, nada, porque no sabia ni la Historia de Brasil. Sabia donde quedaba Brasil, toda la parte geográfica, pero la Historia así, no sabia! Capaz sabia mas la Historia de Francia de que de Brasil, me entiendes? No, sabia nada. Tá, conocía algunos famosos escritores, Érico Veríssimo, los cantantes como Vinícius de Moraes, Toquinho, conocía algunas cosas así, *caipirinha*.. Adorava tomar! La *feijoada*, la parte gastronómica pero, en si, de Brasil, no conocía nada, ni sabía. El carnaval! O sea, fui conociendo la cultura brasileira, viviendo aquí en Brasil. Aprendi el portugués, viviendo aqui en Brasil.<sup>53</sup>

Entre as primeiras impressões descritas por Diogo Guerra com relação ao novo país, destacam-se a descoberta da monumentalidade, do exótico.

Bueno, yo cuando vivía en Uruguay muy poco oía hablar de Brasil, escuchaba música a veces alguna cosa que aparecía, sabíamos que era un país enorme, pero no tienes una noción de un comparativo de lo que es Uruguay con Brasil. Cuando llegas acá y ves esta enormidad, norte de Brasil y cantidad de regiones que no tienes la cabeza abierta para saber lo que es Brasil, *acho* que uno solo sabe lo que es Brasil cuando viene a Brasil porque si no, no. Inclusive si estás en otro lugar, *en* Europa, cualquier otro lugar y solo oís hablar de Brasil no vas a tener la noción si no vivís en Brasil. *Do que é a cultura, eu para mim são vários países dentro de um país!* Entonces *eu vim conhecer o Brasil memo aquí, quando vim pra cá, de la só ouvia falar uma coisa.* Ha Brasil son de norte, hablan portugués, este pero, no sabía lo que eran los Estados *Brasileiros*, no sabía que en Brasil existen varias formas de hablar el portugués, que no se habla el portugués del sur

<sup>52</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

<sup>53</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

no se habla en el norte, todo! Oís hablar en Rio de Janeiro como en cualquier lugar del mundo que Rio de Janeiro es un Estado del Brasil, pero no sabes que existe el Acre y un millón de otras cosas, entonces cuando llegas acá te das cuenta que Brasil es otro mundo, no lo que *eu pensava que era* cuando taba en Montevideo.<sup>54</sup>

Essas constatações tomam maior amplitude ao se considerar que os padrões comparativos são assimétricos, não só pelas dimensões geográficas entre os dois países, mas, como exposto anteriormente, os uruguaios têm como referência representativa de sua identidade a cidade de Montevideú, que no dizer de Ainsa (2008), tornou-se seu único palco, onde existiu desde o início do século XX uma política deliberada para construir e legitimar no imaginário coletivo uma representação oficial da nação, a ponto do autor comparar a capital do país a um “luxuoso biombo”, que oculta o Uruguai, dando-lhe uma aparência monolítica que jamais irá encontrar comparativo com a diversidade do Brasil.

Maria Pia faz uma análise desse primeiro contato destacando o exotismo das cores, do tropical, do afeto e calor humano que contrasta com a postura mais taciturna, cinza e fria de Montevideú, e que com o tempo assimilou essas características como sendo de sua preferência.

Un país alegre! Lo vi así, un país alegre, que tá todo bien, todo bárbaro! Todo colorido! *Tu vê*, estoy llegando en un lugar en que las casas son todas coloridas! Un pueblo amistoso, porque mismo así, no conociendo, cuando llegué, había una familia que vivía en el mismo edificio, y siempre nos invitaba! Llevaban a conocer... Entonces vía que eran abiertos, amistosos, siempre. En ese sentido ví que el pueblo de Brasil es muy abierto y muy amistoso.

Que es un pueblo muy alegre, amistoso, acogedor. Entiendes? Siempre lo vi, y lo continuo viendo, y creo que por eso continuo aquí en Brasil. Porque mira que yo ya tuve oportunidades de vivir en otros lugares, como en Italia, en España, y volví de nuevo para Brasil. No me quede.<sup>55</sup>

Essas impressões positivas a respeito da terra de acolhida foram elaboradas ao longo do tempo e da convivência com a nova realidade, foi um processo de amadurecimento, pois o choque inicial também foi sentido; na chegada seu comparativo toma como referência a cidade de Rio Grande onde essa relação naturalmente se inverte, onde a vida cultural de uma capital sempre será mais ativa.

---

<sup>54</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

<sup>55</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.



Ahora, en la parte cultural así, de teatro... Claro, *é que fui* a Rio Grande. No se si hubiera sido diferente si hubiera ido a Porto Alegre, o a Florianópolis, o São Paulo, no sé! Es que yo, nosotros vivíamos *ai* em Rio Grande, Rio Grande no havia nada, nada. Era todo como si estuviera empezando estructurando una ciudad! Entonces, el impacto así que tuve, era eso *né?*<sup>56</sup>

A Montevideu que Maria Pia e Eduardo Gozalbo deixaram se notabilizava por uma intensa atividade cultural muito bem descrita por Aínsa (2008).

[...] em 1963 Montevideo tiene ocho diarios, três semanários, treinta emisoras de radio quince grupos de teatro Independiente. Pero lo más importante pasa por el cine. Montevideo, con apenas 900 mil habitantes, tenia noventa y seis salas de exhibición, muchas de ellas enormes y lujosas, una buena parte consagradas a estrenos de un buen cine europeo – francés, italiano, sueco – que suscitaba debates, polémicas y una crítica entre erudita y formativa con amplio espacio en la prensa. Lo que en otro país podía ser expresión de minorías, en Uruguay lo era de mayorías (AÍNSA, p. 123).

Essa descrição vai ao encontro das palavras de Eduardo quando afirma:

En aquella época Montevideo tenia - esa década fue muy generosa con la cultura -, había curso de todo, de italiano, de ingles, de fotografía, fue la época de los Beatles y de los escritores latinoamericanos que surgieron, y París y el Cordobazo y era mucha agitación para un joven con 18, 19 años, 17 años! Entonces muchos se desviaron de estudios y esto porque había infinidades de actividades para hacer, entre ellas la militancia política que estaba prácticamente todo el mundo metido en eso, no? De un lado al otro, quiero decir. Pero fue una década que todo el mundo estaba en la política no?<sup>57</sup>

A pesar de que no final do período, a situação já não se encontrava mais a mesma, esse cotidiano marcado por opções de lazer e cultura contrastaram com a rotina estagnada, típica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul como Rio Grande.

Yo ya había hecho en esa época, junto con mi madre, se llamaba ACEBU (Asociación Cultural Estudiantil Brasil-Uruguay), que estaba en el consulado brasileiro, y ahí se enseñaba un poco el portugués, y bueno, hicimos un curso de portugués, se escuchaba muy bien la radio *Farroupilha* y había otra, que no me acuerdo cual era, y se agarraba de Uruguay, y se escuchaba mucho la música brasileira, la época de Vinícius, Toquinho, y bueno, Brasil a todo el mundo le gustaba, hasta el día de hoy los uruguayos le gustan mucho a Brasil.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>57</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>58</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

Diferentemente de Maria, Javier Luzardo, se estabeleceu inicialmente com seus familiares em Porto Alegre. Das lembranças sobre as primeiras impressões destaca aspectos urbanos e arquitetônicos entre as duas cidades estabelecendo alguns paralelos. Trata-se de um comparativo entre duas capitais, sendo a gaúcha maior em população e área urbana do que a uruguaia. Ao se referir às ruas das cidades brasileiras, Luzardo pode perceber que as diferenças sociais são evidenciadas no traçado e distribuição do espaço citadino.

Em Porto Alegre a coisa já era mais calçada. E se assemelhava muito com Montevideu nesse aspecto de estrutura urbana. Mas, realmente, a função das vilas, né? Porque aqui as vilas são enormes. Nós, lógico como um país sul americano, nós temos pobreza também no Uruguai, mas não é essa organização social na vila que existe aqui no Brasil. Esse núcleo de vila que se tem aqui. Não, a gente não vê lá. É diferente. Então também, meio que impacta né? Acho que isso sim...<sup>59</sup>

Esse impacto com as distinções sociais tão evidenciadas para o entrevistado no lado brasileiro pode, por um lado, ter sido reforçado pelo mascaramento dos mesmos problemas sociais dado à Montevideu, uma vez que a cidade forma uma península, obrigando a população de baixa renda a ocuparem as zonas mais afastadas, regiões rurais ou costeiras, às margens de rodovias que se localizam fora da cidade, como bem demonstra Daniele Bonfanti (2008), quando se refere a esses espaços denominados *cantegriles*. A esse respeito a autora destaca:

Desde el punto de vista demográfico, la población de los “cantegriles” crece más que el resto de la población con el bienestar económico: cuanto más desigual se torna la distribución de la riqueza más aumentan los “cantegriles” en número y en población. Así como su capacidad de auto-reproducción, en el sentido de que la dificultad en acceder a servicios sociales tendieron a agravarse en los últimos años. (p. 275)

Reforçando sua percepção, Javier Luzardo lembra de outros aspectos visuais que denunciavam os desníveis socioeconômicos existentes em seu principal meio de interação social na época: a escola.

[...] e até eu lembro que a diferença social na sala de aula era muito grande, porque era uma escola estadual, a gente foi direto para uma escola estadual e eu lembro que havia várias classes na escola. E então, haviam pessoas com uma qualidade de vida melhor, outras bem pobres, e isso impactava. Era uma realidade diferente. Porque embora o tapa-pó e a *moña*

<sup>59</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

seja uma coisa meio estranha, pra quem olhe de fora, ela iguala. E tu não percebe a diferença social na vestimenta da pessoa. E eu me lembro que naquele período, tinha gente usando havaianas, que naquele período havaianas era considerado o pior chinelo na face da terra, né? E o pessoal usando havaianas, maltrapilho, era uma coisa que realmente impactava<sup>60</sup>.

Em suas palavras já identifica-se os fatores para tanto estranhamento. O que era diferente nos universos escolares de um país e de outro são as formas como inclusive nesse aspecto se mascaram a realidade social, dando a ideia de uma maior harmonia do lado uruguaio através do uso do uniforme; essa constatação é também é feita por Maria Pia, quando estende essa análise para outro espaço: o meio universitário no qual hoje se encontra inserida.

Una cosa que a mi me llama la atención que dentro de la Universidad, te van de chinelo, de short, y allá todos somos mas formales, todo con corbata, con traje, con todo eso<sup>61</sup>.

Neste caso, as diferenças de hábitos do trajar-se no meio universitário brasileiro são resultado de outras construções culturais, pois bem se percebe que o acesso ao nível superior de ensino é significativamente restrito tanto de um lado como a outro da fronteira.

Já para aqueles que nasceram no Brasil ou vieram muito crianças as diferenças entre culturas manifestava-se através da percepção familiar, pois o Uruguai ficava da porta para dentro do convívio doméstico, merecendo destaque especial a questão envolvendo o idioma.

### **4.3. Yo te entiendo bien: A língua**

Para quem viveu a experiência de emigrar/imigrar, não restam dúvidas que a língua estrangeira representa um dos grandes desafios na tarefa de inclusão na sociedade receptora. São inúmeros os relatos sobre as dificuldades para estabelecer uma comunicação que permitisse um convívio com a comunidade de acolhida, em alguns casos os relatos são cômicos, se não fossem trágicos, como o

---

<sup>60</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

<sup>61</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

episódio em que um dos entrevistados comenta que no início nem mesmo sabia como pedir comida em restaurantes, vendo-se obrigado a alimentar-se de lanches, pois não se tratava apenas de designar a refeição desejada, mas também entender o prato oferecido.

Outro exemplo é o que nos conta Nicol sobre sua mãe, que entrou clandestina no país e que por isso mesmo evitava falar para não ser reconhecida. No entanto, como o grupo que se ocupa este trabalho diz respeito aos filhos, a negociação entre duas culturas teve início em tenra idade, quando se viam transitar entre o idioma materno e o de adoção. Entre aqueles que se alfabetizaram no Brasil, o choque entre os idiomas se apresentou nos primeiros anos de escola.

Isso foi um problema pra mim na escola. Quando eu aprendi a ler e escrever, eu tinha muita coisa misturada, e até um dia, minha professora, a Dona Sirlei, na primeira série ela chamou minha mãe, e disse: “Eu vou trabalhar com ela aqui, mas eu quero que tu trabalhes com ela em casa. Ela tem muita dificuldade de separar o que é espanhol e o que é português. Então eu espero que tu puches ela nesse sentido. Fale com ela, diga o que é a diferença entre as línguas, entre os idiomas, porque se não, ela vai se dar mal<sup>62</sup> .

É importante recordar que Janaína nasceu no Brasil e que sua mãe é brasileira, o contato com o espanhol deu-se mais por influência de seu pai. Nicol tem uma experiência parecida, com a diferença de que a influência se dá pela mãe uruguaia, mas também relembra que foi no ambiente escolar que o conflito idiomático foi mais percebido.

Eu acho assim, que a partir do momento que eu entrei pro colégio, tipo, o espanhol ficou adormecido, sabe. Acontece isso, eu acho. Eu tenho essa impressão. Ficou adormecido. Eu sempre usava quando precisava. Mas às vezes era difícil, só que às vezes eu chegava lá e não me lembrava das palavras<sup>63</sup> .

Janaína também faz um comparativo de como se estabelece essa relação com a língua original com outra família de uruguaios.

Pois é! É incrível isso! Por isso que eu te digo. Diferente lá do Marcelo, por exemplo. O Marcelo, o Júlio e a Alice, eles falam espanhol o tempo inteiro, tu estás lá com eles, eles estão falando espanhol, dificilmente eles estão falando português junto com os filhos, né? E na minha casa nunca teve isso, mas mesmo assim, eu consegui adquirir isso<sup>64</sup> .

<sup>62</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>63</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

<sup>64</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

Em suas palavras Janaína se refere ao fato de em sua casa não existir um convívio com a língua espanhola tanto quanto na casa da família citada, que é composta por pais uruguaios, diferente do seu caso, já que sua mãe nunca dominou o castelhano. Esse bloqueio de sua genitora pode ser explicado pelo aspecto afetivo que segundo Karine Cardoso e Diógenes de Lima<sup>65</sup> podem influenciar nas dificuldades ou facilidades envolvendo o aprendizado de uma segunda língua.

Janaína comenta que sua mãe enfrentou muitas adversidades pessoais quando foi morar em Montevideu, tais como desentendimentos com os familiares de seu marido, choque cultural, dificuldades econômicas e saudades de sua terra natal. Esses fatores teriam gerado um alto *filtro afetivo*, segundo a teoria desenvolvida por Krashen<sup>66</sup>, na qual os Karine e Diógenes se apoiam.

Conforme postulado por Krashen, trata-se de sinais de um alto filtro afetivo. Nessas condições, tais variáveis afetivas atuam como barreiras que bloqueiam o *input* compreensível e prejudicam o progresso do aprendiz na aquisição da língua. (LIMA, 2004 p.1)

Esse filtro é tanto maior quanto mais o indivíduo se depara com estímulos negativos, e menor quanto maior os estímulos positivos. Em sua narrativa, Janaína mostrou-se admiradora de seu pai e de seus familiares uruguaios, suas memórias de infância vividas naquele país podem ter contribuído com a redução do filtro afetivo para aquisição da língua estrangeira, que em seu caso é o espanhol. Outro exemplo instigante envolvendo a negociação linguística no núcleo familiar é apresentado por Paulo Pinto.

Bom, acho que um elemento interessante é o fato de até os seis anos de idade. Foi quando eu fui pra escola, nós falávamos espanhol em casa. Só espanhol. Eu aprendi a falar português, na véspera de ir para a escola. E por conta disso. Por conta das dificuldades da minha alfabetização, as professoras pediram que nós parássemos de falar, ou que pelo menos falássemos mais português em casa porque isso estava atrapalhando. Isso aqui, já em Pelotas. Ou seja, eu aprendi a falar português com seis anos! Eu não tenho noção assim, ou lembrança disso ter causado um choque cultural. Isso pra mim, foi uma transição muito tranquila. Não tenho lembrança disso. Não tenho lembrança de ter dificuldade de comunicação com os colegas, ou coisas assim<sup>67</sup>.

<sup>65</sup> <http://www.veramenezes.com/diogafetivo.htm>, acesso em 26/04/11.

<sup>66</sup> Stephen Krashen, é um renomado lingüista norteamericano dedicado ao ensino/aprendizagem de idioma estrangeiro através de sua Teoria da Aquisição da Segunda Língua.

<sup>67</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

Se a escola foi o espaço de assimilação da nova língua, hábitos e cultura do novo país, é correto imaginar que também foi pelos filhos desses imigrantes que essa nova realidade passou a se infiltrar no ambiente domiciliar, auxiliando seus pais no processo de adaptação, em muitos casos podendo servir de intérprete ou forçando a estabelecer novos vínculos sociais através de reuniões de pais da comunidade escolar, apesar disso, não deixa de ser relevante a divisão linguística que se estabeleceu no núcleo familiar, como descreve Paulo:

Mas isso acabou gerando uma coisa muito curiosa, que é com os meus pais e com a Verônica, eu só falo em português! E com os meus outros parentes todos, em espanhol! Bom, com a tia Graciela eu falo português também. Mas isso faz com que, por exemplo, agente está numa roda familiar, e conversando todos, eu falando contigo em espanhol, aí o pai ou a mãe me falam alguma coisa, aí eu viro e falo em português com eles e volto a falar em espanhol com outro, um primo, enfim<sup>68</sup>.

Nicol, por sua vez, demonstra em suas memórias que o domínio do português foi se dando ao natural, já que cresceu no Brasil e o idioma foi reforçado pelos anos de escolarização. No seu caso, o conflito com a língua se deu com o espanhol.

Eu comecei a notar mais a diferença, a dificuldade do meu espanhol, quando eu fui pro colégio aqui. Sabe, que daí toda a vez que eu ia me comunicar em espanhol eu dava uma travadinha. Travadinha, não, assim, mas eu esquecia. Quando eu tava lá, aqui eu não tinha interferência nenhuma, mas quando eu ia lá de novo... Porque também, mesmo depois, estudando...<sup>69</sup>

Em todos os casos em que os filhos dos imigrantes foram alfabetizados no Brasil, o primeiro choque linguístico lembrado foi no convívio escolar. Todos eles Nicol, Paulo e Janaína dominam o português sem que se possa perceber sotaque, o mesmo ocorre com Javier, embora este já tenha sido alfabetizado no Uruguai. A pronúncia que denuncia o ser de outro lugar, quando existe, é percebida ao inverso, isto é, quando retornam ao Uruguai ou em conversações com falantes nativos. Esse é um outro elemento no jogo de negociação com a identidade que merece destaque; ao longo das entrevistas por várias ocasiões se realizou o transcurso da fronteira, alternando de idiomas, ora falando em português, ora falando em espanhol.

---

<sup>68</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>69</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

Para alguns linguistas, as crianças têm a capacidade maior de desenvolver uma segunda língua como se fosse a materna. É o que denominam de Teoria do “período crítico”, segundo a qual a aquisição de uma segunda língua em indivíduos adultos é bem mais complexa, pois biologicamente as condições para contrair outro idioma estariam mais adequadas até a puberdade.

O que este tema também permite analisar é o quanto a inserção social torna-se mais acessível quando se tem o domínio dos códigos linguísticos e o quanto estes se tornam significativos para o falante. O código é uma representação, o falante de língua estrangeira pode ouvir e até entender as palavras que lhe foram pronunciadas, mas não significa que tenha entendido suas representações, suas intenções. Francisco Figueiredo<sup>70</sup> esclarece sobre o processo de aquisição e aprendizagem de uma segunda língua, afirmando que esta pode ser simultânea ou sucessiva:

Geralmente, a aquisição simultânea ocorre quando a criança tem pais que falam línguas diferentes, e a aquisição sucessiva, quando a criança e sua família mudam-se para um país de língua diferente, ou no caso de crianças, de línguas minoritárias, que adquirem a L1 no ambiente familiar e a L2 fora de seu ambiente familiar, como língua aprendida, principalmente na escola, portanto num ambiente mais formal (1995 p. 44).

Ao que tudo indica o primeiro caso parece ser o de Janaína e Nicol, e o segundo o de Paulo, pois como afirma Figueiredo

Podemos, pois, concluir que a *aquisição da L2* ocorre em um ambiente informal, sendo um processo inconsciente, automático e que não requer correção de erros. Em contrapartida, a *aprendizagem da L2* é um processo consciente, controlado; é ajudado pela correção de erros, e ocorre em um ambiente formal (a sala de aula). (1995, p. 45).

Estas crianças tiveram acesso a estabelecimentos de ensino onde puderam ter um melhor conhecimento do idioma português, na sua forma escrita e falada. Roberto Almeida<sup>71</sup> lembra que,

Ideologicamente constituída como porta-voz das instituições sociais e, portanto, representante das aspirações de uma classe dominante, a instituição escolar constitui um espelho de projetos educacionais e práticas

---

<sup>70</sup> Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/7380/5246> acesso em 12/04/2011.

<sup>71</sup> Disponível em [http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao3/3artigo\\_paulinho.htm](http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao3/3artigo_paulinho.htm) acesso em 12/04/2011.

de linguagem legitimadas por esta classe. Nessa perspectiva, em seu interior, constroem-se mecanismos de controle que discriminam e impedem que os falantes de variedade(s) linguísticas desprestigiadas e estigmatizadas reelaborem e projetem sua maneira de ver o mundo, de construir seu universo discursivo diante de sua realidade social. (p. 1)

Embora o autor se refira aos preconceitos sociolinguísticos existentes num país considerado monolíngue é possível estabelecer um paralelo com o que foi narrado pelos entrevistados quando evidenciam a importância no domínio de um *bom português*, há um juízo de valor que leva o falante a desejar um registro linguístico. É o que se depreende do trecho abaixo.

Eu tenho, eu acho que eu tenho facilidade em me adaptar nos ambientes, mas não sei, lá, em Curitiba, todo mundo correndo, correndo, e em São José dos Pinhais, as pessoas falavam errado! Outra coisa que me irritava! “*Eu vô ponha não sei o quê*” Não acredito nisso! Vou *ponha!* O homem: “a porque eu vou *ponha* o fulaninho na mesma escolinha ali” O Felipe tava na escolinha pra se socializar, e o homem: “é porque eu vou *ponha* o fulaninho ali.” *Ponha!*?!?! Eu, ah não, bah tché! Não dá. Mas se ainda fosse um infeliz, mas não, ele e a mulher, todo bem arrumado, a casa, baita casarão. Eu digo: Como essa pessoa me fala desse jeito tché? Para! Choque cultural, né?<sup>72</sup>

Se em geral os fluxos migratórios são associados a situações de pobreza, o caso dos uruguaios em questão foge um pouco à regra, pelo menos entre os membros da rede de colaboradores, e isso talvez explique em parte a boa aceitação que ocorre com estes estrangeiros nesta região. Mesmo que o sotaque seja um elemento modelador da identidade do imigrante de outro país e que em determinadas circunstâncias tendem à discriminação, em outras tendem a uma valorização que pode ser associada à atividade profissional, por exemplo; Javier Luzardo e Maria Pia são professores de espanhol, Nicol estudou Letras/espanhol na UFPel e pensa em retomar os estudos. Esta atividade profissional tem se mostrado uma escolha comum entre os descendentes de fala hispânica na região, aproveitando a condição de nativo ou de origem o que lhes garante um maior prestígio no mercado profissional.

Já aqueles que vieram em idade adulta, em especial os pais, não conseguiram perder o sotaque. Aliás, estes redefiniram sua identidade a partir do uso da interlíngua, do portunhol ou do espaguês, que em território brasileiro, ou pelo menos nesta região Sul do país, o uso do *pidgim*, na expressão usada pela linguista

---

<sup>72</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.



Maria Jandyra Cunha, sugere que apesar do estranhamento, em determinadas circunstâncias ocorre a aceitação das diferenças.

Eduardo Gozalbo foi proprietário de uma *parrillada*, segundo ele próprio, a primeira do país. Esses estabelecimentos gastronômicos já incorporados na cidade exibem em seus anúncios slogans como “tipicamente uruguaio”. Nada mais natural que seus proprietários exteriorizem sua identidade não só com palavras e termos de seu lugar de origem, mas também na pronúncia que legitima. Ainda em relação ao sotaque de seu pai Janaína nos conta:

Com relação a minha vida com o Uruguai, é incrível, porque eu nunca estudei nada em espanhol, e mesmo assim eu sei falar e escrever em espanhol. E se tu fores falar com meu pai hoje, tu não entendes o que ele fala. Não sabes se ele está falando português ou espanhol! Ele fala um portunhol muito dele, assim. Tanto é que a gente mexe que quando ele vai pra lá, ninguém entende o que ele fala, e quando ele está aqui, ninguém entende o que ele fala também. Porque é um dialeto próprio. Então, mesmo assim com essa dificuldade do pai em perder o vínculo com a linguagem, a escrita, e fazer essa mistura toda, eu consegui, acho, e como tem essa questão da memória né? Imagina, eu vim com dois anos pra cá, e mesmo assim... E o pai nunca falou espanhol dentro de casa. Tanto é que minha mãe não sabe falar espanhol e ela viveu quatro anos em Montevideú!<sup>73</sup>

Esse hibridismo linguístico também é comentado por Paulo ao se referir a sua mãe:

[...] hoje, entre a mãe, a Verônica e eu, o que fala melhor espanhol sou eu. A mãe, por conta de misturar as duas. Veio com trinta e poucos anos pra cá e aí acaba tendo dificuldades tanto no português, até hoje, e quando vai para o Uruguai, atravessa mais que eu, misturando português mais que eu.<sup>74</sup>

De acordo com essas narrativas pessoais, quando retornam ao Uruguai, o portunhol parece incomodar menos aos pais do que aos filhos, que se esforçam para adquirir uma pronúncia da língua mãe o mais próximo da perfeição para se sentirem parte integrante daquela nacionalidade. Segundo Figueiredo, “as crianças têm um melhor desempenho na pronúncia de uma língua estrangeira do que os adultos,” porque nesse período da infância a língua não se moldou efetivamente dentro de um triângulo vocábulo o que permite concluir que no caso dos filhos de uruguaio ocorreu o mesmo, pois naturalmente estiveram pouco ou nada expostos à língua materna, tendo a percepção auditiva direcionada para um estímulo da língua

<sup>73</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>74</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

portuguesa, daí se compreende a alegada dificuldade de alcançar uma pronúncia igual ao do nativo quando entre uruguaios.

Suas infâncias transcorreram no exterior, a escolarização se deu em outro idioma, naturalmente quando adultos e regressam ao país de origem, não conseguem reproduzir a pronúncia castelhana, com seus *uruguayismos* no espanhol com a mesma desenvoltura que um falante local, o que os faz sentir como “estrangeiros em sua própria terra”.

Os pais, por maiores que sejam suas interferências linguísticas são vistos por esses filhos como membros naturais daquele país. Não necessitam atestar sua identificação nacional, pois sua vivência anterior, o conhecimento de códigos culturais, o domínio sobre temas históricos e geográficos a memória associada ao conhecimento de determinadas localidades os legitima perante esses filhos.

Reforçando, não basta dominar os códigos linguísticos, é necessário também estar a par dos modismos e assim interagir, ocultando a procedência. O domínio da linguagem para aqueles que por sua precoce saída mantiveram apenas um versar formal do espanhol não lhes permitiu o contato com os modismos locais, que mudam ao sabor do contexto de cada época. O não-domínio desses códigos para compreender burlas, evidenciam os que “estão por fora”, logo não fazendo parte.

Bom na questão fala, como eu já vivo há um bom tempo aqui em Pelotas, eu tento retomar e recobrar situações de linguagem pra não perder a fluência, e sempre que eu posso, no período de férias eu volto pra lá. Mas muitas vezes eu gostaria de ter ficado mais tempo, de forma ininterrupta, pra não perder questões de gírias, né? De uma conversação local que faz parte da cultura. Porque eu acho que uma das questões que te identificam e te tornam, é a linguagem. Então, muitas vezes, Ariel, de repente tu te pega falando com um uruguaio e o cara tem uma fluência bárbara e aí tu diz: “Puxa vida, esse é uruguaio! E eu não sou porque não consigo ter a mesma fluência que ele”. Então eu me sinto um lixo...<sup>75</sup>

Se para Javier, as viagens ao Uruguai também servem para retomar aspectos da língua mãe, principalmente no seu caso que envolve questões profissionais, Nicol por seu turno encontrou no novo companheiro essa possibilidade:

---

<sup>75</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

Mas claro, eu acho que depois aqui, meu espanhol era horrível. Porque, claro, tu vais pegando muitas interferências. Isso eu to falando de adulta, só que agora faz quatro anos, que meu companheiro é uruguaio. Maravilhoso, coisa mais querida. Coisa mais boa da minha vida. Então assim, meu espanhol está tinindo com ele (risos). Porque assim, um monte de coisas que eu não me lembrava, aí: “Como é tal coisa”. “Ah, é isso mesmo, ta.” Aí ele tem livros. Ele veio pra cá a uns sete anos, me parece. Então todos os livros que ele tem são todos em espanhol. Os dicionários, são em espanhol, então, páh, ta loco, sabe o que que é, me enriqueceu horrores o meu vocabulário. Que até agora, posso dizer, me sinto melhor, bem melhor pra falar espanhol, e falo mais espanhol do que português. Aí às vezes, acontece de no português não encontrar palavras! Por isso te digo, tudo é interferência.<sup>76</sup>

A esse respeito, de ser mais reconhecido pelo sotaque no país de origem, também se inclui o exemplo oferecido por Paulo:

Não me agrada, mas também não chega a me incomodar. Eu fico preocupado, por exemplo, algo que pode me incomodar, é o fato de falar mal, algumas coisas, sem o sotaque do espanhol, daí os caras ficam pensando, “esse cara ou é muito burro ou o que houve com ele, porque ele é uruguaio mas fala mal desse jeito?” Quer dizer, algumas conjugações verbais. Ou esquecer. “Como é que se diz mesmo tal coisa?” Daí as pessoas ficam me olhando estranho. “Como assim, tu não sabe? Como se diz?” Porque depois de um tempo eu vou perdendo meio rápido o meu sotaque em português. Me falta, as vezes, esqueço alguma expressão, ou digo algo mal dito e aí fica estranho, porque o sotaque em português não é muito evidente, a ponto de ficar claro que eu estou falando mal por influência do português.<sup>77</sup>

Assim o idioma opera como um importante elemento nessa negociação de identidade, de instrumento de travessia de fronteiras, que permite transitar em dois mundos, duas culturas que os entrevistados buscam viver conciliando suas semelhanças, diferenças e principalmente preocupados em legar aos seus descendentes suas origens e possíveis vantagens de uma dupla cidadania.

---

<sup>76</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

<sup>77</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

#### 4.4. Mi casa está en la frontera: viver em dois mundos

Habitar em uma região como a do Sul do Brasil, permite ao imigrante oriundo da região do Prata, uma integração mais fácil que em última instância não lhe exige um constante questionar-se sobre sua identidade. Sentem-se em geral bem acolhidos, apesar das diferenças. Essa irmandade gaúcha, por assim denominar, se aproxima do déficit de diferenciação e de identificação, descrito por Boaventura Santos (1997).

Mas é, o Rio Grande do Sul e o Uruguai, parece que tem uma identidade muito próxima, e isso é bacana. O uruguaio, talvez o argentino, não posso falar pelo argentino porque eu não sou. Mas o uruguaio ele se identifica muito com o Rio Grande do Sul. Ele considera como se fosse uma extensão, como se fosse parte do Uruguai também. Há uma identificação muito grande com o Rio Grande do Sul.<sup>78</sup>

Talvez isso explique porque não se percebeu na declaração dos entrevistados uma necessidade de reafirmar-se nacional e culturalmente frente ao outro, atitude própria de quem se encontra em uma situação de carência ou subordinação, como também descreve o Santos. Entre os integrantes da rede o que se apreendeu foi uma reafirmação dessa dupla identidade, como evidencia-se na seguinte declaração.

A única coisa que eu percebo assim, que eu vou te falar bem francamente, é que assim, até as pessoas não saberem que eu sou uruguaia, me tratam de uma forma. Depois que elas sabem que eu sou uruguaia, me tratam de outra. Aí querem me roubar o Brasil! (risos) Tu entendes?<sup>79</sup>

A narradora demonstra insatisfação quando lhe retiram a nacionalidade brasileira. Alega que em determinadas situações ela é desautorizada a falar, a pronunciar-se, a emitir opiniões já que ela não seria daqui. Essa luta que Nicol estabelece por sua identidade, frente a aquelas que lhe são atribuídas aproxima-se das concepções de Bauman (2005, p. 19) quando afirma

<sup>78</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

<sup>79</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.

Ela também denuncia que ocorre o mesmo quando vai ao Uruguai ou em discussões domésticas com seu atual companheiro; Juan está no Brasil há no máximo sete anos e embora também esteja na condição de imigrante, por ter vivido mais tempo lá, sente-se “mais uruguaio” que ela. Nicol não deixa de contestá-lo construindo seus argumentos.

Tá, eu sou mais uruguaia do que tu, se é por isso, porque a mim me trouxeram a força e a ti, tu veio com as tuas perninhas! Achei uma resposta pra ele. Sim. Eu não tive escolha, ele veio porque quis, e não sei o que está fazendo aqui, né? (risos) Então, não é uma resposta válida? E pros outros, os daqui é que a coisa pega um pouco mais<sup>80</sup>.

A entrevistada deixa entrever outro aspecto dessa integração que diz respeito ao caráter de invisibilidade desse processo migratório, em especial no Sul do Brasil. Se for tomada a aparência física como elemento definidor de quem não pertence a esta região dificilmente seriam percebidos. O que poderia denunciá-los é o idioma, mas se este não se pronunciar, passará despercebido, integrado ao meio.

A mãe da narradora é um exemplo, pois era menor e migrou com a filha nos braços, mantendo-se calada o tempo inteiro, pois a entrada de Nicol foi irregular.

Claro, a minha mãe quando desceu ali em Rivera, desceu presa, e meu pai lá deu um jeito, não sei quem era que ele conhecia, eu sei que eles conseguiram vir pra cá, escondidos também. Ah, minha mãe não podia falar também, porque aqui também era meio complicado a coisa, então minha mãe não podia falar, abrir a boca, falar espanhol, entendeste, *entonces*, todo o caminho muda. E eu chorar podia, pois chorar a gente chora em qualquer língua (risos). O choro é universal<sup>81</sup>.

Na fala anterior, a entrevistada demonstrou sentir-se contrariada quando lhe “roubam” o Brasil, mas também demonstra contrariedade quando não é vista como uruguaia. É uma constante negociação com a identificação cultural e nacional que vai além de aspectos de afinidades ou subjetividades. São como afirma Hall (2006) os sujeitos híbridos que dialogam entre duas culturas.

<sup>80</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

<sup>81</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

É preciso ter em conta que cinco dos sete entrevistados de que se ocupou este estudo têm nível superior, os outros três que também colaboraram com o projeto, um ocupa cargo de destaque na cidade e outro é um empresário bem sucedido, além de bem quisto na localidade, o terceiro prepara-se para prestar processo seletivo com vistas à Universidade. Esse aspecto socioeconômico somado à proximidade territorial é outro componente que conspira a favor desse mimetismo que é tanto maior entre os filhos desses imigrantes. Afinal não sofrem com o constante questionamento sobre suas identidades, são reconhecidos como integrantes da comunidade, e não raro se desconhece suas origens.

[...] tanto es que dos o tres veces me voy a Montevideo por año así, a veces voy solo, llevo a mi hijo para que vea como es. Cuando digo que el carnaval del Uruguay es el mejor carnaval del mundo la gente se ríe, yo digo “no”, porque yo me crie en el Barrio Sur yo sé... después más joven con 15, 16 años iba allá, iba bailar, iba a tomar con mi hermano, todo! Pienso que viví un poco allá y un poco acá todos esos años también porque es próximo, son 500km, cuando me dan ganas voy para allá y chau, me quedo una semana o dos con mi madre, salgo a candombear *por ahí*, llevo mi hijo cuando quiero. Digo que vivo en mitad y mitad, mi vida siempre fue así, nunca abandoné mi tierra, mi alma siempre se quedo allá.<sup>82</sup>

Pelo exposto no depoimento acima, mesmo entre aqueles que nasceram no Uruguai, mas passaram a maior parte de suas vidas em terras brasileiras, a nostalgia com a terra natal pode muito facilmente ser resolvida através de um contato regular em viagens para rever parentes ou mesmo em períodos de férias. Essas viagens tendem a reforçar esse caráter híbrido de suas identidades. Discorrendo sobre quais afinidades encontra no país de origem, do qual ele teve pouco convívio, Paulo conta como através desses passeios eventuais busca reconstruir uma identidade.

Está sendo ótimo isso pra me fazer pensar nessas coisas que eu nunca paro pra pensar. O que eu mais gosto? Muitas cidades têm um ar bucólico, e eu gosto disso. Pois é... (pensativo) Acho que o sentimento de aparente tranquilidade, ou de confiança nas pessoas. Talvez o fato de estando lá, eu esteja mais próximo de uma identidade que se eu não tenho muito, quero ter pelo menos. Tu anda, nos pequenos detalhes assim tu percebes a diferença. Às vezes é muito sutil, mas é diferente andar numa estrada do interior no Uruguai e andar numa estrada do interior aqui. E esses pequenos elementos criam uma atmosfera que gera em mim um sentimento diferente. Lá e aqui. Por outro lado, quando eu passo um mês fora do Brasil, eu gosto muito de voltar para o Brasil.<sup>83</sup>

<sup>82</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

<sup>83</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

Em suas palavras o entrevistado evidencia que convive muito bem no país de acolhida a ponto de não se indagar sobre sua condição: “não paro para pensar”, diz. Afirma que quando passa um tempo maior no Uruguai, deseja logo voltar por sentir saudades do Brasil. O que está em questão não são elementos que atribuam uma identidade que talvez Paulo julgue inata. É antes de tudo a ausência de uma memória que lhe atribua um passado uruguaio, no entanto sente uma nostalgia por algo que não viveu.

É estranho, porque quando tu volta pro teu país, tu imagina que tenha uma cidade, que seja a tua cidade também. Eu não tenho! Eu não tenho! E andar por Melo, pra mim é uma curiosidade, mas não é mais que isso. Onde eu tenho uma história, nas ruas, é em Pelotas. É uma droga de cidade, mas eu gosto de Pelotas, já tenho história aqui, cada rua, cada bairro. São sentimentos quase contraditórios mesmo. Porque tu vais pro Uruguai e te sente em casa, mas não tem, onde é tua casa? Em lugar nenhum! Não sei se é... (silêncio). Se é respirar uma identidade... Não sei.<sup>84</sup>

Porém se esforça em recriar laços, absorver essa identidade em cada visita ao país.

[...] agora devem fazer, sei lá, talvez mais de três meses que eu não vou ao Uruguai. Eu sinto falta! Nem que seja de ir até a fronteira, e atravessar a rua e (inspira fundo), respirar um ar diferente. Então, de onde saiu isso? Não sei, mas eu sinto.<sup>85</sup>

Partindo do princípio que a identidade é construída por oposição ao outro e também no tempo, as imigrações vizinhas e recentes guardam uma diferença considerável em relação às suas similares do século XIX, quando os europeus se destinavam para este continente “fazer a América”. Os imigrantes platinos manifestam claramente também seu desejo de cultivar suas origens sem deixar de assumir as novas características adquiridas. Nesse sentido confia outro entrevistado.

Por eso te digo yo cultivo mis raíces, mis orígenes pero no dejo de decir que me encanta este país que *gosto* de Brasil, del pueblo, me adapté bien y no

<sup>84</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>85</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

pienso salir de acá. Uruguay para ir visitar, Montevideo para ir a ver mi mamá, matar a *saudade lá, praia*, tomar un mate, librería, todo que hay allá, pero no para vivir a no ser que tuviera dinero y me compraba una casa allá y la dejaba allá pero Brasil para mí... acá estoy bien, *gosto* de Brasil! Como voy a decir que no *gosto* de Brasil que es un país que siempre me trató bien y que todo lo que conquisté esta acá, *finqué* raíces acá! Quiero trabajar con las dos cosas, no negar mis raíces y seguir viviendo acá como brasileiro y como uruguayo y tchau, saber *dosar* la cosa no ser radical así y decir “no, vine a vivir acá. Brasil, tchau, murió Uruguay, no quiero ni saber *do* Uruguay”<sup>86</sup>.

Esse desejo por querer viver como uruguaio e brasileiro ao mesmo tempo, sem negar raízes como se refere Diogo no início de sua fala, mas ao mesmo tempo cultivando as novas, dando a ideia de um transplante, são componentes facilmente encontrados dentro do grupo. É possível perceber também uma censura a quem, por outro lado, nega suas origens.

Como ya conocí un uruguayo que trabajo conmigo en un supermercado y le hablaba de Montevideo y el loco decía que no, que se olvidó de Montevideo que no quería ni saber de Montevideo, que no quería ni saber y *que para ele era pagode*, samba y nada de carnaval uruguayo, llamadas o de candombe! Quien se queda más pobre intelectualmente es él no soy yo! Si podes cultivar las dos cosas, las dos culturas quien va ganar sós vos porque te vas a estar más inserido culturalmente entre dos países, *é melhor aproveitar* dos cosas, dos culturas! *Pudendo aproveitar* dos culturas vas a *ficar* con una y vas a negar tus orígenes? No se puede! De repente acho que conseguí de alguna manera conciliar, conseguí *dosar* las dos cosas!<sup>87</sup>

Neste caso pode se estabelecer um comparativo entre Diogo, que transferiu-se para o Brasil num outro momento e por razões distintas das que vieram em consequência da ditadura, pois além da valorização imposta pelo MERCOSUL, também há toda uma valorização de componentes culturais considerados comuns entre os dois países, mas que curiosamente não são autóctones, como é o caso da influência africana.

Hay la cultura afro también que hay algunas cosas parecidas en Uruguay y acá! La cultura afro, allá está el Candombe y todo! Hay pocos negros pero los que hay cultivan su religión y sus músicas como acá, o sea, que hay muchas cosas parecidas acá en el sur con Uruguay, somos todos harina del mismo saco lo que pasa es que, uno fue conquistado por un Imperio, otro por otro, que se separaron y tchau, éramos todos hermanos!<sup>88</sup>

<sup>86</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

<sup>87</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

<sup>88</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.



As observações estabelecidas por Diogo vão ao encontro do conceito de *cultura de fronteira* definida por Boaventura Santos, entendida como local de contato, de comunicação, de trocas, onde o que a define são a carência de conteúdo, mas dispor de forma:

Para além do acentrismo e do cosmopolitismo a forma cultura da fronteira apresenta ainda uma outra característica: a dramatização e a carnavalização das formas. Dado o caráter babélico, assíncrone e superficial das incorporações e das apropriações forâneas, a forma fronteira tende a indentificar-se, nessas incorporações e apropriações, com as formas mais do que com os conteúdos dos produtos incorporados. (SANTOS. 1997 p. 154)

Diogo, assim como outros imigrantes que vieram com alguma idade que lhes permitiu uma vivência com hábitos e costumes da terra de origem, consegue estabelecer uma negociação entre esses dois universos culturais em construção.

Nicol, por seu turno, contribui com um bom exemplo de como transitar entre esses dois universos, decodificando significados.

Eu tenho comigo uma mescla de mulher uruguaia com mulher brasileira. Qual é a mescla? Eu tenho um pouco da vaidade da mulher brasileira, da cultura brasileira, e tenho um pouco da rebeldia da mulher uruguaia<sup>89</sup>.

E complementa demonstrando que essa decodificação vai além de aspectos formais e que estão presentes nos diversos níveis de relações estabelecidos por ela, sejam no círculo familiar ou social. O que aparentemente pode ser considerado simplório, traz de si carrega vários elementos, uma perspicácia sutil que foram sendo adquiridos com a experiência de quem convive com dois universos ou mais, que possuem suas barreiras que precisam ser contornadas na busca por inserção.

Eu quero ser uma mulher normal aqui onde eu vivo. É por isso que eu pinto a minha unha, por isso que eu faço cortezinho no cabelo. Eu não quero ser um E.T. Eu quero pelo menos passar despercebida, tu entendes? Faço parte do grupo, da massa e também lá, eu também quero. Quando eu vou lá não ponho esse rosa choque (mostrando as unhas) Porque a minha sogra é capaz que cai da cadeira! (risos) Porque ela, imagina, marrom, cinza. Sóbrio, né? Então a gente precisa disso, tu não podes negar que tu vives em sociedade, tu quer te adaptar<sup>90</sup>.

<sup>89</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

<sup>90</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

O mesmo ocorre em sentido inverso com Janaína, que costuma visitar parentes que possui em Montevideu, e assim constrói uma identificação com os hábitos e costumes daquele país que lhe permitem fragmentar sua identidade ora com um, ora com outro.

Não sei se algum dia não possa, entende, ir pra lá, ou tipo, nada é impossível. Porque lá é um lugar que eu me sinto bem, eu gosto de lá. Eu fico ansiosa pra ir, porque é um lugar em que tu vive, isso é importante né? Aqui eu deixo pra trabalhar! Trabalho, estudo, trabalho. E lá é o momento que eu tenho pra sentar com minha família, tomar uma Patrícia, ficar lá com o pessoal e curto. Comer uma boa carne e viver junto com eles lá. Eu vejo que isso falta muito aqui. Essa coisa do viver<sup>91</sup>.

Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade de negociações com a identidade. Janaína Guerra percebe que pode tirar proveito de sua dupla nacionalidade, desde que também regularize sua situação como cidadã uruguaia.

Já me falaram de alguns benefícios que eu poderia ter, mas eu tenho vontade de fazer meu doutorado lá, e eu não sei se isso facilitaria. Eu tenho muita vontade de fazer, porque lá tem uma faculdade de Trabalho Social e tem um Doutorado em Serviço Social, e eu tinha vontade de fazer lá, e aí eu pediria licença aqui na Universidade pra ir pra lá fazer meu Doutorado. Então eu não sei se isso ajudaria, de repente sim. Mas eu gostaria de ter, até porque eu gosto tanto de lá.<sup>92</sup>

Semelhante raciocínio desenvolve Nicol, pensando em estender direitos a seu filho.

O Felipe, meu filho, eu digo pra ele que se ele quiser fazer faculdade lá no Uruguai ele tem todo o direito, ele pode. E ele tá assim, de repente, quem sabe? E eu deixo bem aberto, porque eu disse pra ele. Felipe tu é tão uruguaio quase quanto eu, porque ele não precisa nem se naturalizar porque ele até me parece que é só levar a certidão dele no Consulado e tá pronto, sabe? Eu também tenho que me avivar, ele tem 16 anos, ele tem que fazer isso antes de ter 18 não é? Não é assim?<sup>93</sup>

Do mesmo modo essa negociação entre culturas e nacionalidades também podem ser muito úteis no terreno profissional, como atestam as palavras de Javier.

Não até eu te diria que no momento que a gente sai da terra de origem, tu te torna muito mais patriótico do que era. Porque no momento que tu ta

---

<sup>91</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>92</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>93</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

dentro do sistema é uma coisa natural, quando tu tá fora e sente falta daquilo, então tu tenta te identificar muito mais com a tua cultura que tu deixou pra traz. Então, a escolha mesmo por Licenciatura em Letras-Espanhol, ela vem decorrente dessa busca pelo resgate da identidade que eu deixei pra traz. Então eu queria passar aos meus alunos, e pras pessoas um pouco da minha cultura, do que eu aprendi enquanto eu era pequeno, nessas etapas de transição. Então foi, uma forma de me aproximar da cultura uruguaia.<sup>94</sup>

Todas essas considerações auxiliam a compreender as razões da inexistência de espaços de reunião ou locais onde os uruguaios possam se organizar como grupo, conferindo-lhes uma maior notoriedade, apesar de ser uma das colônias mais significativas na cidade de Pelotas. Essa visibilidade e representatividade do grupo se dão, de forma oficial, através do seu consulado, ou por intermédio de estabelecimentos comerciais como as já mencionadas *parrilladas*. Inclusive nesses estabelecimentos a presença maior é de brasileiros, como assegura Gozalbo que é uma opinião qualificada, pois, segundo ele mesmo afirma, ele teria sido o pioneiro no Brasil a implantar esse tipo de restaurante.

Pero los brasileiros venían más! Los uruguayos, talvez también por una cuestión económica, no se vistes. No, no creo, porque había mucha gente que estaba bien, con trabajo y profesional, venían, pero a los brasileiros le gustaban. Los brasileiros aceptaron bien la parrilla.<sup>95</sup>

A questão econômica é apresentada pelo entrevistado como um dos fatores que afastariam os uruguaios de frequentar mais assiduamente esses espaços; mas em outros depoimentos se identificou a existência de reuniões feitas por alguns patrícios para jogar truco ou fazer *asado*. Mesmo esse tipo de reunião, apesar de ter durado algum tempo, também não foi mais adiante por diferentes razões.

O pai tinha, até não sei o que houve, porque que ele se afastou, o que aconteceu, mas o pai, ele tinha vários amigos uruguaios que iam sempre lá em casa jogar truco. E o pai se reunia muito no *El Paisano*, e tinha um outro bar, eu me lembro que eu era pequenininha, ali perto da praça Coronel Pedro Osório, não me lembro o que que era ali. Então ele tinha assim, esse contato, mais forte. Se reuniam toda a semana. De estar junto, mas depois de um tempo, eu acho que... não sei, não sei o que aconteceu<sup>96</sup>.

Paulo também fez referências a esse mesmo grupo.

<sup>94</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

<sup>95</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>96</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

Mas por exemplo, a algum tempo atrás eu fui comer uma pizza, naquela pizzaria na esquina da Argolo, ali. E estive conversando com o dono, não sei como surgiu o assunto, né? E ele disse, “ah, nós temos um grupo, aí tal, a gente se reúne de vez em quando. Nos procura aí.” Me convidou pra me integrar, e eu acabei não procurando, na época até achei a idéia interessante, mas eu acabei não procurando<sup>97</sup>.

Em seguida encontra explicação em sua própria formação cultural, ou melhor, no fato de não compartilhar os mesmos gostos e costumes que o grupo em questão, como um fator desmotivador para fazer parte desses encontros

E senti uma coisa: Que eles se reuniam, pra viver juntos a culturalidade do Uruguai, mas uma culturalidade que eu não sentia que eu tivesse. Se reuniam pra jogar truco, por exemplo. Eu não sei jogar truco! Se reuniam pra fazer puchero, ou uma outra coisa que não faz parte da culinária mais típica. Eu moro sozinho, não cozinho nem pra mim. A mãe não tem muito isso, né? Então algumas coisas foram se perdendo. E eu percebi que os grupo se reúnem em torno de uma identidade muito mais forte que a minha, porque são pessoas que vieram, né, com bastante... mais idade do que eu. Que mantiveram isso, e que eu não tenho<sup>98</sup>.

Para outros colaboradores, as dificuldades para criar ou manter grupos e locais de reunião são de cunho socioeconômico. Essas observações feitas pelos entrevistados reforçam ideia de Woodward (2008), de que ela é marcada por símbolos e que neste caso específico ela perpassa a nacionalidade, ela também é social. Em outras circunstâncias, como foi o período final da ditadura, onde muitos uruguaios, tanto dentro como fora do país lutavam pela retomada e consolidação da democracia, a integração se tornou mais fácil e corriqueira, colocando em segundo plano as eventuais diferenciações em nome da luta comum, contra um inimigo comum, em torno de uma esperança comum, como atesta o depoimento de Eduardo Gozalbo quando rememora com certa satisfação essa época, e seus incansáveis esforços.

Teníamos un comité de base de Patria Grande acá! En Pelotas. Acá teníamos un comité de base, se trabajaba mucho en la época de la dictadura, yo tengo fotos ahí, no me acuerdo onde están, y justamente, nos reuníamos, en aquella época era Bernardo era el prefecto, y nosotros le ayudábamos en la campaña. En aquella época el Brasil tenia el PDS y el PMDB<sup>99</sup>.

<sup>97</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>98</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>99</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

Danilo Ucha em seu livro *Diretas Lá* (1984), descreve a mobilização dos cidadãos daquele país na luta por eleições diretas depois de anos de ditadura; essa intensa atividade atravessou fronteiras e foi bem vivenciada pelo narrador, deixando entrever, ao falar de suas lembranças, a alegria daqueles momentos, a empolgação que os movia para superar obstáculos financeiros e garantir o envio do maior número possível de cidadãos em condições de votar:

[...] para votar y hacer finanzas para ayudar la campaña del Frente, vistas? Para ir a votar, fuimos en dos ómnibus de acá. Vino la RBS, salimos de la puerta de la prefectura, filmó todo. Para el acto final, inclusive fueron algunos brasileiros. Fue un gran amigo mío, ya fallecido que fue *vereador*, que fue Flavio Coswig. Flavio fue un hermano, yo lo asesoraba con algunas cosas políticas en aquella época, y el estaba en el partido comunista, pero estaba dentro del paraguas del PMDB, bueno en aquella época peleaba con Fetter, (risos) que eran los dos mas jóvenes. Y bueno, fue Flávio, fue Gastal, hoy juez, que también militaba en el partido. Había mucha actividad política en aquella época, mucha militancia<sup>100</sup>.

Nessas memoráveis jornadas, tanto o grupo se organizava para conseguir recursos, como contava com apoio de pessoas influentes do cenário político local, além de darem notoriedade às suas atividades através da imprensa. Passada a luta que os unia, a batalha pela democracia, e alcançado alguns objetivos como a eleição da Frente Ampla para a presidência da República, as motivações políticas para reuniões deixaram de existir ou perderam sua capacidade de aglutinação. Os projetos agora giram em torno de objetivos pessoais. Sobre este novo momento, Gozalbo também faz sua avaliação.

Que pasa acá? Nosotros estamos prácticamente en Uruguay, la necesidad de... No podes pensar igual que el uruguayo que está en Sidney, o está en Toronto, está en Caracas o está en Ciudad de México, y vos decís: "Pá, cuando voy a ver mi vieja, mi hermana, mis perros?" Acá, aunque estés pelado, te pones un par de zapatillas nuevas y te vas caminando, que en un día estás en Rio Branco!<sup>101</sup>

Mais uma vez, a questão da proximidade territorial e cultural é destacada como um empecilho para retomar mobilizações em torno de associações como o próprio *Departamento Veinte*.

<sup>100</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>101</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

No es Salvador, no es Rio de Janeiro. Si vas a Rio de Janeiro, te quedas allá, o vuelves! Pero acá, como está cerquita, y no te gastaste toda da plata todavía (risos) Si, eso pero cantidad de uruguayos les pasa eso. Otros se quieren volver. Vienen con la idea de quedarse en Brasil y dicen: "No, no me gusta acá, no quiero, no conozco, no entiendo nada, me voy para Uruguay!". O se pelan, y los que nos quedamos acá, nosotros, te tomas el ómnibus y te vas a Rio Branco, acá se van a ver los partidos cuando juegan Peñarol a la frontera, se van no mas en dos o tres autos y se van a ver el partido, de Peñarol de Nacional, vistes, quedan en los boliches allá y después se vienen! Entonces la necesidad de juntarse así como colonia, porque tenes una nostalgia del país... Acá la gente anda de zapatillas, come asado, toma mate, nos quiere muchísimo, somos muy bien recibidos.<sup>102</sup>

Maria Pia morou um tempo em países da Europa e também faz diagnóstico semelhante, estabelecendo um interessante comparativo com os brasileiros que residem no exterior, que diferentemente dos uruguaios, procuravam reunir-se.

Y nosotros los que estaban aquí, *tu podés ver*, que nosotros no nos relacionábamos completamente admiro los brasileiros, porque los brasileiros cuando salen de su país, ellos mantienen sus raíces! O sea, no digo que nosotros no mantenemos nuestras raíces. Pero buscan estar juntos, y hay colonias, se reúnen, todo eso. Ahora, yo no se si eso pasa porque nosotros estamos muy cerca de la frontera? Pero por lo que vi de otros uruguayos que están en otros países, no son todos los que se están congregando realmente. *Enton*, yo creo que como algo así: "No quiero saber mas nada de los uruguayos! No quiero saber mas nada del Uruguay! Solo lo mínimo" No se? Yo, como a mi me encanta reunirme con los uruguayos, y hago de todo, pero [...]<sup>103</sup>

Isso significa dizer que se a distância maior favorece sentimentos de nostalgia bem mais intensas dos que migraram para regiões mais próximas, o mesmo não se aplica necessariamente para os uruguaios. As razões possivelmente encontrem explicação nas motivações e condições da saída. A própria entrevistada elenca vários tipos de conterrâneos que tem encontrado.

Pero creo lo siguiente: el problema es que existen aquí, como te decía, tres tipos de uruguayos. Eso es lo que yo observo. Aquellos que vinieron, que tenían una estabilidad en la vida, su profesión todo, y vinieron por cuestiones políticas. Y continúan viviendo y otros retornaron. Después aquellos que quieren mejorar la vida. Ya en la década de 80, 90. Por cuestiones financieras. Y yo que se, otros porque conocieron un brasilera, un brasileiro, entendes? E hay varias cosas<sup>104</sup>.

Pode-se, a partir dessas considerações, ampliar a análise e estabelecer comparativos entre os filhos de uruguaios emigrados em diferentes circunstâncias, e

<sup>102</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>103</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>104</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

o quanto estas foram determinantes na constituição de suas identidades. Se há um déficit de diferenciação em meio a uma cultura de fronteira, como destaca Santos (1997), e se ela é relacional e marcada por símbolos, além de ser construída no tempo, as reminiscências do período de exceção política que levaram a uma saída forçada do país, ainda busca ser compreendida por esse homens e mulheres que foram constituindo as origens de suas trajetórias familiares e pessoais a partir de fragmentos narrados em família.

## CAPÍTULO 5

### 5.1. La sopa de Mafalda: a ditadura

Mafalda, personagem do cartunista argentino Joaquin Salvador Lavado, o Quino, se notabilizava por detestar sopa, que sua mãe insistia em obrigá-la a tomar. Para muitos intérpretes o caldo era uma metáfora da ditadura que por analogia, os cidadãos desse período se viram forçados a conviver, a engolir. Assim, as crianças dessa época cresceram sorvendo em silêncio “essa sopa”.

Os filhos de imigrantes uruguaios que vieram no contexto da ditadura, seja por motivos políticos, econômicos ou qualquer outro, assim como aqueles que nasceram nos primeiros anos da chegada de seus pais ao Brasil, ou vindos no colo destes, formam um grupo dentro do grupo, onde suas memórias foram sendo constituídas de retalhos de relatos feitos em família, recordações vivenciadas e/ou acrescidas de informações adquiridas ao longo do tempo. São memórias processadas a partir da compreensão do vivenciado, do individual e do tempo social, histórico, contextualizado com o nacional e internacional (DELGADO; 2010). Hoje, alguns destes homens e mulheres adultos não possuem registros próprios sobre as circunstâncias que determinaram seus destinos.

Outros, apesar de contar com pouca idade quando se desenrolaram todos esses episódios guardam recordações que na atualidade se manifestam mais como indagações, questões de foro íntimo e familiar que não foram respondidas, como se pode depreender das palavras de Paulo.

Eu cresci com aversão aos militares, reforçado muito pela minha mãe. Ironicamente tive que fazer o serviço militar aqui no Brasil. Não consegui escapar. Lembro que a mãe dizia, por exemplo, “olha, se tu tiver que fazer serviço militar, arruma um lugar pra trocar de roupa antes de chegar em casa, porque em casa tu não entra fardado”. Claro que depois ela acabou, inclusive, eventualmente, lavando alguma farda<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.



A relação de sua mãe com a farda é claramente conflitiva, associada a um passado de sofrimentos, mas para a surpresa do entrevistado, esse conflito não era compartilhado da mesma forma com o seu pai, que evitava esse assunto. Isso se evidencia mais claramente na sequência de sua entrevista.

E aí, uma coisa que me surpreendeu negativamente foi ter ouvido, casualmente, sem que meu pai soubesse que eu estava ouvindo, uma conversa dele com um conhecido dele dizendo, ele dizia que achava que eu deveria seguir carreira militar, entendeu? Que eu deveria seguir no Exército, porque, por conta da estabilidade e tal. Pá, pra mim, ouvir que meu pai achava que deveria continuar a ser milico era o fim, né? Ou seja, pra mim, isso era mais inconcebível que pra ele que sofreu na pele a ditadura<sup>106</sup>.

Cristina Porta (2006), tratando das memórias dos filhos dos exilados, destaca que estes possuem enormes dificuldades para estabelecer críticas à geração precedente. Aos que cresceram no desterro por tais motivos não lhes é nada cômodo ou fácil estabelecer julgamentos sobre as atitudes de seus progenitores. Para esses jovens adultos, que cresceram construindo a imagem de que aquela foi uma geração inquestionável, por ter se arriscado por ideais elevados e de lutadores sociais, que por tal motivo foram vítimas de enormes injustiças, tornam-se quase intocáveis. Questioná-los é revolver em profundas feridas.

A exemplo do exposto, cabe tomar como referência as palavras de Maria Pia, que se viu obrigada aos 14 anos de idade a permanecer sozinha com seu irmão em Montevideú, no auge da repressão, enquanto seus pais buscavam alternativas fora do país.

[...] en mi casa tres veces cayeron los milicos! Tres veces hubo allanamiento. Me entiendes? Entonces las personas en aquella época tenían miedo de llegar. Entonces, *tu vé*, mi hermana tenía 12, 13 años. Yo estaba entrando en los 14, 15 años! O sea, estaba para cumplir mis 15 años! Y en esa época la gente tenía miedo de llegar, porque... (emoção) Y eso que mis padres... Mi padre era comunista! Mi madre no. Mi madre era Democrata Cristiano. Del PDC. Mi padre de la mil uno! Y, por el echo de hacer parte del Frente Amplio y todo eso... Bueno, ta, yo que sé?... La gente no, llegaba cerca. *Enton* vivimos, todo el tiempo defendiendo-nos solos! Solos!<sup>107</sup>

O abandono que faz referência soa como uma crítica que se estende muito além de seus pais, pois argumenta que nem mesmo os demais familiares aproximaram

<sup>106</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>107</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

Y una cosa que yo siempre reproche fue que los parientes, cuando nosotros estábamos solos nunca entraban en contacto. Cuando sabían que mi madre venía, entraban en contacto. Entonces yo tenía una revuelta, y era bien rebelde contra eso. La prueba esta que hoy *me doy* con mis parientes pero, “Hola! Hola! como andas?” “Nos vemos!”, pero yo no hago así, ningún esfuerzo. Digo: “Ah, no, voy para Uruguay para ver mis parientes.” No. Si voy para Uruguay, capaz que quedo descansando, así, una vida de turista, que para ir visitar mis parientes. Solo uno o dos, así que, bueno, tá. El tiempo ayuda a perdonar y todo eso. Pero en el fondo, en el fondo, no<sup>108</sup>.

### E conclui com uma frase que traduz bem seu sentimento

É lo que estava dizendo, completamente rejeitada, Parecíamos que tínhamos lepra!<sup>109</sup>

Na condição de adolescente, naturalmente enfrentou choque de gerações como qualquer outro jovem de sua idade, no entanto, seus anseios pessoais tiveram sempre que ficar em quinto ou sexto plano diante das circunstâncias. Tendo que conviver com o terrorismo de Estado em situação de completo abandono.

[...] Otra cosa que nosotros, vivimos, cuando mis padres estaban aquí en el Brasil, que venían y nos hacían llamadas anónimas, diciendo que mis padres estaban presos [...]  
Ellos estaban acá. Entonces decían así: “Ah, mira, tus padres tan presos.” “Pusimos una bomba”. “Tomen cuidado...” Me entiendes? Entonces así hicieron toda una guerra emocional e psicológica a nosotros. *Enton*, mi adolescencia fue siempre dentro de esa línea. De inseguridad, de incertezas! Sin saber lo que iba a suceder! Si iba a volver a ver a mis padres o no! Fue todo *uma*, cuestión así, me entiendes? Si un día iba a llegar y encontrar mis hermanos o... (emocionada)  
Uno no consigue *mucho* superar. Es una situación así que... Yo digo que nosotros vivimos con un fantasma. Y eso que yo, nosotros, como decís, los hijos de la dictadura, no? Como te digo, somos los hijos de la dictadura y que...<sup>110</sup>

Janáina, por seu turno, não viveu nada desse período, sobre a ditadura narra episódios vividos por seu pai, porém deixa entrever que o clima político e social do país gerou conflitos no interior de algumas famílias, pois nem todos do grupo compartilhavam das mesmas cores ideológicas.

Ele foi preso junto com um padre, no tempo que ficaram presos a minha *abuela* levava comida caseira para meu pai e ele, ao oferecer aquela comida ao padre, se tornaram amigos. Aí a embaixada francesa foi tirar o

<sup>108</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>109</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>110</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

padre, e quando foi tirar o padre, ele interveio para que meu pai também fosse solto. Isso porque o meu tio, que era quem podia ter feito alguma coisa pra soltar meu pai, disse que não ia fazer, porque “lugar de baderneiro é na cadeia” Hoje o meu tio é de esquerda, ele é socialista, mas na época ele achava todo mundo baderneiro. Então ele não fez questão de tirar o pai. “Que passe uns dias aí na prisão, e que se vire! O problema é dele.”<sup>111</sup>

Esses “filhos da ditadura” ainda buscam entender o que lhes ocorreu e têm claro o quanto é complicado tratar desse tema em ambiente doméstico. Some-se a isso os discursos assimilados em precoce idade, bem como as percepções sobre o clima político da época, que possivelmente os diferencie de outros grupos migrados em contextos diferentes.

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades (DELGADO, 2010, p. 17).

A ditadura também interferiu em suas vidas como a de qualquer pessoa que tenha vivido naquela época. No entanto, por serem crianças ou púberes percebiam a atmosfera tensa das ruas, ou das reuniões familiares, mas não tinham uma compreensão clara dos acontecimentos. Pode-se falar de uma geração que de alguma maneira ainda tenta compreender como esses fatos repercutiram em família.

Tem músicas que até hoje, dos Olimarenhos, que quando eu ouço, se eu cantar junto, eu vou às lágrimas! Como aquela, por exemplo, não me lembro do nome, aquela que diz: *“Hoy he vuelto a mi pago, despues de una ausencia muy larga. Encontre que ni el pueblo es el mismo y ni yo soy igual”* Pá, coisas que retratam essa realidade de voltar depois de ter que sair assim. Então isso mexe comigo de uma forma que é difícil de racionalizar<sup>112</sup>.

Nosso narrador tem toda sua origem em meio a esse contexto, não tem memórias próprias da ditadura no Uruguai, mas carrega consigo ressentimentos em relação ao regime ditatorial no Uruguai que se manifestam em diferentes situações.

Até hoje eu não consigo ver filmes, por exemplo que tratem dessa temática. Não consigo! Isso mexe demais assim. Eu me emociono, é como se eu

<sup>111</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>112</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

tivesse vivido isso. É muito forte isso assim. Acho que mais, tá, não dá pra dizer isso, né?. Mas eu não enxerguei reação assim nos meus pais<sup>113</sup>.

Paulo se constrange ao tentar dizer que a rejeição ao Estado de Exceção parece estar mais presente nele do que em seus pais, e se justifica.

É coisa de ter que ter saído do seu país por conta disso. Por querer... Justamente por querer lutar e dar a vida, quase pelo seu país, que ter que ter saído do país por conta disso. Ter sido despatriado<sup>114</sup>.

Essas indagações ganham relevância maior ao longo de suas vidas. Crescidos, tomam consciência que a migração se deu de uma ditadura a outra, o que também gera algumas indagações que dificilmente são tratadas em casa. Os filhos também guardam suas impressões sobre os primeiros anos de contato com a terra de acolhida, que foram marcados por comportamentos em família, sobre o que poderiam ou não conversar fora do núcleo familiar e que determinaram suas maneiras de se relacionar com a nova sociedade.

Exemplo disso foram as formas como eram tratados certos temas em casa. A política era sem dúvida um desses temas. As razões de tanto cuidado e receio demonstrado pelos pais em relação ao possível envolvimento de seus filhos no movimento estudantil é evidenciado nas palavras de Maria.

Lo único que me acuerdo fue que mis padres me dijeron así, cuando yo estaba en la universidad: “No entres en ni un movimiento estudiantil” Y yo que los quede mirando! Digo: “No puedo entrar!?” “No!”. *Enton* voy a morir. Me voy a anular! Y lo que me paso! Hoy soy apolítica. No quiero saber de política ni por nada! Quien sabe talvez que me escuchan y dicen: “Ai como?” O sea, yo fui una joven política. Con mis doce años de edad, yo hacia parte de movimientos políticos. Salíamos a dar panfletos. Cada uno dentro de su realidad. Me acuerdo que salíamos a pintar las paredes.<sup>115</sup>

A preocupação dos pais é compreensível se levarmos em conta a experiência que carregavam ao viver em meio à repressão de Estado, mas repercutia no mínimo contraditório exigir algo dos filhos, como um comportamento que eles próprios não tiveram em suas juventudes.

Essa imagem de contestadores e lutadores sociais construída sobre os pais cobrava dos filhos a continuidade do processo. Os entrevistados deixam entrever

<sup>113</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>114</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>115</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.,

nas suas palavras a admiração e respeito pelos valores humanitários defendidas por gerações anteriores e sempre que possível as reivindicam como sendo suas.

Então, eu sempre tive isso muito forte na minha vida, dessa coisa de não é porque Deus quer. Que não acontecem naturalmente, sempre tem algo por traz disso tudo, e a gente têm que saber como é, tem que saber lidar com isso e ser crítico, e ter uma visão critica em relação a isso. Então se eu tenho muito isso, é em função do meu pai<sup>116</sup>.

Ao descrever a influência de seu pai na sua formação política e ideológica, Janaína credita também a ele as razões pela escolha de sua formação profissional. Hoje ela é assistente social e trabalha junto ao Instituto Mário Alves<sup>117</sup>. Embora seu pai não tenha participado diretamente de algum movimento de luta armada, o simples fato de ter origem uruguaia e um posicionamento ideológico mais à esquerda, são motivos suficientes para que colegas a identifiquem como revolucionária.

Eduardo Gozalbo, que ao contrário dos demais chegou no Brasil com mais idade, tem uma interpretação própria de como e por que motivos se dava essa migração de um lado a outro, apesar de o Brasil também ter um regime repressor.

Lo que pasa es que en el Uruguay nos conocemos todos. Y aquí vos te podías meter en cincuenta mil lados! Venias calladito y... Claro, te vigilaban, vistas. Te miraban el movimiento, si vos tenias un movimiento extraño, o una denuncia... Te vigilaban. Pero en Uruguay, en la dictadura, en si, comenzó en el 73 y acá está en el apogeo, en el 70, 73, seguro, fue la parte mas cruel. Ahí está la película que llama "Para frente Brasil!" no? Que justamente habla de la copa del mundo del 70 y a todos los estadios mientras se escuchaba el partido se estaba torturando en los cuarteles y matando gente y la prensa, totalmente ajena a eso o no podía publicar nada. La denunciaba, pero este... Ah fue bravo, fue bravo...<sup>118</sup>

Eduardo mostra-se um interlocutor qualificado por conseguir estabelecer uma análise mais contextualizada do período, destacando que a Ditadura no Uruguai oficialmente tem início em 1973, embora a deteriorização das condições

<sup>116</sup> Janaína Guerra entrevistada em 17 novembro de 2010.

<sup>117</sup> "O IMA é um instituto voltado ao desenvolvimento de estudos e pesquisas políticas, econômicas e sociais. Tem como proposta central a criação de um espaço que promova a discussão, elaboração e a formação política, objetiva a participação de pessoas, instituições, movimentos sociais e entidades (governamentais e não-governamentais). Caracteriza-se por ser uma organização civil sem fins lucrativos e não partidária." Disponível em: <http://imapelotas.blogspot.com/>

<sup>118</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

políticas e sociais tenham começado bem antes, mas será depois do fechamento do regime que o número de uruguaios dispostos a deixar o país aumenta consideravelmente. O Brasil, por seu turno, estava vivendo o final do governo Médici e início do governo Geisel, período marcado pela erradicação dos movimentos de resistência e total controle sobre os meios de comunicação, além de o país estar vivendo a euforia do chamado “milagre econômico”.

Outro aspecto apontado pelo entrevistado diz respeito à facilidade que consiste em atravessar a fronteira, mesmo que as condições políticas do Brasil também fossem ameaçadoras, desde que o imigrante se mantivesse calado e fora de suspeita, passaria despercebido em consequência desse caráter de invisibilidade que esse movimento apresenta.

Brasil es un país continental! Uruguay, es un país... Te subís arriba del cerro y miras todo el mundo. Y acá, el pueblo, la masa, el pueblo estaba totalmente ajena a eso. La gente que estaba metida eran los sindicalistas, los estudiantes, los intelectuales, los músicos, que transfiriendo a la realidad de hoy, son ciento ochenta millones de brasileros, ciento noventa millones, cuantos estudiantes, músicos e intelectuales hay en Brasil? Ocho, diez, quince millones! Te das cuenta? Entonces esos eran a los que perseguían! Y gente que se ajeno, que: - “bárbaro, no pasa nada!” - “El milagro brasiler!” En el 70, pero lo están pagando hasta hoy el “milagro brasilero”<sup>119</sup>.

E prossegue em sua interessante comparação entre como era viver entre duas ditaduras.

Yo me enteraba de algunas cosas que sucedían porque las procuraba, las buscaba. Pero si te quedabas quieto, en tu vida normal, cotidiana no pasaba nada en Brasil! No te enterabas de nada! En el Uruguay ya era diferente. A quien no le allanaron la casa en Montevideo, o en el interior? Acá era imposible allanar todas las casas de todas ciudades de todo Brasil. Allá te tocaba, cerraban un barrio e allanaban casa por casa! Es diferente, es diferente. No se puede comparar. Ahora, la dictadura brasiler fue cruel también!<sup>120</sup>

Para os que vieram para o Brasil em idade mais precoce, como Paulo, esse comparativo não lhes é possível. Paulo relatou acima sua dificuldade em entrar em contato com coisas que remetam à ditadura, mas fica evidente por suas palavras que esse desconforto foi herdado, pois em relação ao Brasil, onde cresceu, não tem registros semelhantes.

<sup>119</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>120</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

Eu comecei a ter registros de elementos políticos, quando terminou a ditadura. Me lembro do Figueiredo, mas não me lembro dele como ditador. Eu não juntava A com B na época, era muito criança. Quando comecei a juntar as coisas já tinha eleições indiretas. Então não tenho registros da ditadura no Brasil<sup>121</sup>.

Está claro que o cotidiano da violência foi bem mais sentido entre os uruguaios, não só pelas características do regime como também pelas características do país, como destacou anteriormente Gozalbo. Um exemplo dessa vivência é relatado por Maria Pia.

Yo me acuerdo, que, claro, todas nosotros en muchachadas, Malvin y Punta Gorda, no? Y yo estudie en esa época en 74 estaba estudiando en Santa Rita, y, sabes esas motocicletas, no? Yo estaba *junto com um companheiro* y llendo a la casa de otros amigos. Y de repente vinieron las “chanchitas”, los milicos y nos cercaron! Y tu tenias 15 años aí! Yo que sé, tenia 15, 16, fue en el 74, 75. Y los tipos, así! (faz gesto como apontando um fuzil) y *aí* vino un coche negro, y bajaron y tenían una foto, y miraban para este compañero, miraban la foto, miraban a el, miraban la foto, miraban a el. Dijo: “No, no es el.” Se fueron! *E aí* tu te quedas así!!! Quedamos como... Los dos miramos, nos agarramos un jabón impresionante!<sup>122</sup>

A entrevistada, ao relatar como foi viver seus primeiros anos no Brasil, demonstra que apesar do país viver um regime semelhante, em termos de controle social e repressão, as circunstâncias foram outras.

*A ditadura aquí no Brasil no era tan dura, o sea, nós tamos dizendo, aquí en Pelotas, Rio Grande, no fue tan dura porque *estavamos longe, né?**<sup>123</sup>

A distância a que se refere Maria é aos grandes centros, como Rio de Janeiro, São Paulo, ou mesmo Porto Alegre, onde a repressão e a resistência se faziam sentir com mais intensidade. O convívio com a repressão, tanto num país como no outro foram, de alguma forma, assimilados pelos filhos destes imigrantes. Paulo também estabelece seu comparativo entre como percebeu esse período entre as duas nações

[...] além de o Uruguai ser um país pequeno, não tem família que não tenha algum conhecido, algum parente desaparecido, ou preso, entende? De alguma forma viveram as consequências da ditadura. No Brasil não. No

<sup>121</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>122</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>123</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

Brasil, a grande maioria da população não sabe que existia a ditadura, mas não viveu... sabia que era um tempo em que existia menos crimes, mas também havia mais milicos do que gente na rua! Mas não chegaram a se melindrar com as restrições das liberdades individuais, de manifestação. Então foi de outra forma, talvez por isso mesmo né? Por carecer de uma formação que levasse a ter uma participação na vida política do país.<sup>124</sup>

Por terem conhecimento subjetivo das dores que essas lembranças podem trazer a seus pais, evitam conversar sobre o tema em família. Quando isso ocorre, deve-se mais por iniciativa dos próprios pais, onde os filhos podem atrever-se a fazer questionamentos, mas sabendo de antemão até onde podem ir. Indagado se era comum tratar sobre essa época nos assuntos familiares, Paulo responde:

Não. Não, pelo contrário, era um tabu em casa. Eu nunca ouvi relatos dessas dificuldades do meu pai, por exemplo. Parece que... da mãe sim. Do pai não<sup>125</sup>.

Ao calar sobre informações a respeito de seu passado, os pais na intenção de evitar compartilhar esses dramas com seus filhos, por outro lado lhes impedem o conhecimento sobre suas próprias histórias que lhes podem permitir a elaboração de suas narrativas e interpretações do que lhes foi cabido viver, alienando-os, tornando-os estranhos do próprio passado. Resta observar como todas essas percepções foram apreendidas e o quanto interferiu ou não na conformação de suas identidades.

## 5.2. Yo no sé de onde soy: a autodefinição

Maria Pia quando questionada sobre com que lugar mais se identifica, arrolou diversos países por onde viveu, entendendo que se por um lado não se define por uma, ao mesmo tempo congrega todas, pois configuram hoje parte do que é:

Yo creo que soy una ciudadana del mundo. Tengo un poquito de uruguay, un poquito de brasileiro, un poquito de italiano, un poquito de española, un poquito de cada cosa. *Toy llegando a conclusión!* Creo que soy ciudadana del mundo! Me gusta Uruguay porque estoy en Uruguay, pero no... (pensando) Porque nací! Porque me gusta mi paisito, pero llegue la

<sup>124</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

<sup>125</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.



conclusión que nosotros que salimos por una circunstancia perdimos muchas cosas<sup>126</sup>.

Suas palavras ajudam a compreender a definição de *tradução* definida por Hall (2006) quando se refere a constituição de identidades “que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersas* para sempre de sua terra natal” (HALL, 2006; p. 88).

Por seu turno, também revela esse desapego por uma localidade que possa servir de referência como sendo sua.

Eu sou um pouco cigana. Já andei por vários lugares. Não sou árvore pra ficar presa no lugar. Ah, eu gosto de ir e vir. Já morei no Paraná, já morei em Santa Maria, já voltei! Não, esse negócio de ficar muito.... não, não, não. É bom. E toda a vez que tu faz uma mudança tu faz uma sacudida na tua vida. Coisa boa!<sup>127</sup>

Apesar de demonstrar satisfação com a possibilidade de sempre renovar com uma nova partida, revela mais adiante em sua conversa esses elementos sutis que sentem todos aqueles que a cada saída também marca um começo de rupturas e perdas, como é possível perceber na sequência:

Sério, sabe, é difícil, eu não consigo me sentir nem de lá nem daqui, nem de um lugar, nem de outro, eu não consigo, mesmo. Então sempre que alguém me fala eu digo assim: “eu sou uma cigana, eu me sinto uma cigana.” Uma cigana pra definir pessoas que viajam e que vão. Porque assim eu não vou afetar ninguém e também não vou ficar esperando uma inserção que não vai vir, ou eu acho que é uma defesa, entende? Aí tu prefere te definir como alguém que está sempre com a mala pronta, até pra não ter que, - eu estou falando em nível psicológico – até pra ti não ter... Porque também assim, parece meio simplório tu falar dessas coisas de como tu te sentes, de como tu... Isso é simplório. Essa é uma coisa simplória, tu dizer que não te sente aceita<sup>128</sup>.

Nicol refere-se ao processo de desenraizamento descrito por Martins (2002). A declaração de Nicol aproxima-se das afirmações de Bauman sobre esse mesmo processo:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que

<sup>126</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>127</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

<sup>128</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer, e barganhar. (BAUNAN; 2005, p. 19)

A inserção passa por diferentes interesses que podem estar associadas a afinidades com o local de adoção à inclusão no mercado de trabalho. Também os filhos carregam consigo a dúvida sobre as escolhas de seus pais.

Só que claro, hoje, eu não sei se foi a melhor escolha, né? Porque eu acho que tem tanta oportunidade lá também. Apesar de que as pessoas vão embora, mas eu acho que há oportunidades. Olha o que é a educação!<sup>129</sup>

A nostalgia do retorno entre os filhos é distinta em relação às que podem apresentar os adultos, os migrantes diretos. Estes últimos podem alimentar uma melancolia com um passado que não é possível reconstituir. O Uruguai que deixaram mantém-se congelado em suas memórias. Os filhos não tiveram essa vivência, ou foi construída de forma diferente.

Mas aí tu te analisa e tu diz assim: “Mas eu não gostaria de voltar pro Uruguai!” “Eu não gostaria de morar no Uruguai”. Ne? Então há uma contradição, que ele quer se sentir parte, ele quer se sentir urguai, mas não gostaria de voltar pro Uruguai. Não sei se talvez pela condição de vida já adquirida<sup>130</sup>.

De forma semelhante pensa Paulo, embora viva uma constante nostalgia e admiração por uma terra da qual pouco conviveu, entende também que não é seu lugar, já que além de constituir sua vida profissional no Brasil sabe que as condições no Uruguai seriam mais complicadas, uma análise feita a partir de constatações com parentes que permaneceram.

Então o que eu não gosto a falta de qualidade de vida, de acesso a coisas que meus primos não têm como usufruir, por exemplo, que eu posso usufruir com mais facilidade aqui. Fora isso, não sei se tem outras coisas que eu não goste<sup>131</sup>.

---

<sup>129</sup> Nicol Karina Videla, entrevistada em 21 de julho de 2010.

<sup>130</sup> Javier Eduardo Silveira Luzardo, entrevistado em 19 de fevereiro de 2010.

<sup>131</sup> Paulo Roldan Pinto, entrevistado em 11 de novembro de 2010.

Apesar de manifestarem a possibilidade de um dia retornar, isto estaria condicionado a outras condições, como lugar para descanso na aposentadoria, por exemplo. O país não é visto como local de oportunidades. Maria Pia conviveu durante seu desterro com intensas saudades de Montevideu, porém tem consciência de que aquelas ruas não são mais as mesmas, não alimenta a ilusão de um retorno ao passado, sofre como qualquer outro imigrante a consequência do desterro e se pensa em retornar isto se dará para outro lugar de seu país de origem, em outro momento de sua vida, apesar de não estar completamente convencida do projeto.

Mira, el otro día había comentado con Mara! Estaba comentando con ella, y creo que estaba diciendo que, ahora cuando fui, les dije a mis padres: "Ai, voy a buscar unas casas cerca de las playas por aquí!" "Creo que voy a comprar una casa por aquí!" Y aquí me jubilo y me voy para Uruguay! No a Montevideo. Sino a una playa. Lo digo, pero no se si lo voy a hacer<sup>132</sup>.

Conviver e trabalhar com duas identidades em região de fronteira dentro dos conceitos que se adotou para este trabalho parece amenizar essas questões que envolvem saudades com os vínculos de seus lugares de origem. Essa negociação com novas tradições e culturas foi processada no tempo, no território e continuam a ser pelos protagonistas da experiência migratória. São personagens que vivem novas culturas sem abandonar por completo suas identidades originais, definindo-se por isso mesmo como indivíduos híbridos.

Sí, yo me siento un brasiguayo así o sea estoy dividido, se me preguntaba eso hace quince años atrás te diría que era uruguayo y tchau no quería ni saber, después que empesas a vivir más en un lugar lo ves que tienes que amar el lugar donde vivís! Por qué vas a odiar el lugar donde vivís si te tratan bien, no! No es por ahí<sup>133</sup>.

Para o grupo mais antigo, formado por quem viveu os anos 60 e 70, as idiosincrasias dessa época ainda constituem os discursos relativos ao caráter latinoamericano de todos os povos do continente, entendendo que as divisas são artificiais e devem ser rompidas.

Mira, yo tengo un sentimiento... Primero por mi formación política, soy internacionalista, para mi no existe... Claro, mi nacionalidad es uruguayo, y no la niego y no la voy a negar nunca en la vida, pero después, el pampa es lo que más me agarra. Esta región de ahí, *la Patria grande. La Pátria chica*, lo

<sup>132</sup> Maria Pia Sassi, entrevistada em 23 de fevereiro de 2010.

<sup>133</sup> Diogo Guerra entrevistado em 19 de novembro de 2010.

que diría Artigas, Las Provincias Unidas. Esto para mi, es mi Patria también, Latinoamérica. Es decir, de... Se ha trabajado mucho, y en ese sentido fueron maestros, en los sentidos de separar los pueblos acá, justamente porque “dividís y vencerás!”. Pero, eso hay que romperlo, que el porteño, que el brazuka, que el chileno, eso es una cultura que hay que destruirla porque nosotros somos latinoamericanos. Tenemos las mismas raíces<sup>134</sup>.

Em seguida, o entrevistado deixa entrever que apesar de suas convicções ideológicas, constrói sua identidade a partir de referências de territorialidade como definido por Tânia Zapata (2007), ao contestar críticas feitas por conterrâneos aos brasileiros.

Y hacen treinta años que están acá y dicen: “Pero estos brasileiros!” Pará una cosa, ahí hay mucha cosa para discutir: Primero, estos brasileiros te tan dando de comer hace treinta años! Ahí precisas un poco de respectu, porque no podes escupir en el plato que estás comiendo. Segundo, estos brasileiros de Camaquã para arriba, los de acá no son brasileiros, son *gaúchos*, son del pampa! Yo lo siento así, y ellos lo sienten así. Por eso és muy difícil, viste...<sup>135</sup>

Nem daqui, nem de lá, brasiguaios, latinoamericanos, ciganos, cidadãos do mundo e finalmente gaúchos do pampa, são as diversas autodefinições adotadas por indivíduos que se acostumaram a conviver com diferentes culturas sem abrir mão de suas origens. As circunstâncias de suas saídas podem ser diversas e estabelecer diferentes formas de relacionar-se com o passado pessoal mobilizando diferentes emoções, sentimentos difíceis de traduzir.

Se a identidade é funcional e construída no tempo, vivemos um novo momento político e cultural que tem direta vinculação com esta região de fronteira, de contato entre os dois países. Esse momento atual extrapola os discursos em torno de um mercado comum, a nova conjuntura política nos dois países, com governos de esquerda sob lideranças que estão vinculadas às lutas dos anos de chumbo, com Dilma Rousseff no Brasil e Pepe Mujica no Uruguai, abrem novas oportunidades de discussão sobre esse período sombrio do continente. Entre as políticas adotadas está o fortalecimento dos laços entre a região de fronteira, com acordos de cooperação bilateral tanto na área econômica como tecnológica, como a criação das escolas de fronteira.

<sup>134</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

<sup>135</sup> Eduardo Maria Pereira Gozalbo, entrevistado em 02 de março de 2010.

Adverte Boaventura Santos, que a “globalização do capital ocorre simultaneamente com a localização do operariado” (SANTOS; 1997, 147). Talvez encontre-se nessas iniciativas que valorizam as características e experiências de uma região formada por intensos intercâmbios, um caminho para os desafios impostos pela atual ordem mundial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### MI PÁTRIA ES MI INFANCIA

Ao longo do transcurso desta pesquisa, foi possível verificar que abordar temas como identidade e memória em contexto de imigração, é por si só matéria de difícil análise, justamente por se tratar de um fenômeno multifacetado e como tal complexo.

Neste estudo, entre diferentes aspectos passíveis de serem analisados, foi considerado como os indivíduos envolvidos nesse processo empregaram distintas estratégias na construção de suas auto representações, buscando sua inserção na sociedade de destino e como esta se deu.

As intensas transformações ocorridas no mundo contemporâneo, em especial nos últimos quarenta anos, tiveram significativas repercussões na vida e na subjetividade dos sujeitos, abalando conceitos, ideologias, convicções e promovendo questionamentos quanto à identidade. A opção por trabalhar com filhos de imigrantes caminhou na perspectiva de renovar o debate.

Nem de cá e nem de lá é a sensação compartilhada e de definição comum adotada entre muitos dos protagonistas desta pesquisa. O diálogo constante entre duas culturas, entre o “aqui” e o “lá” feito em família, foi a maneira encontrada para descrever suas afinidades e sentimentos quanto à identificação cultural. Depois de transcorridos vários anos de convívio com a terra de acolhida, tendo absorvido diversos elementos da cultura local que se mesclaram àqueles trazidos consigo, essa expressão deixa entrever uma constante negociação com suas identidades.

É inquestionável o valor que a infância possui na formação do indivíduo. No caso que este estudo se ocupa, os vínculos que permitem descrever e definir um pertencimento sempre estiveram associados a esse importante período da vida. Para certos entrevistados, a perda de alguns referencias, como o contato com os

amigos, *la barra*, ou o falecimento de familiares produzem a sensação de ruptura, de um distanciamento, não necessariamente geográfico, porém afetivo e identitário. Em seus relatos sutilmente deixam entrever que não desejam exatamente retornar a um lugar, mas sim a uma época, que já não está mais.

Muitos desses personagens, apesar de terem vindo muito cedo ou mesmo tendo nascido no Brasil, seguem mantendo laços afetivos que os vinculam com o país de procedência ou de seus familiares. Na medida em que esses laços vão deixando de existir, vai se processando uma nostalgia de um retorno, feito por reminiscências, a um lugar que existe em suas lembranças na forma de um tempo idealizado.

Nas palavras de Maria Pia, quanto questionada se pretendia retornar ao país de origem, demonstra que se o fizer seria para uma praia e não para Montevidéu. De outra forma Paulo Pinto demonstra que visitar algumas cidades de sua terra natal não é mais que um passeio. Diogo e Javier, por sua vez, mesmo retornando sempre que possível ao Uruguai, deixaram claro, assim como os demais, que seus vínculos estão aqui.

Entre os entrevistados não se identificou propriamente uma crise de identidade, uma vez que deixaram claro que estão muito bem integrados à sociedade receptora sem nunca terem deixado de manter vínculos com o Uruguai. ‘

O número de entrevistados ficou aquém do inicialmente previsto no início do projeto. Mesmo assim, as que aqui foram apresentadas têm um caráter indiciário, apontando para o acontecido com alguns indivíduos, no entanto, a realidade desses personagens é o que pode ter acontecido com tantos outros. É dessa forma a descrição de um fenômeno mais amplo, que envolveu milhares de pessoas.

Para efeito de conclusão, pode-se estabelecer algumas considerações sobre o tema. Um deles diz respeito aos movimentos migratórios das últimas décadas, que exigem um repensar mais amplo para que se possa abranger outros aspectos que estão no cerne de um fenômeno, cada vez mais presente neste início de século. Não é mais suficiente categorizar as razões dos deslocamentos populacionais apenas dentro da teoria do push-pull, embora esta se mantenha válida. No estudo em questão, valorizou-se a teoria das redes sociais como um dos principais fatores de atração de uruguaios para esta região Sul do Brasil.

O estudo mostrou-se pertinente em diversos aspectos, pois o atual fenômeno migratório acompanha a complexidade da chamada pós-modernidade

contemporânea, não apresentando parâmetros de análise com outros movimentos precedentes, uma vez que o compasso da integração econômica e política mundial é cada vez mais intenso. Evidentemente que não se encerram neste estudo todos esses elementos.

Outro aspecto que deve ser levado em conta são as implicações desse fenômeno. Se as identidades nacionais ainda se mantêm fortes no que diz respeito às questões legais, envolvendo cidadania, por outro é perceptível que mecanismos de identificação com base em aspectos locais e regionais vão sendo construídos e ganhando cada vez mais espaços. Entre o global e o local, a identidade nacional por vezes mostra-se diluída.

Nesse sentido é importante ressaltar que esta pesquisa foi possível nesta região de fronteira, onde a presença de uruguaios na cidade de Pelotas sempre foi significativa e constante. Algumas considerações apresentadas ao longo dos capítulos, como a identificação com a cultura gaúcha, talvez encontre variações em outras regiões do Rio Grande do Sul ou do país.

A proximidade cultural e geográfica foi um dos fatores apresentados para explicar a dificuldade em manter grupos ou organizações representativas dessa nacionalidade. No entanto em algumas falas verificou-se que elementos, como sociais e culturais também podem estar presentes complicando essas associações. Elas não se fazem necessárias no momento atual e quando existiram, foram determinadas por circunstâncias, como a conjuntura política do Uruguai que exigiu a mobilização de seus cidadãos na luta pela retomada e consolidação da democracia, tanto dentro como fora do país.

É o que se depreende das afirmações de Eduardo Gozalbo, quando afirma ter uma identidade com o *gaúcho do pampa*, definindo-o a partir de um território estabelecido por sua subjetividade. Assim como ele, outros entrevistados encontram nas características de uma região de fronteira o espaço que lhes permite um trânsito, um ir e vir, pois esta é uma zona que dificulta estabelecer uma identificação.

Ao se auto definir, os entrevistados alargam suas referências muito além dos limites territoriais entre Brasil e Uruguai, estendendo-se ao resto do continente, como *identidade latinoamericana* descrita por Javier, ou cidadãos do mundo, como Maria Pia. Mas o quanto desses discursos não estão fundados em representações construídas por movimentos políticos e culturais dos anos de 1960 e 1970?



Percebe-se que buscar uma identidade nata é uma “tarefa intimidadora de alcançar o impossível” como afirma Bauman (2005), já que elas maturam no tempo, ao longo da trajetória de nossas vidas, em especial tratando-se de filhos de imigrantes.

Se identificação e diferenciação fazem parte do mesmo processo, Gozalbo construiu uma categorização para definir os habitantes da região meridional do Rio Grande do Sul como “menos brasileiros” que os outros. Esta situação relacional, entre o “nós gaúchos” e os “outros” permitiu-lhe incluir-se. Os entrevistados, ao sofrerem com o processo de ruptura imposto pelo deslocamento, buscaram redefinir seus vínculos a partir de elementos que os associem a uma coletividade imaginária, que se torna tanto maior quando se trata de um território de fronteira, com uma sociedade cindida dentre duas culturas e histórias comuns.

Disso resulta outro aspecto observado neste estudo, isto é, a invisibilidade desse movimento migratório. O mimetismo possibilitado por hábitos e costumes muito próximos que terminou por amalgamar identidades.

Por outro lado, foi possível apurar que mesmo não sendo inata, a ausência de uma identidade nacional provoca uma perda subjetiva, como as que se perceberam neste trabalho, em especial nos filhos de imigrantes uruguaios vindos em diferentes circunstâncias; há o desejo de encontrar um pertencimento que lhes permita construir uma identidade que dificilmente terá como base o princípio da nacionalidade. Se as nações são comunidades imaginadas, como defende Anderson (2008), elas são constituídas a partir de uma compreensão coletiva, que necessita dos mitos integradores, os quais permitem identificar laços de camaradagem, de afinidade, de solidariedade. Eles são culturalmente construídos e adaptados conforme as circunstâncias da época, resignificando um passado dito comum. É a construção desses elementos que constituem a identidade cultural, a brasilidade ou a *orientalidad*.

Essa perda é inerente a todos que se deslocam, é o que define como processo de desenraizamento, porém dependendo do contexto e da forma como este procedimento ocorre, pode deixar outros significados, como o assinalado entre aqueles que vieram no período de ditadura.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho foram surgindo novos questionamentos. O leque de enfoques tornou-se amplo, indicando para a necessidade de ampliar o debate acerca de diversos elementos que estão inseridos

no contexto dos deslocamentos populacionais principalmente entre os chamados povos vizinhos.

As diferentes vivências sobre o recente período ditatorial mereceriam uma pesquisa a parte. Alguns dos entrevistados nasceram no Uruguai, todavia se transferiram com poucos anos de vida para o Brasil. Esse fato, ao qual podemos acrescentar operações seletivas da memória, além de lhes dificultar encontrar no próprio passado uma compreensão dos acontecimentos que foram decisivos em suas vidas, impedem uma maior identificação com a nacionalidade uruguaia. Podem definir-se como sendo, sem sentir que são. Na medida em que buscam essa identidade declaram em diversos momentos de suas narrativas todo um trabalho de (re)construção dessa. Outros, apesar de terem migrado em idade suficiente para acompanhar os episódios que marcaram suas saídas, se infringiram uma autocensura por longos anos, que somente agora se permitem falar.

A experiência vivida manifestou-se em narrativas traumáticas, assimilada conforme a subjetividade de cada um de forma distinta por essas crianças e jovens. O contexto histórico e político atual do continente latinoamericano, com a chegada ao poder de partidos de esquerda e de grupos opositores ao regime ditatorial, abriu um processo de discussão sobre esse passado recente, possibilitando a reconstrução de uma memória por muito emudecida. Existe uma predisposição ou ao menos uma vontade em romper com esse silêncio, e com isso as condições para que se produzam os testemunhos, provocando o que Pollack (1989) denomina de memória em disputa. É uma memória social mantida na tradição oral, repassada de geração à geração, aguardando o momento propício para ter o direito de serem expressas.

No entanto, é necessário também quebrar com este silêncio imposto por um pacto familiar que aponta para algo e está presente nos dois grupos, naqueles que se denominou de *filhos da ditadura*, que se viram forçados a emigrar e aqueles que vieram por outros motivos, mas ao longo das narrativas foi possível perceber que a ditadura também os marcou, perceptível em expressões, como a alcunha que lhes é atribuída de *tupamaros*, que adquiriram outra conotação neste novo contexto, diferentemente do que ocorria com os que conviveram com a ditadura cívico-militar.

Portanto, este trabalho não se pretende conclusivo, antes pode ser considerado como uma tentativa de lançar um breve olhar sobre um passado recente e que requer uma importante demanda atual.

Que essa história, contada por mim neste momento, possa contribuir para novas possibilidades de estudo vinculadas às diferentes nacionalidades, que compõe o multiculturalismo da sociedade brasileira.

## FONTES

### Orais:

- Entrevista realizada pelo autor com Ariel Roja Portes e Nelly Fagundez Fernandez de Roja, em 15 de janeiro de 2010, em sua residência
- Entrevista realizada pelo autor com Maria Pia Sassi, em 23/02/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Javier Eduardo Silveira Luzardo, em 19/02/10, no seu local de trabalho, no CEAD/UFPEL.
- Entrevista realizada pelo autor com Eduardo Maria Pereira Gozalbo, em 02/03/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Nicol Karina Videla, em 21/07/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Paulo Roldan Pinto, em 11/11/10, em uma parrillada.
- Entrevista realizada pelo autor com Janaína Guerra em 17/11/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Diogo Guerra em 19/11/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor em parceria com Ana Maria Sosa, com Álvaro Otero, Cônsul do Uruguai em Pelotas, em 26/05/11 na sede do consulado.

### Escritas:

- “COOJORNAL” especial, Porto Alegre, Ago, 1979. Acervo pessoal.

## Bibliográficas

AÍNSA, Fernando. **Espacios de la memória. Lugares y paisajes de la cultura uruguaya.** Montevideo: Ediciones Trilce, 2008.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKI, Carla Bassanezi. (org) **Fontes Históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONFANTI, Daniele. Población y territorio: família, migración y urbanización. In. **Historia del Uruguay em el siglo XX (1890-2005).** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2.ed. 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memoria.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In. FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** São Paulo, Edusc, 1998.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti (et al.) **Migração e identidade: olhares sobre o tema.** São Paulo: Centauro, 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ETCHEVERRY, Daniel. **Identidade não é documento: Narrativas de rupturas e continuidade nas migrações contemporâneas.** 2007. 173f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

FENELLON, Dea; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo e KHOURY, Yara (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'água, 2004, p. 296-313.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FREGA, Ana. (et al.) **Historia del Uruguay em el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo, Associação Editora Humanitas, 2006.

GILL, Lorena, Almeida. **O mal do século. Tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930**. Pelotas: EDUCAT, 2007.

GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: Inmigración uruguaya en Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:PPGH/RUC-RS, 2006, 451f.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KLEIN, Fernando. **La Emigración de los Uruguayos o el "Otro" Excluido**. Disponível em: <http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/pu/La%20Emigraci%C3%B3n%20en%20Uruguay%20o%20el%20Otro%20Excluido.%20Lic.%20Klein.pdf>

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral e Migração. IN: **Oralidades: Revista de História Oral**. São Paulo: NEHO, jul/dez 2007, nº 2, pp.19-20.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MEIHY, Jose e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NAHUM, Benjamin et al. **História Uruguaya**. Vol. 8, 1958-1973, Montevideo, EBO, 1994.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança nacional. Uruguai (1968-1985) do Pachecato à Ditadura Civil-Militar.** Doutorado em História. UFRGS, Porto Alegre, 2005.

PAULILO, Maria Angela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a História de vida.** Disponível em: [http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v2n1\\_pesquisa.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm)

PELLEGRINO, A., INJU. CEPAL; “**La propensión migratoria de los jóvenes uruguayos**”; INJU; Montevideo; 1994.

PELLEGRINO, A. **¿Drenaje o éxodo? Reflexiones sobre la migración calificada.** Disponível em: [http://www.universidadur.edu.uy/bibliotecas/trabajos\\_rectorado/doc\\_tr12.pdf](http://www.universidadur.edu.uy/bibliotecas/trabajos_rectorado/doc_tr12.pdf)

POCHMANN, Marcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu.** São Paulo: Boitempo, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PORTA, Cristina. La segunda generación: los hijos del exílio. In: BIELOUS, Silvia Dutrénit. **El Uruguay del exílio. Gente, circunstancias, escenarios.** Montevideo: Ediciones Trilce, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo (15), abril 1997, p. 13-33.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo e KHOURY, Yara (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias.** São Paulo: Editora Olho d'água, 2004, p. 296-313.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Democracia e Autoritarismo na América Latina do Século XIX. IN: OLIVEIRA, C.H.S., PRADO, M.L.C., JANOTTI, M.L.M. (orgs.) **A História na Política, a Política na História.** São Paulo: Alameda, 2006.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROCHA-TRINDADE, Maria Inês. Recriação de identidades em contextos de migração. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (org.) **Discutindo Identidades.** São Paulo: Humanitas/CERAU, 2006.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Mareita de Moraes (org) **Usos e abusos da história oral.** 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RUIZ, Esther. El “Uruguay próspero” y su crisis. 1946-1964. In. **Historia del Uruguay em el siglo XX (1890-2005).** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

SAN MARTIN, Magdalena Broquetas. Liberalización econômica, dictadura y resistència. 1965-1985. In **Historia del Uruguay em el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração. Ou os Paradoxos da Alteridade**. SP: Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. Estudo sobre reelaboração e segmentação da identidade étnica. **Cadernos Ceru**, série 2, n.13, 2002, p. 9-36.

SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães da. **“Um pé aqui e outra lá”: Experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios**. 2010. 105f. Dissertação de (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 8. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**. São Paulo: Globo, 1998.

VIERTLER, Renate B. Estudos sobre “identidade”. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (org.) **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERAU, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UCHA, Danilo. **Diretas Lá**. Porto Alegre: Tchê, 1984.

WODWARD, Katharyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 8. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

WONSEWER, Israel e TEJA, Ana Maria. **La emigración uruguaya. 1963-1975**, Montevideo, CINVE-EBO, 1985.

ZAPATA, Tânia, AMORIN, Mônica, ARNS, Paulo César. **Desenvolvimento territorial à distância**. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2007.